



AINDA NÃO TE
DISSE NADA

MAURICIO GOMYDE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AINDA NÃO TE DISSE NADA

MAURICIO GOMYDE





Copyright © 2012 by Maurício Gomyde

Editor & Consultor: James McSill (James@mcsill.com)

Capa: Pedro Porto (pedroportoportfolio@gmail.com)

Foto: Junior Aragão (junioraragao01@gmail.com)

Revisão: Rita Ibarra

Revisão Literária das cartas em português (Portugal): Ana Mascarenhas (www.anademascarenhas.blogspot.com)

Revisão Francês: Milena Chauvet (milenachauvet@gmail.com)

Revisão Italiano: Solange Menegale Piasentin
(solange@menegale.com.br)

Diagramação: Helkton Gomes (helkton@hotmail.com)

Impressão: Brasília Artes Gráficas

Selo Editorial: Porto71 (mauriciogomyde@gmail.com)

Ainda não te disse nada. Mauricio Gomyde. Brasília,DF. Brasília Artes Gráficas. 1ª Edição.

236 p.

ISBN: 978-85-911840-1-9

1 - Romance



mauriciogomyde.com



mauriciogomyde@gmail.com



facebook.com/MauricioGomydeEscritor



@mauriciogomyde

Para a trilha sonora, lista "Ainda não te disse nada" em:



youtube.com/user/gomydemaucio



skoob.com.br/livro/191657

Para a Família M

Agradeço, de coração, à Mi, Ma e Manu, pelo amor, paciência e dedicação infinitos; à minha mãe Ana Amélia, meu pai Antônio Fernando, André, Ju, Bilu, Letícia, Lucas, Fernanda, Sophia e Mariah, pela enorme torcida; ao Carlito e Marta, pelo apoio diário; ao Batt, Benjamin e Clemens, pelas infindáveis conversas sobre literatura; à Ritinha, pela excelência e ótimos comentários; à Ana Olga, Milena e Solange, pela ajuda e rapidez com as adaptações; ao Pedro, irmão e companheiro de trabalho, pela competência cada dia maior; ao Junior, pelo bom-humor gigante e por sempre comprar as ideias; ao James, pela maestria e sabedoria em expandir meus horizontes literários; a todos os que são inspiração diária para tudo que escrevo.

Aos meus companheiros da República dos Escritores



Por fim, em especial a todos os blogueiros, pelas parcerias.

Sem eles, eu não estaria aqui hoje.

A relação completa dos blogs está em:

mauriciogomyde.com/p/blogs-parceiros.html

"Não sei se há pessoas que nascem umas para as outras, mas tenho a certeza que há pessoas que crescem e se acertam umas para as outras. E esse mistério alquímico é uma dádiva extraordinária."

(Margarida Rebelo Pinto)

Nunca havia sido o sonho de Marina
trabalhar numa agência dos Correios.

Ela não queria levar e trazer histórias.

Queria ser uma história...

1

Vila Nova de Gaia, Portugal — 30 de novembro de 2012.

- Você acha justo mexer com o sentimento das pessoas?
- Bem sabes que não foi isso o que fiz.
- Tem certeza?
 - Diga-me uma coisa... Desde quando generosidade é pecado?
- Apenas tive consideração...
 - Ah, tá bom... Consideração! Parabéns! E pensou que seria fácil se esconder por tanto tempo?
 - Cumpri o prometido, nada mais. Não o fiz por mal.
 - Olha, saiba você que... — Ela se segurou para não chorar na frente dele. — Não vai mais ter carta nenhuma, de ninguém pra ninguém...

2

Julia conferiu tudo, se o destinatário, o remetente e o endereço estavam escritos corretamente no envelope branco. Pausou antes de dobrar a carta. Respirou com dificuldade.

"Querida Loreta,

Como dizem os apaixonados, o amor jamais sucumbe ao tempo. Não há invenção mais sólida que este sentimento imperecível. Não teria razão de acabar dentro de mim, jamais esquecerei nosso tempo juntos. Tempo em que o mundo era calmo, as pessoas não se deixavam levar pela velocidade dos dias e das noites. Como é bom saber que você pensava em mim, e perfeita a sensação de ter aqui seu coração, mesmo distante! Quantos belos momentos passamos juntos, meu amor, quando deitávamos sob as árvores à espera do sol ir embora e ali ficávamos, suspensos no tempo, ao som do dueto feito pelo vento e nossas respirações! Sinto saudades, querida Loreta.

Você estará para sempre comigo.

Do seu, Victor".

Ela fechou o papel dentro, passou a cola bastão, pediu a conta. Tomou o restante do café gelado, jogou o copo descartável na lixeira. Mais uma etapa do trabalho foi cumprida. Precisava correr. O tempo nunca espera, é cruel. Ainda mais quando diz respeito a assuntos do coração. Naquelas palavras, sentia que poderia aplacar o sentimento de abandono em que vivia Loreta.

3

Marina até poderia ter continuado na pequena São Pedro da Serra, onde, desde sempre, sua família morou. Assumir a padaria, sustento dos pais, o caminho natural para a vida. Sossego, o grande objetivo. Família, silêncio, certeza, companheiros inseparáveis ao longo da trajetória.

Mas tudo o que ela não queria era ter certeza das coisas.

Queria ir embora daquele marasmo sem fim. Não queria virar padeira. O projeto era viver o mundo da moda, vestir pessoas chiques, surpreender com combinações inimagináveis, ser admirada por seu bom gosto. O passaporte que a levaria a uma vida fascinante. O ofício aprendido desde pequena com a avó, quando sentava a seu lado e costurava as roupas das bonecas do jeito que a velha fazia nas roupas da família, ganhou lugar insubstituível na parte do destino que lhe cabia interferir.

De modo que, aos vinte e um anos e chegada a hora de, enfim, ser coroada "Padeira Oficial da família Albertini", ela informou, num almoço dominical, em meio a pedaços de miolo de pão amassados entre o suor dos dedos e o prato de macarronada ainda intocado, logo após a oração:

— Vou embora!

— Mas você nem começou a comer, minha filha.

— Vou mudar desta cidade.

— ãhn?

— Quero ir pra São Paulo. Não quero ser padeira. Nem pão eu como, mãe.

— Mas esse sempre foi o sonho do seu pai, *amore mio!*

O pai nem tocou no assunto.

Desde quando Marina nasceu, ele sempre soube: de padeira ela não tinha nada.

4

Muitas das empresas que lotavam os arranha-céus da Avenida Paulista usavam a grande agência dos Correios encravada na esquina da rua Vargas.

Do balcão de atendimento, através dos janelões envidraçados, Marina deparava-se com todo mundo a correr, no vaivém característico dos grandes centros. Homens de terno, valises nas mãos, *boys* de empresas, documentos sob os braços, mulheres tentando se equilibrar sobre os saltos, ambulantes, panfleteiros.

O salário cobria a conta exata do aluguel do pequeno apartamento e metade da mensalidade do curso de *Design* de Moda. Todo o resto precisava do dinheiro molhado pelo suor que o forno de pão colocava nas mãos do pai. Por escolha própria, cresceu bem antes do tempo, e, ainda aos vinte e cinco anos recém comemorados, era obrigada a aceitar a mesada. Sem chance de recusar. Anotava os valores, para devolver quando virasse uma estilista famosa.

Ela achava que soava bem, e sempre repetia para si mesma:
— Marina Albertini, estilista famosa...

5

*São Paulo, Brasil - 27 de janeiro de 2012.
Dez meses antes.*

— Bom dia, Dona Jane! Dá pra ver que a senhora tá com a cara bem melhor hoje — sorriu e beijou a amiga.

— É que os meus rins não me incomodaram tanto na noite passada. Mas só você mesmo pra achar bom um dia com esse sol enorme lá fora e a gente aqui na luta.

Marina não se espantou com o mau-humor característico da Dona Jane.

— É verdade. Mas podia ser pior. A gente podia nem ter emprego. E, se não fôssemos nós, muita gente não saberia notícias dos amigos. Talvez o mundo fosse chato demais.

— Ih, se depender de como as coisas vão, o mundo vai ficar uma chatice mesmo e não vai demorar é nada. Desde que inventaram a internet, os Correios viraram só um lugar pra despachar encomenda e pagar conta. Ninguém mais manda carta. Agora só querem saber de e-mail e sei mais lá o quê. O pior é que escrevem tudo errado e abreviado.

Marina deu risada.

— Ah, tudo na vida é um perde e ganha, vai. Não me imagino escrevendo carta à mão. O tempo é muito precioso hoje em dia. O verbo da evolução é "digitar", não "escrever". Digito e pá! — ela socou a palma da mão. — Mando e a pessoa recebe, na hora.

— Tá, evolução... Pra mim, isso é o fim dos tempos!

— E, de mais a mais, escrever com lápis e papel é chato, demora, se você erra tem que apagar. Ah, não, é muita canseira! E ainda dói o braço.

— Dói porque não usa. Que nem o cérebro da juventude, cada vez mais atrofiado. Hoje em dia, ninguém mais sabe escrever.

— Quem falou isso?

— Ah, é só jogar qualquer asneira que o computador corrige na hora, antes mesmo de a ignorância própria ser detectada. E eu tô pra ver, hoje em dia, alguém escrever com paixão, como no meu tempo.

— Como no meu tempo... Como no meu tempo... — Marina desdenhou. — Credo! Parece meu pai falando.

— Se você, que é estudante e inteligente, não me leva a sério, fico cada dia mais descrente do futuro da humanidade.

— Nossa, que pessimismo! A humanidade tem salvação, acredite. Mas me convenceu, não vou te contrariar. Prometo tentar escrever uma carta com paixão qualquer dia desses — levantou a sobrancelha e continuou: — Só que, antes, pega o endereço do meu ortopedista e o número do plano de saúde. Vai que eu tenho um troço no braço, né? — E caiu na gargalhada.

— Ih, desse jeito você nunca vai saber qual é o prazer de escrever... Fechar o envelope... Selar...

Marina acompanhou, de boca aberta, o ritmo das palavras da Dona Jane.

— ... Postar... Esperar a resposta por dias... Receber... Saborear a letra da pessoa... Imaginar o momento em que ela escreveu cada linha — Dona Jane olhou para cima, fechou os olhos, sorriu e continuou, lenta: — Não vai saber como é bom sentir a presença da pessoa ali... Naquele papel e...

— Mas receber e-mail de uma pessoa distante também é bom, ué! Pra mim, dá na mesma — Marina cortou a viagem da amiga.

— Ah, mas não tem nem comparação! A letra da pessoa diz muito sobre ela. No computador, a fonte é sempre a mesma, não importa se quem escreve é homem, mulher, novo, velho. No meu tempo...

— Ai, ai... Lá vem a senhora de novo. Os tempos mudam. Aposto cenzinho como hoje não entra uma pessoa sequer aqui pra colocar carta e, mesmo assim, a comunicação do mundo não vai mudar um milímetro.

— Eu não sou doida de apostar, mesmo que desse tudo pra te contrariar. Não posso me dar ao luxo de arriscar nem cinco reais.

Preciso guardar tudo pra aposentadoria que, aqui, você sabe, não anda nada boa.

— Pois é. A propósito, como tá o andamento do processo?

— Se Deus quiser, ano que vem eu saio.

— Sortuda!

—Depois de trinta anos, eu mereço, né? E vamos trabalhar, porque hoje o dia vai ser cheio.

Cinco minutos depois, a agência abriu. A primeira da fila, uma jovem bonita, ruiva, olhos azuis, veio direto ao caixa da Marina. Segurava um envelope pequeno, branco, escrito à caneta. Não disse nada. Despachou, pagou, foi embora.

Marina virou-se para a amiga e sussurrou, fazendo o sinal com as mãos:

— Incrível, uma carta! E tem jeito que foi escrita à moda antiga. Ainda bem que você não apostou! — E caiu na gargalhada.

O resto do dia foi só de encomendas e pagamentos de contas.

6

Marina dava risada das inúmeras cantadas que ouvia na rua. *Melhor do que ninguém me falar nada*, ela pensava. Os cabelos loiros e compridos emolduravam seu belíssimo rosto, decorado por um par de grandes olhos verde-claros e bochechas sempre rosadas, pela ação do sol que as pessoas de pele bem branca sofrem mais que o normal. O corpo alto e esguio revelava belas e provocantes curvas. Beleza estonteante em cem por cento das combinações cabelo-maquagem-roupa que escolhia. O pouco peito não era problema. Quando fosse uma estilista famosa colocaria silicone e tudo se resolveria.

— Marina Albertini, estilista famosa... — Ela repetia.

Morava numa rua quinze minutos a pé até o trabalho. Esburacada, mas arborizada. Rodeada de prédios em construção ou em reforma. Coisas do centro de uma cidade-mundo. Confusão que ela adorava.

O roteiro diário era simples.

O expediente na agência começava às nove. Isso dava folga para que levantasse cedo, desse duas voltas no quarteirão, tomasse o café, acessasse o computador, se arrumasse e saísse pela rua. Já ia vestida com o tradicional colete cáqui dos funcionários dos Correios sobre a blusa. Visual completado por saia, salto alto e bolsa a tiracolo. Dentro, o inseparável estojo de maquiagem. Brincos e colares, acessórios indispensáveis. O cabelo cada dia diferente. Ora trança, ora rabo de cavalo, ora solto ao vento.

Trabalhava por oito horas, mais uma hora corrida de almoço. Saía às dezoito e caminhava até a enorme livraria que ocupava quase um quarteirão da avenida. VOGUEs, ELLEs, BAZAARs, Cosmopolitans ou Marie Claires mandavam a cabeça da menina para o fantástico mundo da moda. Escolhia uma e ia direto ao chique Café rodeado de livros, de olho no relógio para não se atrasar para a faculdade.

Tornou-se amiga de Seu Patrício, o velhinho gente boa atendente do Café, desde que ela lhe passou dicas sobre o tempo e a temperatura exatos do forno, para que o *croissant* saísse o mais macio possível. De tal modo que ele era seu aliado, quando ela estirava o caderno de desenhos e copiava modelos das revistas. Copiar era um exercício. A cada dia melhorava o traço. Quando aparecia um atendente da livraria, Seu Patrício assobiava. Os dias passados dentro da padaria do pai tinham servido para alguma coisa, afinal.

Às quinze pras sete, corria escada rolante abaixo, devolvia a revista para a gôndola e alcançava o ponto a tempo de tomar o ônibus que a deixaria em cima da hora na faculdade.

7

Naquele mesmo dia, demorou dentro da livraria. Havia se encantado por um longo, costas nuas, *by* Giorgio Armani, que não poderia ter deixado de copiar em detalhes. Entrou atrasada na aula de Fotografia, nova matéria do último ano do curso de *Design* de Moda no *Istituto Europeo di Design, Scuola di Moda a San Paolo*. Sala escura, alunos em silêncio. No telão, uma série de fotografias. Comentários sobre a técnica utilizada na captação. Lente, luz, abertura do diafragma, exposição. Ângulos obtusos de modelos em suas posições habituais. Posições estranhas para quem não está acostumado. Parecia que iam se quebrar, tamanha magreza e envergamento do quadril.

As duas melhores amigas, como sempre, guardaram seu lugar.

— Por um gato desse eu largava tudo! — Sussurrou Thaís.

— Dá aqui o celular. Eu vou ligar pro Antônio agora, sua sem noção! — Devolveu Marina, enquanto sentava e dava uma risadinha, ameaçando estragar o namoro de três anos da amiga.

— Ei... Não se iluda não. Por um gato desse até o Antônio te largava. E silêncio aí as duas — soltou Francesca, a terceira parte do trio inseparável, para encerrar o diálogo que acontecia todas as vezes em que o professor chegava perto.

Com diploma pela mesma instituição, mas obtido na unidade de Milão, Luca era o sonho de consumo de quase cem por cento das alunas. Ter sido das pouquíssimas a não jogar charme subverteu a ordem: era Marina o desejo de consumo dele. Claro que, no íntimo, ela gostava de ser cobiçada pelo mais cobiçado dos homens do lugar. Mas isso não a envaidecia a ponto de se deixar levar pelas cantadas sutis que o experiente galanteador treinado nas ruas milanesas largava, dia sim, dia não:

— *Come sta la donna più bella di tutta la città di San Paolo?*

Ao final da aula, como de costume, as três caminharam juntas até a porta da faculdade.

— E o livro novo? — Marina perguntou à Thaís. — Já avançou daquela parte em que tava empacado?

— Ainda não consegui destravar. Preciso de um pé-de-cabra chamado Inspiração.

— Então isso significa que você e o Antônio andam brigando, já vi tudo...

— Pois é. Minha crise de criatividade dessa vez tá maior que o normal.

— Vocês precisam é parar de brigar. Daí, sai um *best-seller* — disse Francesca.

— Minha mãe fala desse jeito. Que só vou virar uma escritora tranquila quando largar de vez dele. Coisa de sogra, sempre acha que a filha merece o melhor. Mas no primeiro livro foi igualzinho. Cada discussão era uma semana sem botar uma linha — suspirou. — Ô *stress* louco!

— Mesmo assim, você vendeu bem — lembrou Francesca. — Imagina só se não tivesse brigado nunca.

— Pois é. Mas acho que sou como todo artista — ela passou a mão nos longos cabelos escuros e simulou desânimo. — Talvez precise sofrer mais do que o normal pra encontrar as palavras do sentimento doloroso de...

— Opa, Opa... Mudei de assunto! Nada de tema de fossa aqui... Depois de uma aula cansativa dessa, eu quero é alegria. E aí, Fran?

— Marina virou-se para a outra amiga, que caminhava ao lado. — Vendeu quantos apartamentos hoje?

— Ai, amiga. Sabe aquele negócio de o universo conspirar a favor quando seu objetivo é claro e blablablá?

— Hum... Sei.

— Então, tudo papo! Principalmente na parte do blablablá. Meu objetivo é claríssimo: pra bater a meta, preciso vender, nada mais nada menos, que uma cobertura até o final da próxima semana. Haja boa vontade do universo!

— E como tá a Ciça? Já melhorou da gripe?

— Graças a Deus, sim — Francesca olhou para cima. — Já não sabia mais o que fazer, tadinha. Deu quase quarenta de febre. Caiu pesado no antibiótico.

— Ih, quando começa a ir pra escola é assim mesmo. Uma gripe por mês. Bota vitamina C nela pra proteger — Thaís diagnosticou.

— O problema é que ela chama toda hora pelo Bruno.

— Vocês têm se falado?

— Só o necessário. Ele pega a Ciça a cada quinze dias. Passam o final de semana juntos e eu sei lá como é que ele cuida. Até desliga o celular pra evitar que eu ligue, é mole? Vai ver entope a menina de sorvete. Homem, pra cuidar de criança, é foda. Daí, volta gripada e quem cuida é a mamãe aqui.

Thaís fez sinal de "pare" com a mão, pediu silêncio, pegou seu inseparável gravador MP3, apertou o *rec*, aproximou da boca: "Personagem: homem separado; Situação: pega filha no fim de semana... Desliga o celular... Escroto... Sorvete... Gripe na coitadinha... Insensível... Cachorro... Pensar sobre isso mais tarde". Desligou e continuou:

— Ué. Simples! Manda ele suspender o sorvete, meter casaco na menina e dar vitamina C. Tu é a mãe ou não é, mulher?

— Nem sonhando! "Mandar" é um verbo que, numa separação, some do vocabulário. Se eu começar a dar ordens, aí é que ele vai fazer tudo ao contrário, só de birra. A menina vai voltar é com pneumonia. Enquanto estiver na gripe, ainda tô no lucro.

— Bom, chega de falar também de quem já não tem mais nada a ver com nada — Thaís cortou. — Vamos falar de coisas muito mais importantes... Então, qual a boa de hoje? Sexta-feira, São Paulo! O melhor lugar do mundo pra sair, um milhão de restaurantes e boates. Vamos onde? Com quem? Que horas?

— Ih, hoje tá complicado. Preciso ficar com a Ciça. Trabalhei o dia todo e vim direto pra faculdade.

Marina também descartou a saída:

— Legal! A Fran em casa e você grudada no Antônio. Não saio com vocês dois nem a pau! Segurar vela não é meu estilo. Melhor comprar um estoque de lenços de papel, me trancar em casa,

assistir a um filme romântico e chorar, sozinha, a solidão da cidade grande... — Franzziu a testa e soltou uma gargalhada.

— O Antônio pode convidar um amigo solteiro, se você quiser. Vários já viram foto sua na internet e me encham a paciência pra eu armar um encontro.

— Aêêê, Marina! Aproveita! — Francesca jogou lenha na fogueira. — Algum deles é bonito?

— Hahaha... Boa! — Marina fez olhar de peixe morto. — Agradeço a força, mas esquema arranjado nem pensar.

— Falando nisso, o meu esquema já tá todinho arranjado: "Procurando Nemo" pela trigésima vez, leite em pó, fralda e cama. Já vou, senão chego e a Ciça já tá no décimo sono. Beijo pras duas.

— Beijo praquela coisa fofa. Se cuida. Qualquer coisa, é só gritar — Thaís balançou o celular na direção da Francesca. Virou-se para Marina, arregalou os grandes olhos castanhos. — Ei, que tal chamar aquele gato por quem até o Antônio me largava?

— O Luca? Nem a pau, de novo! Não é só porque tem o rosto mais ou menos bonito que vai conseguir. Dizem que sair com professor dá azar na vida profissional.

— Tu é fresca mesmo, não? Metade da faculdade sairia com ele. E, da metade que sobra, mais da metade também sairia. O moço só faltou desmaiar de emoção quando você entrou na sala. Até perdeu o rumo, coitado! Confundi Teleobjetiva com Olho de Peixe. Chamou a Isabeli Fontana de Gisele Bündchen. Rebaixou uma pantalonada da Chanel a uma calcinha furada. E "rosto mais ou menos bonito" você tá desdenhando, né? — Caiu na gargalhada.

— Isso é coisa das cabeças ocas de vocês duas. Ele só quer saber de mim porque eu não quero saber dele. E vamos mudar de novo de assunto, vai. Preciso estudar, desacomular a matéria que deixei pro final de semana. Quero desenhar, aproveitar as ideias daqui, ó! — Disse isso apontando para a cabeça.

— Nossa, que edificante! Sexta à noite em casa, debruçada sobre uma pilha de papéis. Você merece coisa melhor — Thaís pegou a bolsa e saiu de costas. — E parece uma velha, credo! Boa sorte, padeira!

— Ah, dias bons pra sair em São Paulo são segunda e terça. Talvez quarta. Hoje, vou ficar quieta no meu canto.

— Não quer nem carona pra casa? Aproveita que hoje eu tô gente boa.

— Precisa não, amiga. Hoje tá calor, o céu tá claro. Vou economizar sua gentileza pra uma noite de chuva.

Marina foi para casa sentada no fundo do ônibus vazio. Ligou seu *Ipod* numa *playlist* de músicas chamada "Ônibus": John Mayer, James Blunt, Jack Johnson. A mania de misturar canções de artistas que tinham a mesma primeira letra do nome vinha desde a adolescência, e ela fazia assim sempre que estava feliz.

Mas sonhava com o dia em que alteraria o nome daquela *playlist* para "Mercedes".

8

— Chegando tarde, hein?

— Ähn? Oi, Otavinho — Marina falou, ao passar o portão do prédio. — E também não tá tarde pra um menino de quinze anos ficar aqui embaixo?

— Tava te esperando — ele passou a mão nos cabelos loiros encaracolados e altos, arregalou os grandes olhos azuis, subiu e desceu as sobrancelhas.

— Me esperando pra quê, meu Deus?

— Pra te dar boa noite.

— Ah. Boa noite, então. Durma com os anjos.

— Sabe que eu acho você uma coroa muito linda? — Piscou um olho, apenas.

— Eu sei, Otavinho. E já te falei mil vezes que não sou coroa. Aprenda uma coisa, de uma vez por todas: vinte e cinco anos não dão nem metade de uma coroa e...

— Posso subir com você?

— Bom, deixa eu ver... — Ela começou a contar nos dedos. — Um: a gente mora no mesmo andar; dois: não posso te impedir de entrar no elevador; três: sua avó paga em dia o condomínio... — Suspirou, desolada. — É, não tenho como negar.

— Se quiser, posso preparar um café no seu apartamento. Apreendi outro dia com a vovó.

— Alto lá! A companhia só vai até abrir a porta do elevador. Cadê sua namorada? Você não tinha uma?

— Suco.

— Não, valeu mesmo.

— Chá?

— Nãããoooo, já falei! Não tô com sede. Olha, é muita gentileza da sua parte, mas tô cansada. Me conta, como tá a dona Gustava? Melhorou da gripe? — Marina apressou-se, chamou o elevador.

— Ah, a vovó é daquele jeito, coitada! Mais pra lá do que pra cá.

— Ela tá sozinha em casa? Corre lá, menino!

— Deixei ela na TV. Tem um programa de uma velhinha que tira dúvidas sobre sexo. Outro dia a velhinha ensinou a enfiar a camisinha na banana e...

— Ok, ok, já chega! Eu sei qual é esse programa. Não precisa detalhar. E por que diabos ela assiste a isso? Não tem nada melhor? Novela, missa, culinária, sei lá.

Entraram no elevador.

— Pois é, eu tava me perguntando a mesma coisa. Não sei nem se ela sabe o que significa uma camisinha. Isso não é do tempo dela. Banana ela lembra o que é, mas não deve ter entendido esse negócio de colocar uma borracha nela. Ela deve até ter achado que era um programa de culinária, né? Banana com borracha. A vovó não desgruda mais o olho da TV.

— Aposto cenzinho que ela deve ter menos dúvida do que você sobre esse tema.

— Ih, qual é! Aposte não que você perde. Sei tudo sobre sexo. Outro dia, no *youtube*, eu vi um vídeo que...

— Tá bom, tá bom. Acredito, não precisa contar. Dá pra ver pelas espinhas no seu rosto.

— Eu? Onde? Quase não tenho nenhuma — ele entortou a boca, postou-se de perfil na frente do espelho do elevador e espremeu uma espinha enorme.

— Sei... Ei, você não tem aula amanhã cedo? — Marina mudou de assunto, arrependida de ter dado corda.

— Amanhã é sábado.

— Ah.

O elevador parou no andar dos dois.

— Pronto, já chegamos. Vá pro seu apartamento que já tá muito tarde. Manda beijo e melhoras pra dona Gustava.

— Tá — ele ficou parado.

— Que foi?

— Me dá um beijo?

— Mas, olha só! Menino, cadê sua namorada? Eu joga um beijo daqui de longe e você pega lá na sua porta.

— Tudo bem.

— Vai pra lá... Isso... Mais um pouco... Encosta na porta.

— Pronto.

Marina beijou a palma da mão e soprou.

— Boa noite, Otavinho.

Entrou rindo do moleque. *Pelo menos é ousado. Ainda vai destruir o coração de um monte de mulheres.*

Acendeu as luzes, jogou a bolsa no sofá, tirou os sapatos e os largou na sala mesmo.

— Oi, Nina. Como foi seu dia? — Encostou o nariz no pequeno aquário que ficava sobre a mesinha no canto da sala. — Entediante, né? Cuidou da casa? Ok, tudo certo. Alguém me ligou? Não? Alguém apareceu? Também não? Ligaram pra você? Sério? Quem? Me conta, menina! Não acredito! O Beta do vizinho? Aquele azul lindo e brilhante? Pô, se deu bem, aí! Tá nadando de braçada! Depois me conta os detalhes do encontro.

A Beta fêmea branco e vinho, de cauda larga, era como Marina: linda e sozinha. Moravam juntas desde que Marina ganhou de lembrancinha da festa de dois anos da Ciça. Ela relutou em levar, pois achou que era um presente de grego que não teria condição de cuidar. O tempo deu conta de aproximá-las.

Jogou quatro ou cinco pedrinhas de ração, pegou um copo de leite e colocou no som do computador a lista de canções do Akon, Aerosmith e Alicia Keys.

Sentou-se à prancheta de desenho, abriu o croqui esboçado na livraria e passou a redesenhar com precisão. Senhora desenhista! Inspirada pelos pôsteres que enfeitavam as paredes do quarto, com fotos de seus favoritos Valentino, Donatella Versace, Ralph Lauren, Miuccia Prada e Tom Ford, testou cores, alargou detalhes, encurtou traços, acrescentou joias, sapato, bolsa. A técnica de aplicação de luzes e sombras de forma diagonal no desenho, que conferia leveza além do normal, foi criada e desenvolvida por ela ao longo de anos de tentativa. O pulso girava e o lápis chicoteava de baixo para cima

o papel, como o artesão que esculpe o mármore com o estilo de metal. Deixou, mais uma vez, sua marca inconfundível.

Dormiu de roupa mesmo, embalada pela certeza de que aquele esforço um dia teria sua recompensa.

9

— Alô.

— É do "O Anjo Carteiro"?

— Sim?

— Oi, conheci seu trabalho pela internet. Fiquei interessada no serviço e queria saber detalhes.

— Tudo bem, é só perguntar.

— Queria saber quanto custa, que tipo de informações você precisa, quanto tempo dura o contrato. Ah, e se você escreve pra fora do País.

Ela passou a responder, voz pausada:

— Você... Precisa preencher o formulário que encaminho por e-mail... Uma série de perguntas sobre as duas pessoas, ou pelo menos o máximo de referências que puder dar — respirou fundo e continuou: — É um formulário padrão, e se quiser acrescentar outros detalhes importantes é só escrever ao final, no campo "observações". O contrato é de, no mínimo, um ano... O tempo necessário pra desenvolver a coisa — a respiração ficou mais lenta e pesada. — Ah, e escrevo pra fora, sim... Mas só em português.

— Tudo bem, dinheiro não é problema. É em português. E quanto à discrição?

— Total.

— E se a pessoa não responder?

— Devolvo cinquenta por cento do valor pago. Eu entro em contato pra dar o retorno sobre o andamento.

— Vou mandar o e-mail, então.

— Se estiver tudo ok, te dou o endereço e você passa aqui pra assinar o contrato.

— Combinado. Obrigada.

— De nada. Fico no aguardo, então. Até logo.

10

"Oi Marina. É mt legal td que vc coloca aqui. OMG, nunca saio pra escola sem dar uma olhada nos seus looks. Ameeeeei o look de ontem, aquele da blusa de alcinha verde. Xou! Olha só, eu fiz uma tatoo de fadinha no tornozelo direito. Uma bijou no outro tornozelo combina? Me ajuda aí. bj bj xoxoxo Paty"

"Oi, Paty. Olha um post da semana retrasada sobre isso (segue o link: www.amodademarina.com.br/post?=243/acessorios-para-tornozelo.htm). Pode te ajudar. Tem que tomar cuidado pra não ficar over. Se vc colocar a bijou, pode desviar a atenção e ninguém ver a fadinha. Pense nisso. Obg pelas palavras e te espero sempre aqui. Beijo, Marina"

"www.amodademarina.com.br". Ela dizia que um dia a internet evoluiria e a crase, fundamental no nome do seu blog, finalmente apareceria. Ainda que não tivesse tanta certeza sobre isso fazer diferença na enorme quantidade de seguidoras, o nome correto era mesmo "À moda de Marina". Moda ao seu estilo, e gostava que as pessoas acreditassem haver um jeito para o resto do mundo e outro particular, o seu, único, de mais ninguém.

Oitocentas visitas diárias, em média, de mais de três mil fiéis seguidoras que acompanhavam seus textos sobre tendências, roupas, sapatos, maquiagens, acessórios. Referência de bom gosto no mundo dos blogs. Imagem construída ao longo de dois anos. De opiniões contundentes, não poupava o que não gostava e exaltava apenas o que lhe tocava a fundo.

Diariamente, postava o "look do dia", fotos suas com uma roupa diferente. As vitrines dos shoppings, a fonte de consulta. Procurava novidades, pedia as peças para provar e, dentro do provador, se fotografava no espelho. Este tipo de matéria pessoal de estilo era o preferido das leitoras, e ela se inspirava nos melhores, os blogs franceses.

Na sexta-feira seguinte, pela manhã, como de costume, Marina respondeu às leitoras, conferiu as estatísticas, postou a matéria do dia. O corretivo líquido ajudou a disfarçar as olheiras. Tinha virado a madrugada num bate-papo *on-line* com Francesca, que chamou a amiga para lamentar uma crise súbita de saudade do ex-marido.

Estava linda, ao menos na opinião embasada dos pedreiros de uma obra na rua seguinte à sua:

— Suspende as fritas que o filé já chegou!

Ela dava risada de tamanha finesse.

Chegou dez minutos antes de abrirem a agência ao público. Entrou, deu bom dia a todos, foi até seu caixa. Ligou o computador, conferiu se a quantidade de selos disponíveis era suficiente, se os formulários estavam na gaveta. Fez os procedimentos habituais, pegou uma água e as portas abriram.

Novamente, a primeira da fila era a jovem de beleza exótica que havia postado carta há uma semana. Ruivas de olhos azuis são incomuns em países do hemisfério sul. Daquela vez, ela foi atendida por Dona Jane. Duas cartas, parecidas com as postadas da outra vez. Marina olhou para a amiga e ambas sorriram.

Após dez segundos de contato visual com a ruiva, Marina já estava envolvida com uma encomenda a ser despachada para o exterior. Raro as pessoas trazerem o CEP correto, e ela precisava consultar no sistema e arrumar. Ou então, como na maioria das vezes, reforçar com fita adesiva os pacotes das encomendas embrulhadas de qualquer jeito e que abriam na primeira curva do carro dos Correios.

As horas avançaram e ela contou os minutos para pegar a bolsa e correr dali. Nem se despediu direito do pessoal. Ganhou a rua, o lugar onde se sentia confortável, em meio à multidão, olhando de relance tantas pessoas no fluxo contrário. Barulho, fumaça, confusão. Seu mundo perfeito.

Na livraria, pegou uma Marie Claire inglesa gorda, subiu pelas escadas rolantes, entrou saltitando no Café, puxou Seu Patrício pelo braço, beijou seu rosto e disse:

— O de sempre!

Ele virou-se para a cozinha e gritou:

— Sai um descafeinado!

— E, hoje, só hoje, um pão de queijo recheado de doce de leite. Vou sair da dieta.

— Dieta? Você quer sumir? Tá igual a um esqueleto!

— Não exagera também, né? Preciso me cuidar. Com que moral vou recomendar a uma magrela da passarela um vestido que eu mesma não possa usar?

Seu Patrício assentiu, com cara de quem não entendeu direito. "Mulher tem que ter carne", ele costumava dizer.

Sentou à mesa mais ao fundo. Em geral, às sextas-feiras músicos ou poetas se apresentavam no pequeno palco reservado aos *pocket shows*. Mas o dia estava calmo. Apenas o som natural dos clientes misturado à música ambiente da loja. O pão de queijo ela devorou em duas mordidas; o café, pelando, teve de esperar. Passou a ler a revista, à procura de novidades das passarelas da Europa para aplicar em suas criações, ou ideias de matérias para o blog.

Até que percebeu, do lado oposto, sozinha, com um copo de café sobre a mesa, a mesma ruiva que entrara na agência aquela manhã. Debruçada sobre um maço de papéis, segurava a caneta. Olhava para cima, como em busca de inspiração, depois baixava a cabeça e escrevia. Por vezes, fechava o semblante, parecia emocionada.

Marina observou, estática, a página meio virada nas mãos. A jovem finalizou, dobrou a carta, colocou dentro do envelope, passou a cola bastão e fechou. Quando deu um sorriso sereno e fitou o envelope por instantes, Marina resolveu ir até lá. Queria saber mais, matar a curiosidade. As palavras de Dona Jane ecoaram em sua mente: *Tô pra ver, hoje em dia, alguém escrever com paixão, como no meu tempo.*

Pendurou a bolsa no ombro, pegou a revista, o café e, num impulso, foi:

— Com licença.

— Sim?

— Desculpa incomodar, mas eu tava ali sentada e vi você escrever essa carta. Eu tava discutindo com uma amiga outro dia sobre ninguém mais escrever cartas à mão e...

A moça sorriu. Cada inspirada de sua lenta respiração parecia vir carregada de dor:

— ... E você ficou curiosa pra saber por que uma pessoa jovem... Não tá mandando e-mail ou mensagem pelo celular.

Marina arregalou os olhos.

— Bom, acho que sim. Mas é só curiosidade mesmo. Trabalho na agência dos Correios aqui perto, te vi lá outras vezes. Poucas pessoas postam cartas hoje em dia — sorriu.

— Verdade! Agora me lembro de você! — A ruiva calçava luvas finas, cor da pele. Pequenas manchas avermelhadas subiam até o meio do antebraço. Outras, na face. Apontou para a cadeira. — Não quer sentar?

— Só se eu não for incomodar.

— Nada. Já fechei a carta. Hoje não escrevo mais.

Marina reparou na caligrafia arredondada e bem feita.

— Hum... "Beatriz" — Marina disse isso após ler o remetente.

A ruiva recolheu as mãos para baixo da mesa.

— Não sou a Beatriz. Na verdade, eu *estava Beatriz* até agorinha há pouco.

— ãhn?

— Beatriz é quem fui durante a última meia hora, enquanto escrevia esta carta aqui. Na anterior... — Ela retirou outra da bolsa e mostrou o remetente. — Eu fui... Deixe-me ver... Victor.

— Olha, confesso que não tô entendendo nada — Marina deu um gole no café.

A ruiva parecia feliz por ter despertado a curiosidade.

— Eu tenho um negócio pequeno na internet. Um site chamado "O Anjo Carteiro"... Faço do meu trabalho o que muitas pessoas evitam. Ou porque não têm tempo... Ou porque não querem mesmo.

— Qual trabalho?

— Já ouviu falar em *ghost-writer*?

— Hum... Já. Aquele esquema de o autor contratar alguém pra escrever por ele, né?

— É mais ou menos isso, com menos *glamour e mais* paixão. O mesmo profissionalismo — arregalou os olhos azuis.

— Pedem pra você escrever cartas, então.

— Em linhas gerais, é por aí. Pagam pra que eu escreva. E finjo ser a pessoa que me pedem que seja.

— Peraí! Você escreve cartas pra uma pessoa que não conhece, como se fosse outra que também não conhece?

— Ahãhã.

— Mas quem contrata dita as cartas?

— Nada! Quem contrata dá as informações iniciais sobre as duas pessoas e depois vou sozinha, na criatividade.

— Nossa... E funciona?

— Funciona, porque as pessoas pra quem escrevo querem que tudo seja verdade — ela parou, fechou os olhos por dois segundos e abriu devagar. — Não é questão de ser ou não verdade... A verdade mora em quem acredita, entende?

— Mais ou menos. Explica melhor.

— A Beatriz, esta quem fui agorinha, é uma pessoa distante da vida atual da Áurea... A dona Áurea é velhinha. Foram amigas na juventude, nunca mais se viram. A neta da Áurea me contratou pra eu ser a Beatriz que se corresponde com a avó. Simples assim! A dona Áurea está... Numa casa de repouso... E espera ansiosa por cada carta da amiga. Elas falam de todos os assuntos, relembram momentos... A Áurea conta suas angústias, se abre. Isso a mantém viva.

— Mas... E a tal Beatriz? Onde está?

— A neta não faz a menor ideia, muito menos eu. Isso não importa — ela passou um lenço no rosto. — Não sabe se a tal Beatriz está viva ou não. O efeito é apenas na dona Áurea, ao viajar nas palavras da — fez sinal de aspas com os dedos — "amiga que reapareceu após tantos anos".

— Nossa! Mas você não se sente mal por enganar essas pessoas? Quer dizer, desculpa, não tô dizendo que é enganação, mas não basta estarem num asilo? Já não é sofrimento suficiente?

— No início, até achei que poderia sentir isso, mas o tempo me mostrou como essas pessoas eram antes... E quem passaram a ser após se sentirem importantes... A realidade a gente cria na nossa cabeça, acho que faço bem a essas pessoas.

— Bom, se ninguém dá a mínima, pelo menos você faz o papel, né? Mas não sei se eu conseguiria fazer assim, de forma tão fria.

— Não é difícil. As pessoas preenchem um formulário extenso... Contam tudo sobre o destinatário e o que souberem do remetente. Pego o máximo da história, pesquiso lugares, interesses, fatos da época. São pessoas velhas, a memória não é muito boa... E se passa uma ou outra coisa que não seja exatamente como foi, isso acaba irrelevante.

— Não é um pouco frio isso?

— Se a troca de correspondência se estabelece, digo, se a pessoa responde, você se envolve de verdade. Como se fosse, por exemplo, uma Beatriz de verdade.

— Mas... E se a pessoa com quem você se corresponde pergunta o que você não sabe?

— Aí entra a criatividade... Eu sempre credito à falha na memória. Mas estes detalhes acabam sem muita importância, sabia? O que vale é dar oportunidade às pessoas de se expressarem... A solidão nesses lugares deve ser de matar. Pode até ser que uma ou outra não acredite, mas todos desejam acreditar. Marina sorriu, não achou indigno.

— E você, me conta. Uma Marie Claire inglesa na mão quer dizer o quê?

— Ah, tá no sangue. Estudo Moda, preciso me antenar nas notícias do outro lado do Atlântico.

Conversaram mais um pouco e despediram-se.

— Semana que vem apareço na agência pra postar mais sonhos — a ruiva deu uma piscadela com os grandes olhos azuis, seguida por um largo sorriso.

Marina saiu da loja devagar. *É... Quantas oportunidades são perdidas pelas pessoas por largarem seus velhos em asilos! Pena que a maioria esqueça que um dia pode ficar na mesma situação. E decidiu não ir ao curso.*

Sonhadora ao extremo, achou mágico alguém ganhar a vida com cartas de amizade e amor sob encomenda. E ficou tão fascinada pelo tipo de trabalho da ruiva que esqueceu de perguntar seu nome.

Chegou em casa absorta na capacidade de o ser humano criar oportunidades e doar seu tempo aos outros.

11

Madrugou no dia seguinte. Queria chegar a São Pedro da Serra antes do almoço. Passaria o final de semana aninhada no colo da mãe e tomada pelo cheiro do pão fresco feito pelo pai.

Quando o ônibus acabou de cruzar a sinuosa estrada e estacionou na modesta rodoviária da pequena cidade, encravada na região serrana do estado de São Paulo, ela desceu e correu para a padaria duas ruas adiante.

— Alguém aí precisa de ajuda pra botar a mão na massa? — Sussurrou, com a cabeça dentro da loja.

O pai virou-se, abriu um sorriso largo e veio de trás do caixa até a porta receber a filha, de braços abertos, surpreso com a visita.

— *Amore mio!*

Há tempos não davam um abraço apertado daquele.

Fortunato Albertini era um tradicional descendente de italianos. Nasceu no Brasil, mas foi uma criança fascinada pela cultura italiana, que o pai imigrante fez questão de manter viva dentro de casa. Aceitou, sem contestar, a missão de assumir a padaria e, aos doze anos de idade, já sabia muito sobre o ofício das massas. Desde os vinte e um era *il panettiere*. O famoso *Pane Italiano di Fortunato* era uma lenda-viva no local.

— Renato, assume o caixa que *la mia Marina tá aqui e io oggi non lavoro più!* — Gritou para o jovem atendente que o ajudava no balcão aos finais de semana.

— De jeito nenhum, pai. Eu quero é descer lá na cozinha e te ajudar a fazer o pão que a gente vai comer hoje.

— Então, vamos! — Ofereceu o braço para a filha e ambos desceram as escadas.

Marina colocou o avental, prendeu os longos cabelos loiros, encostou a cintura no balcão. Sabia o que aconteceria: a competição para ver quem fazia mais rápido a massa da lenda-viva. Seu Fortunato colocou a Tarantela na vitrola, no máximo volume, e

passou a cantar junto. Encostou a enorme barriga no balcão. Olhou de soslaio. Esfregou as mãos e gritou:

— *Uno... due... tre!*

Marina pegou o fermento e desmanchou na água. Jogou a farinha de trigo e mexeu com velocidade. Olhou para o pai, que fazia o mesmo. Em seguida, salpicou de sal, quebrou o ovo, misturou até a massa ficar consistente e sem grudar nas mãos. Ultrapassou o pai. Retirou da tigela, derramou sobre o balcão e cobriu com o pano.

— *Finito!* — Ela gritou.

O pai ainda terminava. Marina contou no relógio o tempo de vantagem.

— Treze segundos! — Ela gritou, histérica, assim que ele, enfim, cobriu a massa. E deu uma gargalhada, dançando a Tarantela pela cozinha e provocando o pai.

Ele sorriu e apenas disse:

— *Aspetta e vedrai...*

O pai, então, abriu uma garrafa da *Grappa* trazida da Itália. Ela sentou para admirar aquele homem cheio de rugas no rosto e de coração do tamanho do mundo. Sentiu saudade de quando ele cantava nas reuniões de família e pediu que cantasse.

A voz já não era a de outros tempos, mas ela adorou escutá-lo desfilando seu repertório por meia hora até a massa crescer. Quando voltaram à competição, ela proibiu que ele retomasse até findarem os treze segundos da vantagem. Untou a assadeira com azeite, dividiu a massa, pincelou a parte de cima com água e fez dois riscos com a faca. Colocou no forno cinco segundos antes do pai. E comemorou a vitória.

No fundo, Marina sabia que seu pão não chegaria aos pés do feito pelo pai. Foi isso que ele quis dizer no "espera um pouco e você vai ver". Ela tinha entendido muito bem.

Após quarenta minutos de bate-papo, abriram o forno e lá estavam: um pão murcho, sem graça, e outro vistoso, suculento. Não precisavam mesmo contar a ninguém quem tinha feito qual dos dois. A mão do pai era hábil para o pão como a dela para o desenho.

Cada um na sua especialidade.

12

A surpresa da mãe foi tão grande quanto a do pai. Os dois chegaram e ela estava na cozinha, de avental, preparando a macarronada. Massa caseira, quatro latas de extrato de tomate, músculo cozido na panela por horas. Desmanchava na boca junto com o parmesão ralado.

Ângela Albertini era de origem humilde. Conheceu Fortunato ainda adolescente e ele já com vinte e cinco. De início, o pai dele foi contra o relacionamento. Queria que Fortunato se juntasse a uma moça de família italiana. Mas a vontade do velho não resistiu à beleza estonteante da menina. O filho nem precisou saber da origem para descobrir que estaria ali aquela que carregaria seu nome na certidão de casamento e seus filhos na barriga. Ângela era seu braço direito e a única capaz de lhe dar algum tipo de bronca. Fazia, segundo as boas línguas, o melhor doce de figo do mundo.

Quando os dois irmãos mais novos voltaram da rua, pegaram Marina no colo e ficaram jogando-a para cima. Ela gritava e ria pelos cotovelos. Os gêmeos Pedro e Tiziano, de vinte anos, só não eram diferentes na aparência. Lindos, ombros largos, olhos verdes, cabelos castanhos encaracolados.

— Oi, meninos. Ô saudade! Tão cuidando bem do pai e da mãe?

— Ih, os dois dão trabalho demais, nossa! — Disse Tiziano, enquanto empurrava Marina para o sofá e deitava a cabeça em seu colo. — Faz um cafuné aí, vai.

— Menino, deixa de ser mal agradecido! Presta atenção que daqui eu escuto tudo — gritou a mãe, da cozinha, apontando a colher de pau.

— Mas é um trabalho bom, mãe, e eu adoro a senhora! — Ele gritou. Piscou para Marina e sussurrou: — Melhor eu me redimir, senão ela vai regular o doce na sobremesa.

Pedro, sério, sentou na poltrona e disse:

— Então, conta como tá lá. Quais as perspectivas no mercado de trabalho?

— Perspectivas? Isso lá é jeito de falar com ela? Parece xingamento! — Tiziano interrompeu. — Eu quero é saber das amigas. Alguma disponível no cardápio?

— Nossa senhora! Você só quer saber de pegar mulher! — Pedro fez cara de desprezo. — Tem outra coisa pra pensar, não?

— Que me conste... Hum, deixa eu ver... Além de mulher... Além de mulher... — Ele olhou para o teto. — Não encontrei nada não. Conta aí, Marina. E as amigas?

Marina franziu a testa. Suspendeu o cafuné e encostou o dedo no nariz de Tiziano.

— Eu jamais, mas nunca nessa vida, vou te apresentar uma amiga minha. Com essa mentalidade chula de "disponível no cardápio pra você comer", nem... Bom, e em resposta à única pergunta séria aqui, as perspectivas do mercado são boas. Não digo ótimas, mas boas. Preciso me formar ainda, né?

— É isso aí. O mundo hoje anda complicado. Não pode facilitar — Pedro aconselhou.

— Você diz isso porque já se contentou em assumir a padaria, no que te agradeço muito por me tirar dessa — Tiziano levantou a mão para cima. — E a Rita foi um achado. Quando o *papà* aposentar, você casar com ela e engordar feito um porco, não vai dizer que não avisei.

— A chance de você achar uma mulher como a Rita é nenhuma, ainda mais se continuar assim, que nem um adolescente.

— Bom, vamos parar de brigar. Eu amo os dois. Os dois são lindos, ótimos, inteligentes. Cada um com seu charme.

— Eu sou muito mais bonito que ele! — Disse Tiziano, de olhos fechados, sorriso sacana e ainda deitado no colo da Marina. — Não para o cafuné.

— Cala a boca, vocês são iguaizinhos! — Marina se abriu de rir e deu um tapa no ombro do Tiziano.

O pai interrompeu a conversa. Mandou todos sentarem à mesa.

— Como vai o curso, filha?

— Ah, mãe, é muito difícil. Preciso estudar demais. Mas eu amo aquilo. Depois te mostro alguns desenhos.

— E *il lavoro*?

— O trabalho é aquela mesmice todo dia, pai. Só encomenda e pagamento de conta, mais nada. Um dia, ainda saio de lá e minha vida vai ser só moda, moda e mais moda.

— Olha, lá! Cuida direito que é o único *lavoro* que você tem. Tô devendo pro Honório o resto de *la vita*, e não quero ouvir aquele mão-de-vaca reclamar que você não deu a mínima pro *lavoro* que ele arranjou, *capisci*? Toda vez que vai na padaria pergunta. E ainda dá indireta pra você casar com o Fabrizio. Acho que só pra lembrar da dívida.

Marina fechou o semblante e imitou o Honório:

— *Fortunaaato! Mio Fabrizio é un ragazzo perfetto per la sua bella Marina!* — E abriu uma gargalhada. Continuou: — Pai, se eu tiver que ficar com o Fabrizio só porque o Honório me indicou pra estagiária do emprego, vou vender balinha na feira. Sem esquecer, claro, que depois eu passei no concurso por méritos próprios. E não vou aceitar coisa arranjada. Eu quero é me apaixonar, bater o olho num homem e ficar sem chão. Quero amar alguém que nem você ama a *mamma*.

— Que nem o Pedro ama a Rita e eu amo todas as mulheres — completou Tiziano, seguido por um riso.

— Isso, desse jeito. Só que... O Fabrizio é fofo, mas não conseguiu me fazer sentir isso. E nunca vai conseguir.

— Ma *lui é buona gente, figlia!*

— Gente boa, concordo — interveio Tiziano. — ainda mais se mandar sempre uns tomates fresquinhos pra *mamma* fazer o molho.

— Pai! Você não tá insinuando que eu deva pensar nisso, né?

— Você tem que pensar em *suo* futuro. *Come fai a crescere i bambini?*

— Filhos? Preciso fazer um monte de coisas antes de pensar em família. Eu, hein!

— *Famiglia è la cosa più importante nella vita!*

A mãe interrompeu:

— Fortunato! Deixa a menina! Ela tem razão. Os tempos são outros, *amore mio!* Hoje em dia, primeiro vem a carreira, depois ganhar dinheiro e só depois constituir família.

— *Va bene, figlia.* Quero te ver feliz, apenas. O Fabrizio vai herdar as fazendas do Honório e...

— Paaaai! — Marina franziu a testa.

Fortunato desanimou.

— Se fosse pra ficar por aqui, eu teria sido padeira com vocês. Não quero ser plantadora de tomate. Minha vida vai ser feita de panos, desenhos, desfiles, maquiagens, perfumes. Quero ver meus vestidos nas revistas de moda mundo afora! — Agora ela já sorria novamente.

— *Si, figlia mia* — ele balançou a cabeça, resignado.

Olhou o pai com ternura, segurou a mão dele e mudou o assunto:

— Mãe, como foi quando a vovó morreu?

— Pra que quer saber isso, filha?

— Sei lá. Tava pensando ontem... Ela passou todo o final da vida sem o vovô. Você acha que ela foi infeliz por ter ficado sozinha?

— Claro que não! A nona sempre dizia que o encontraria de novo.

— E a família conversava com ela, tinha paciência de ouvir as coisas que ela contava?

— Ah, ela repetia sempre as mesmas histórias, mas... Acho que tínhamos paciência sim.

— E teriam coragem de colocá-la num asilo, se ela desse muito trabalho?

— *Dio Santo! Che domanda!* Por que acha isso? — Dona Ângela franziu a testa.

— Nada não, esquece. Tava pensando alto, só isso. Vamos à macarronada ou ficar de papo?

— Macarronada! — Gritou Tiziano, cansado da conversa e já debruçado sobre a tigela.

Tomou um tapão da mãe. Faltava a oração ainda.

Na segunda-feira cedo, os gêmeos foram deixá-la na rodoviária. Pedro despediu-se da irmã com um beijo cercado de conselhos sobre tomar cuidado na cidade grande. Tiziano fez um showzinho. Agarrou no pé dela, ajoelhado, e gritou:

— Me leva com você, por favor! Não me deixa! Eu preciso de você, meu amor! Me carrega desse fim de mundo! Eu quero ser feliz! — Para constrangimento do Pedro e deleite da Marina, que simulou uns tapas na cara dele e devolveu:

— Cachorro, sem vergonha, me larga! Volta praquela vagabunda!

Os poucos presentes na rodoviária, uns velhinhos que já conheciam Tiziano e suas bobearas, nem se mexeram.

13

Toda primeira semana de mês era o inferno. Parecia que o mundo aproveitava o dia do pagamento para enviar encomendas. Da hora em que Marina sentava a bunda na cadeira até o momento de ir embora era corrido. Apenas o horário de almoço, uma hora contada no relógio, era de paz.

Na sexta-feira, ela foi almoçar com Dona Jane no *self-service* da galeria ao lado da agência.

— A senhora tem visto aquela ruiva?

— Qual ruiva?

— A última das moicanas a escrever cartas à mão.

— Cartas à mão... Hum... Pelo menos do que sobra da minha memória, que já vem rateando há um tempo, vi não. Por quê?

— Ah, nada de mais. Ela apareceu nas duas últimas sextas seguidas, achei que apareceria hoje também. Apenas curiosidade.

— E por que motivo quer saber dela?

— A gente se conheceu outro dia lá na livraria. Gente boa! Tenho pensado muito naquilo que a senhora disse sobre ninguém escrever mais com paixão. Ela parece que foge à regra. Mas é só curiosidade mesmo.

— Você tem andado muito misteriosa, menina. Reparei no seu olhar avoado, a cabeça nas nuvens. Tá apaixonada, né? Conheço isso de longe, sou experiente no assunto! Foi só voltar lá do interior que ficou assim. Quem é o moço? Conta tudo!

Marina riu, fez uma bola com o guardanapo de papel e jogou na amiga.

— Já vi que essa experiência toda no assunto não te ajudou em nada. Quem me dera um homem carinhoso e gente boa gostar de mim. Raridade encontrar! Precisava ser bonito não, só gente boa e carinhoso. Sou humilde! — Colocou uma rodela de tomate na boca, piscou um olho e sorriu.

— Ah, mas é claro que precisa! Uma moça bonita desse jeito vai fazer o quê com um feioso? Homem bom é homem bonito, jovem, forte e...

— Credo! Minhas amigas só pensam nisso! Podem ter vinte ou sessenta anos que são todas iguais. Se só as pessoas bonitas tivessem chance, o mundo teria, hoje, seis milhões de habitantes, e não seis bilhões.

— E não seria melhor? Teria espaço de sobra e o visual seria muito bom. A vida seria um cinema.

— Beleza é relativo. A forma de a pessoa se comportar, se vestir, andar, se cuidar, se expressar, é o que conta. O importante é o charme, são as ideias, convicções, atitudes.

— Ih, pra achar um homem desse jeito aí que você quer não é fácil. Tá correndo o risco de ficar pra titia, que nem eu. E ficar sozinha é ruim demais, se você quer saber.

— Prefiro ficar sozinha a ficar com qualquer um, isso é fato.

— Mas se eu fosse você não escolhia muito.

— Vou escolher não, vou ser é muito bem escolhida.

— Ok, Cinderela — ela sorriu. — E... A propósito, você já tem um pretendente. Reparou como o caixa ali não tirou o olho de você desde quando a gente sentou? Ele não sabe se olha pro dinheiro ou pra cá. Deve ter dado um monte de troco errado.

— Opa, então vamos lá pagar. De repente, ele devolve a mais pra gente — Marina gargalhou, levantou e puxou a amiga pelo braço.

14

Neste mesmo dia, ela passou voando na livraria e não pegou revista. Estava atrasada para a aula. Foi direto ao Café. Uma banda formada por três mulheres na faixa dos quarenta fazia um *pocket show*. Rock intenso, rasgado, setentista. Baixo, bateria e violão, as três cantavam. Muita gente no *happy hour*, em sua maioria, executivos de gravata afrouxada.

A altura do som impedia uma conversa civilizada. Seu Patrício gritou, ao vê-la:

— O de sempre?

— Hoje não! — Gritou de volta.

— Não pegou nenhuma revista... Veio escutar a banda? — Fez gestos que imitavam o folhear de uma revista.

— Também não. Vim só te perguntar uma coisa.

— Pergunta! — Ele encostou-se no balcão e fez uma concha no ouvido com as mãos.

— Lembra semana passada, que conversei com uma moça ruiva ali naquela mesa? O senhor tem visto ela por aqui? — E apontou para os próprios olhos.

Ele deu de ombros.

Chegou pouco antes do início da aula e sentou-se ao lado da Francesca, no fundo da sala.

— Oi, amiga. Cadê a Thaís?

— Mandou uma mensagem, não vem. Tá com preguiça de assistir à aula. Engatou num capítulo e não quer perder a inspiração.

Marina, então, reparou nos olhos vermelhos da amiga.

— Tá tudo bem?

— Nada não. Um cisco — ela esfregou a mão nos olhos.

— Cisco não deixa a cara de ninguém vermelha e nem com olheiras fundas. O que aconteceu?

— Ah, sei lá. Tô tão sozinha. O Bruno me mandou um e-mail, pediu pra gente voltar. Não sei se perdoo ou se mando ele sumir de vez.

lugar?

— Você acha que vale a pena perdoar? — Não sei! Nunca passei por isso. O que você faria no meu

— Não é fácil perdoar, convenhamos. Você foi enganada, né?

— E se você fosse enganada?

— Acho que... Hum... Deixa eu ver. Ah, se eu gostasse perdidamente de quem me enganou, eu perdoaria. Faria um doce, mas todo mundo merece a segunda chance.

— Você diz isso porque tá de fora. Falar é fácil.

— Talvez. Mas cada caso é um caso, e eu não posso avaliar seu sentimento, amiga. Não sei qual a sua dor, só você sabe. Impossível te julgar.

— É que tem a Ciça. Ela sente falta do pai. Chama por ele sempre e...

— Bom, aí vai ficar difícil competir. Se você puser isso na balança, volta só por causa da Ciça. Pai é uma coisa, marido é outra.

— Mas eu gosto do lance da família, entende? Me faz bem, sei lá.

— E não pode ser família com outro? Não é mais fácil tentar alguém que nunca te sacaneou?

— É... Talvez você esteja certa mesmo. Nunca vou conseguir perdoar, e sempre que olhar pra ele vou lembrar de tudo.

— Por que você não conversa e desabafa tudo o que sentiu quando ele te traiu? Ele precisa sentir que aquilo foi muito foda.

— Ah, prefiro não piorar as coisas.

— Só não quero te ver triste.

— Não consigo te imaginar numa ressaca de amor igual à minha, sabia? Pra você, é fácil pedir de fora. Mas... Prometo que vou tentar.

— Ih, vai que eu também me apaixono? Paixão quase sempre é sofrimento. Credo! Não podia ser mais fácil?

— Podia, claro! E... Falando nisso, olha só quem chegou ali e não tira o olho daqui.

— Quem? — Marina perguntou isso sem virar para trás.

— Aquele santo italiano do...

— São Luca! — Virou e deu um tchauzinho sem graça para ele, seguido por um sorriso gelado.

— Com esse aí eu não ficava triste nunca na vida. Eu perdoaria mil vezes, se ele quisesse — Francesca travou os dentes.

— Ô exagero! Homem assim, bonito que nem o Luca, é trabalho dobrado. E lembre-se sempre: ele é o professor. Eu, a aluna.

— Sortuda!

— Quando encontrar o homem certo te aviso, tudo bem? Vai ser a primeira a saber.

— Obrigada. Agradeço a preferência. Mas, até lá, não pode se divertir com alguns dos errados? — E riu um monte.

Marina ficou feliz pela amiga estar melhor.

Não se empolgou com a opinião de que era sortuda por ser desejada. De certa forma, era sozinha. Isso, sim, era triste!

Meia aula depois, em meio à exposição do Luca sobre o poder da fotografia na construção da imagem das marcas famosas, e entre duas das diversas olhadas diretas que ele desferiu, Marina sussurrou:

— Ei, a Ciça tá com o Bruno?

— Tá. Por quê?

— Tô pensando em seguir seu conselho e tentar me divertir com algum errado hoje à noite. Vamos sair? De repente, você também acha um errado.

— Ótima ideia! Encontremos dois errados, eu esqueço o Bruno, você esquece seu amor-verdadeiro-anjo-perfeito-que-nunca-apareceu, e seja o que Deus quiser.

Telefonaram para Thaís e combinaram um encontro no *O'donnell's Lounge*, pub recém-aberto na região mais quente da cidade.

15

Quando conseguiram entrar no pub lotado, Thaís já estava no balcão, em frente a uma *long neck*. O DJ tocava uma sequência de remixagens de músicas antigas, sobre batidas dançantes.

— Veio sozinha? Cadê seu marido? No banheiro ou naquela inspecionada básica do local? — Francesca deu um beijo na amiga.

— Por sorte não é meu marido ainda. Tenho tempo de correr pra longe antes de fazer a besteira. Se como namorado já parece um velho chato, imagina depois de casar.

— Ele não quis vir?

— Não. Disse que nós três só falamos bobagem e ele tinha coisas muito mais edificantes pra fazer em casa. Coisas capazes de engrandecê-lo como ser humano e conduzi-lo à evolução espiritual — ironizou.

— Coisas de que tipo?

— Do tipo assistir a uma rodada de MMA que comprou no *pay per view* com mais dois amigos do escritório. Algo como "Aranha contra Não Sei Quem". Compraram duas caixas de cerveja. Vão jantar lá mesmo. Dois sacos de Doritos, um vidro de azeitonas e uma tigela de ovinhos de amendoim.

— Ih, minha filha! Homem se contenta em assistir a dois trogloditas da idade da pedra se moerem em cima do ringue. Se tiver cerveja e porcarias pra comer, então, pode esquecer. Se o mundo acabar ali, tá tudo certo — Marina filosofou e decifrou, em poucas palavras, os meandros do universo masculino.

— É verdade. Acho que às vezes as erradas somos nós — disse Thaís, descrente de qualquer tipo de evolução da espécie masculina.

— Erradas nada! Errados tão eles! Vamos gastar o triplo do que gastaram com essa luta idiota e nos divertir horrores! — Gritou Francesca.

— Fechado! Faz a conta aí. Setenta e três vezes três dá quanto? — Gritou também Thaís.

As duas entreolharam-se e caíram na gargalhada.

— Ah, não faz pergunta difícil! Somos estilistas, não matemáticas. Deve dar perto de duzentos e cinquenta — decretou Francesca.

— Assim é que se fala! Duzentos e cinquenta! Tequila pra três?
— Sugeriu Marina.

— Pra seis! — Francesca gritou.

— ãhn? Pra seis? Vai chegar mais alguém?

— Mas tu é tonta mesmo, não? São duas pra cada uma! E pede com limão e sal. Hoje a noite promete! Vou desligar o celular pro Antonio não me achar — Thaís fez cara de sonsa. — Ele vai ver só. Vai tentar me ligar, não vou atender e ele vai ficar doidinho!

— Marvada!

— Mardita!

O DJ soltou o novo sucesso do Black Eyed Peas, com direito a clipe no telão. Brindaram à amizade e à liberdade feminina. Foram para o meio da pista se acabar de dançar.

Em meio minuto o assédio começou.

— Aquele ali tá te olhando, Fran — Marina gritou no ouvido da amiga, ao perceber a movimentação.

— Quem?

— Aquele fortinho ali.

— Ih, tá vindo pra cá. Com dois amigos.

— Disfarça.

— Oi, gata! — O primeiro chegou direto na Francesca.

— Hum... Oi.

— Você tá sentindo cheiro de tinta?

— Não, por quê?

— Porque tá pintando um clima.

[...]

— Oi. Seu pai é advogado? — O segundo grudou na Thaís.

— Não, por quê?

— Ele fez direito, hein? — E levantou uma sobrancelha.

[...]

— Oi. Você tá esperando ônibus? — O terceiro perguntou para Marina.

— Ônibus? Não, por quê?

— É que você tá no ponto, minha deusa!

[...]

As três entreolharam-se, incrédulas. Jamais poderiam imaginar que seriam alvo de três das piores cantadas de todos os tempos, em sequência. Não se aguentaram, quase enfartaram de tanto rir.

— Hahahahaha... Traz meu gravador, pelo amor de Deus! Não me deixem esquecer essas cantadas, por favor! — Gritou Thaís, enxugando as lágrimas.

— Anota num papel. Garçom, uma caneta, corre! — Devolveu Francesca, que também não conseguia segurar as gargalhadas.

Deram as costas. Quando perceberam, os três já estavam em cima de outras três.

— Eu falei. Os melhores dias pra sair são segunda e terça! — Marina, bateu no peito.

— Nem sempre. Depende do ângulo — discordou Francesca. — Hoje é sexta e eu nunca dei tanta risada.

— Ah, o meu era bonitinho, vai — Thaís fez beicinho e franziu a testa.

— Mas você é fácil mesmo, hein? Lembre-se que seu namorado está em casa cuidando da evolução espiritual — Francesca lembrou bem.

— Nossa, até o Otavinho tem cantadas melhores que essas — disse Marina.

— Opa, quem é o Otavinho? Não vai apresentar? — Perguntou Francesca.

— É meu vizinho. Não se anima não, ele só tem quinze anos. E conheço desde os doze.

— E daí? Espero ele ter mais uns três e pumba! Mando ver! — Francesca sugeriu o impensável e voltou a rir descontrolada.

— Pumba? Que pumba o quê? Ora... Pumba... — Marina deu um gole na tequila e quase engasgou de rir.

— Bom, pelo menos esses três eram engraçados — Francesca tentou encontrar o lado positivo do contexto.

— Então, por que não caiu na cantada, já que "pintou um clima" e você é solteira? — Perguntou Thaís.

— Tá louca? Logo depois ele ia sugerir "passar o pincel na minha parede". Conheço bem esse tipinho.

— Bom, vamos brindar a nossas novas condições. Eu estou no ponto, o pai da Thaís fez direito e pintou um clima pra Fran. Desce mais seis tequilas!

— Pumba! — Gritou Thaís, já sob o efeito da bebida.

E de seis em seis tequilas elas gastaram muito mais que três vezes a luta do Aranha. Dispensaram cantadas furadas de um monte de homens que, certamente, desejariam nada além de uma noite de sexo. Saíram às três da manhã, cantando a plenos pulmões o novo sucesso do artista da semana no *youtube*. *Aquele que, na semana seguinte, ninguém mais lembraria quem é.*

Thaís foi deixar Marina em casa. No trajeto, lembrou-se de ligar o celular e gritou:

— Aaaahhh, eu quero ver quantos recados ele deixou, aquele bolha!

Leu o número de mensagens recebidas.

— Cachorro! Nem umazinha? Vou ligar pra ele e dizer que ele não me ama mais e que meu pai é advogado e fez direito e vários homens deram em cima de mim e eu... eu... eu... — As palavras saíram mais rápidas que o pensamento.

— Não faça isso. Você vai se rebaixar desse jeito? — Marina tentou evitar a tragédia.

As ponderações de que era melhor esperar o dia seguinte não foram mais fortes que a determinação carimbada pelo efeito do álcool. Thaís discou e Marina esperou o pior. O telefone chamou mais de dez vezes até ele atender. Thaís gritou:

— Alô!!!!!!

[...]

— Ei, por que você não me ligou?

[...]

— O que? Aranha?

[...]

— Que porra de martelo rodado e mata-leão! O que... ãhn?

[...]

Desligou na cara dele.

Marina preferiu não dizer nada.

16

O final de semana foi de recuperação, após a sexta-feira pesada. Marina passou os dois dias dentro de casa, de camisola, descalça, na preguiça. Assistiu, pela quarta vez, ao "O Diabo veste Prada". Conhecia tudo de cor, gostava do clima do filme, cenários, diálogos. Tinha vontade de conhecer Nova York. Parecia um lugar onde seria muito feliz. Podia ser Milão, Paris ou Tóquio também, ela dizia.

No domingo à noite, resolveu desenhar, a única arma que teria na selva da moda. Ligou o computador, abriu o *Itunes* e criou uma *playlist*. Moveu canções do Maroon5, Madonna, Muse, Michael Jackson. Abriu a geladeira, pegou uma caixa de suco de laranja, sentou à mesa inclinada, bem iluminada por dois spots, abriu seu caderno, pegou seus lápis 2B, 5B, H, borracha.

Procurava sempre criar peças inusitadas. Primeiro, o esboço das modelos, para então passar a vesti-las. Altas, esguias, rostos quadrados, olhos levemente puxados. Ora cabelos compridos, ora coques e fios soltos pela face. Vestidos ricos em detalhes, para festas chiques, festas despojadas, finais ou meios de semana. Criava saídas de praia, calças folgadas, blusas justas, *lingeries* sensuais, sapatos de todos os tipos. O momento em que se sentia mais perto de Deus, no sentido de o criador conceber a criatura. O crucifixo na parede por trás da tela do computador era testemunha. Ela apagava, alongava, encurtava, engordava, afinava, pintava da cor que cabia melhor. Desenhava com paixão, e, por alguns instantes, lembrou-se da ruiva. Da forma como ela escrevia aquelas cartas também com a paixão à flor da pele. Paixão que, ali, fazia toda a diferença no resultado final.

Produziu três novos vestidos, mas achou que só um deles merecia ir para o portfólio: o elegante longo vermelho-alaranjado, de alça no pescoço, com um brilhante na cintura, de onde saía um pedaço de pano plissado que se debruçava sobre a saia simples,

sem roda. Assinou e colocou o nome da peça, em homenagem à
inspiração: "O Anjo Carteiro".

17

Após uma semana, ao chegar ao trabalho o chefe chamou:

— Marina, quero que você entre em contato com a dona da caixa postal 787.

— Pra quê?

— Tem uma carta aqui há mais de quinze dias e ela não veio conferir a caixa. O prazo pra manter o que chega e não é reclamado já esgotou, mas não gosto de começar a devolver nada das caixas ativas sem antes tentar contatar o dono.

— Tudo bem. Manda aí o nome e o telefone.

O chefe consultou os registros.

— Julia de LaRocque. Anota aí o número.

Em geral, as pessoas se esqueciam da cláusula assinada, à época da contratação dos serviços de caixa postal, de aparecerem regularmente para conferir as correspondências. Não era obrigação da empresa guardá-las, e a devolução acontecia com mais frequência do que o normal.

Marina pegou o telefone e discou. Ninguém atendeu. Meia hora depois, também nenhuma resposta. Deixou para ligar ao final do expediente. Perto de ir embora, arriscou e novamente nada. Olhou o endereço no cadastro e verificou que ficava no caminho entre seu prédio e a agência, de modo que decidiu comunicar diretamente. Pegou a carta sobre a mesa do chefe e a colocou no fundo da bolsa antes de sair para a aula.

No dia seguinte, saiu mais cedo para o trabalho, a fim de resolver a pendência do dia anterior. Caminhou por duas quadras e encontrou o lugar. Um prédio de escritórios, alto e espelhado. No balcão, o porteiro magrelo, jovem, afundado na cadeira, olhava a tela de segurança e não teve qualquer reação até notá-la. Endireitou-se por sua bela presença e sorriu.

— Bom dia. Eu preciso falar com a senhora Julia de LaRocque. Sala mil duzentos e dezessete.

— A identidade, por favor.

Marina passou os dados e aguardou que ele entrasse em contato. Ligou, e nada. Tentou outra vez, ninguém respondeu.

— Não tem ninguém.

— Hum... Vou deixar a correspondência aqui, então. Você entrega pra ela?

— Mil duzentos e dezessete, você disse? — O outro porteiro, gordo e mais velho que o primeiro, entrou na conversa.

— Isso. Julia de LaRocque.

— Ih, a dona Julia não tem mais escritório aqui não senhora — ele virou-se para o porteiro magrelo. — É aquela que morreu semana passada.

— Morreu? — Ela se assustou pela notícia dada de forma tão brusca.

— Pois é. Deu pena. Uma das que dava melhor caixinha de natal.

— E como foi isso? — Marina perguntou.

— Parece que foi um negócio de lúpus, coitada. Tem tanto condômino aqui que nem dá bom dia e foi logo acontecer com ela.

— Nossa, muito chato! Bom, obrigada, de qualquer forma.

Marina recolocou a carta na bolsa e saiu, cabisbaixa, pensando na má sorte das pessoas. Talvez a mulher tivesse filhos, talvez fosse boa filha. Talvez tivesse sonhos, talvez realizasse sonhos. Não sabia nada a seu respeito e, ainda assim, ficou triste.

18

Entrou na agência e foi direto à mesa do chefe.

— Preciso te contar uma coisa.

— Fala — ele disse isso em tom monocórdio, sem desviar os olhos do computador.

— Sabe a dona daquela caixa postal que você me pediu pra entrar em contato ontem? A tal Julia?

— Hum... — Ele aproximou os olhos da tela e começou a digitar.

— Bom, a mulher morreu.

— Que chato!

— Pois é. Fui até o endereço, aqui perto, e me disseram.

— Então, finalmente abriu vaga numa caixa! A fila tá enorme, e eu não aguento mais recusar pedidos. Aliás, tô doido pra entrar logo de férias.

— Finalmente? Acho que você não entendeu direito. A mulher morreu!

— Isso é a única coisa que a gente tem certeza que vai acontecer na vida. Passa pra mim aqueles formulários ali.

— Tá... Toma! — Ela jogou sobre a mesa, indignada com o descaso. — E agora, o que a gente faz?

— Simples como a água cristalina! Vou liberar a caixa pro próximo da fila. Um a menos pra ligar. Encerramos o contrato dela e, se formos oficializados, já teremos dado andamento a tudo. O pessoal da triagem manda de volta pro remetente com o carimbo de Caixa Postal Inativa. A fila tem que andar. Fim!

— Entendi.

Marina foi para o caixa e, antes de sentar, chamou Dona Jane de lado.

— Insensível!

— Quem?

— Aquele ali, ó! — Apontou o queixo em direção ao chefe.

— O que foi? Calma!

Marina contou tudo.

— Morreu de quê?

— Estava doente, não sei detalhes. Tem gente que é assim: de uma hora pra outra... Pá! Vai embora e ninguém sente falta.

— Como você sabe que ninguém sentiu falta?

— Não sei, tô só imaginando aqui. Tem muitas pessoas sozinhas nesse mundo. De repente no enterro vai pouca gente, sei lá. Isso, sim, deve ser triste.

— Eu, hein! Credo! Papo mais fúnebre esse! — Dona Jane fez o sinal da cruz, olhou para o céu e balbuciou meia dúzia de palavras religiosas. — Se isso vai te animar, pense que ela não era sozinha, que o enterro foi concorrido, muitas coroas de flores e discursos bonitos dos parentes.

— É... Melhor assim. Mas não serve de consolo. Por isso é que a gente tem que fazer coisas boas na vida. Nunca se sabe o dia de amanhã.

— Minha filha, se cada um fizesse um pouco por uma pessoa desconhecida, o mundo não tava essa perdição toda.

— Tem razão — Marina resignou-se.

E pensamentos sobre ela nunca fazer nada pelos outros tomaram sua mente.

Trabalhou muito, precisou ficar até meia hora depois do expediente para selar uma pilha de encomendas registradas que deveriam sair no dia seguinte cedo. Chegou cedo à faculdade e foi à cantina. Sanduíche natural e suco de melancia sobre a mesa. Sentia-se esquisita.

— *Bella!* — Era o Luca.

Marina se assustou.

— Ähn? Oi. Nossa, desculpa, não te vi chegar.

— Tudo bem, sem problemas. Como tão as coisas? Parece que não tá nesse mundo! — E sorriu.

— Tá tudo bem. Às vezes, eu viajo mesmo. Esse negócio de fazer turno dobrado cansa.

coisa?

hoje.

chato.

— Hum... Você quer sair hoje depois da aula, comer alguma

Marina surpreendeu-se com o convite inesperado. — Turno triplicado? — Sorriu. — Nossa, não tô boa companhia

— Ah, disso eu duvido! — Acho que não seria uma boa sairmos. — Por quê?

— Ah, você sabe. Aluna, professor, o pessoal comenta, fica

— Pois eu não vejo problema algum. Somos adultos, ninguém tem nada com isso. Mas não quero insistir. Só se você achar que vale a pena.

— É que hoje eu realmente tô meio *down*.

— Alguma coisa que eu possa fazer? De repente uma esparecida pode ajudar a melhorar, não? — Ele olhou fundo nos olhos dela.

— Hum... Quer saber? Acho que tô mesmo precisando sair. Vou aceitar seu convite. Mas tenho que chegar cedo em casa — Marina disse isso de supetão, antes de se arrepender.

— Tudo bem. Prometo deixar a Cinderela antes de bater a meia-noite e o vestido virar um trapo — beijou os dedos cruzados e piscou os olhos azuis.

Ela foi para a sala de aula. Sentou no meio das duas amigas e se entregou antes de dizer "boa noite".

— Ai, acho que fiz besteira.

— Conta — falaram, juntas.

— Vou sair com o Luca hoje — mordeu os lábios e olhou de lado.

— Aleluia! — Thaís levantou as duas mãos para o céu.

Francesca quase caiu da cadeira, e sussurrou:

— Eu te odeio! Por que tem que ser tão perfeita?

— Perfeita? Eu tô um horror hoje. Aceitei o convite no impulso. Nem sei se deveria ter aceitado, pra dizer a verdade.

— Ué, que mal terá você passar a noite ao lado daqueles olhos azuis? A única coisa que pode acontecer é você ficar abobada e sem reação.

— Sem chance. Vamos sair como amigos, só.

— E ele foi avisado disso? — Perguntou Thaís.

Durante a aula, trocaram mensagens e combinaram de se encontrar direto no estacionamento. Talvez ele também entendesse que não era prudente saírem juntos de dentro da faculdade. Isso a reconfortou. Não queria ouvir comentários maledicentes depois. Afinal de contas, saíam apenas como amigos...

19

Ele abriu a porta do carro para ela.

Direto de Milão.

Marina gostou, mas não se deixou impressionar.

— Prefere comer o quê?

— Hum... Não estou assim com tanta fome. Você escolhe.

Foram a uma cantina italiana.

Um senhor gordo e simpático veio recebê-los.

— Luca, *amore mio!*

— *Papà!* — Beijaram-se. — Trouxe uma amiga minha.

— *Che bella ragazza! Stefano* Boccagini, *piacere!*

— Muito prazer, Seu Stefano.

Luca era de uma família tradicional, dona de cantina em São Paulo. Sentaram à mesa mais bem localizada e nem precisaram pedir. Entre o convite na cantina da faculdade e a sentada na cantina italiana, ele articulou tudo.

Direto de Milão, de novo.

— *Barone Ricasoli Chianti Classico Castello di Brolio 2006* — o *maitre* chegou e mostrou a garrafa.

— Æhn?

— O vinho. Prova — sugeriu Luca.

Não entendia de vinhos. Podia ser qualquer um, de qualquer país, de qualquer tipo de uva. Provou e gostou. Acenou, concordou em tomar uma taça.

O lugar, aconchegante e silencioso, tinha pouca luz de lâmpadas. Mesas de madeira, toalhas em xadrez branco e vermelho. Sobre cada mesa, pequenos garrafões quase cobertos com a cera derretida de velas enfiadas no bocal. No som ambiente, canções instrumentais italianas antigas. Acordeon, violino, pandeirola.

O garçom trouxe bruschettas de entrada. Pão italiano, azeite, alho, manjericão, parmesão ralado, tomate cereja.

— Sei fazer pão italiano — ela disse, ao provar e aprovar.

— É? Você não tem cara de quem gosta de ir pra cozinha.

— Minha família tem padaria, já fiz muito pão por lá. Confesso que não é minha atividade favorita, mas... Me diz: quem gosta de ir pra cozinha tem cara de quê? — Sorriu, desconfiada.

— Desculpa, sem ofensa. Você não tem jeito de quem ficaria atrás de balcão de padaria. Agora, se fosse o caso, eu compraria pão todos os dias lá — olhou fundo nos olhos dela enquanto tomava um gole do vinho.

Ela desviou o olhar e ficou sem graça pela beleza dele. As meninas tinham razão. Difícil olhar seus olhos e sorriso italianos sem ficar boba. Mas concentrou-se na conversa.

— Abandonei a obrigação de cuidar da padaria porque queria virar estilista.

— Ah, o fantástico e complexo mundo da moda! É complicado, mas tem suas recompensas.

— Você nunca quis ser estilista?

— Depois do curso em Milão cheguei a trabalhar com alguns por lá, mas não me firmei. Fui pro lado da fotografia. Os *freelancers* em revistas dão visibilidade, dinheiro e liberdade de escolher os trabalhos. Também gosto da sala de aula. E a cidade de São Paulo não deve nada a Milão.

— Eu não vou desistir de tentar trabalhar no meio. Não saberia fazer outra coisa.

— Pra quem quer ralar, é um prato cheio.

— Pois eu quero me empanturrar, então — e sorriu.

Jantaram canelone ao molho branco com passas e ricota. Luca contou histórias de seu tempo na Itália. Quando reparou, já passavam quarenta minutos da meia-noite. E ele:

— Desculpa, descumpri o prometido. Mas... Bom, você continuou linda! Se tivesse virado um trapo eu teria me lembrado da promessa exatamente à meia-noite. De qualquer forma, se perdesse o sapato de cristal eu saberia onde te encontrar — piscou o olho direito e sorriu.

— Tudo bem. O papo foi muito agradável. Te confesso que nem eu percebi.

Finalizaram com limoncello e café curto. Foram até a cozinha se despedir do pai, que preparava uma macarronada à carbonara.

— Muito obrigado, Seu Stefano.

— *Tu sei sempre benvenuto!*

Na despedida, em frente ao prédio dela, ele tentou um beijo sorrateiro em sua boca, mas ela desviou. E deu um sorriso que dispensou comentários.

Ficaram no abraço, apenas.

20

Foi acordada às sete da manhã pelo toque do celular. Seis chamadas já registradas. Três da Francesca. A quarta da Thaís, que não deu nem "bom dia".

— Conta tudo!

— Tudo o quê?

— Como foi?

— Como foi o quê, criatura de Deus? — Desnorteada e sem noção do assunto em questão.

— Ei! Acordaaaaa!

Marina sentou-se na cama ainda de olhos fechados. Ajeitou os cabelos atrás das orelhas e perguntou:

— Vai, qual parte você quer saber?

— A parte que começa no começo e termina no fim. O que mais eu ia querer saber de você às sete da manhã?

— Ah, não aconteceu nada demais. Ele é fofo, só isso.

— Ficaram?

— Não.

— Mas você é devagar mesmo, não? E por que não?

— Ei, foi a primeira vez! E nem sei se vai ter outra. Saímos como amigos, mais nada.

— Ele tentou te beijar?

— Tentou.

— E?

— E nada, ué! Não é assim que funciona, não no meu caso! — Deu uma risada.

— Ok, ok... Pulemos essa parte do romantismo. Mas foram onde?

— Meu Deus, que interrogatório! Você prefere mandar um formulário e eu preencho? Se quiser, eu coloco minhas digitais e tiro uma foto com uma blusa listrada e um número numa placa. De perfil

e de frente! — Caiu de costas na cama, riu e encolheu-se embaixo das cobertas.

— Tudo bem, vai! Quer almoçar hoje? Eu falo com a Fran.

— Pode ser.

— Mas vai contar tudo, sem rodeios. A Fran tá histérica querendo saber se você deu pra ele.

— Que dei o quê! E eu lá sou mulher de fazer isso na primeira vez que saio com um sujeito?

— Ah, minha filha. Você sabe o que ela vai dizer, né? Que, especificamente com um tremendo gato daquele, a teoria não vale e a primeira pode ser tarde.

— Vocês são umas vadias mesmo! Deixa eu dormir mais um pouco, vai! — E caiu na gargalhada.

— À uma e dez? No Marcelina & Garcia?

— Uma e dez.

— Beijinho.

— Beijo, amiga.

Será que tô exagerando na convicção?

De repente não haveria mesmo mal em ceder a seus encantos. Ele era romântico, parecia de boa família. Não haveria de ser tão difícil dar uma chance. Refletiria sobre isso mais tarde, com calma.

Precisava finalizar um estudo sobre o mercado da moda em países fora do eixo Paris/Tóquio/Milão/Nova York, para a aula de *Marketing* de Moda, na semana seguinte. Saiu do banho, vestiu calcinha e sutiã brancos, passou creme no corpo, sentou para estudar. Ao abrir a bolsa e puxar os livros, algo solto caiu no chão...

Uma carta repousou solitária, à espera de alguém que lhe desse importância. Marina pegou-a, virou de um lado para o outro, examinou e então gritou:

— Carambaaaaa! — Colocou a palma da mão na testa

Quando pegou a carta na agência, ela nem se deu ao trabalho de olhar. Agora aquilo era um problema, pois a destinatária, pessoalmente, não poderia receber de jeito nenhum.

Passou a examiná-la com cuidado.

No lado do destinatário, vinha escrito apenas: "Minha Amada Eterna — Caixa Postal 787 — São Paulo — CEP: 01310-200".

Minha Amada Eterna... Nossa, que lindo!

Sentou na borda da cama, de pernas esticadas e ombros caídos. Olhou o remetente: Heitor de Alencastre. A carta vinha de Portugal, cidade do Porto — Lar de Santa Ana.

Fitou por instantes a carta. Talvez jogasse fora mais tarde, talvez pudesse enviar de volta ao remetente. Deixou no canto da prancheta e começou a estudar. Mas a cada virada de página olhava para o envelope. Não conseguia tirar da cabeça o "Minha Amada Eterna". Tentou concentrar no texto: *o mercado asiático de moda cresceu vertiginosamente na última década de... Minha amada eterna... A fatia de participação chinesa no cenário dos... Minha amada eterna... Minha amada...*

Largou o lápis, tomou a carta nas mãos.

Será que a pessoa sabe que a Julia morreu? Pode ter alguma informação relevante e que deve ser passada a um parente? Posso conferir? Isso é violação de sigilo de correspondência? Vou ser processada?

— Ai, meu Deus, tá difícil estudar assim.

E, antes de se arrepender, foi até a cozinha, pôs água na chaleira, acendeu o fogo. Escorou as costas na pia e voltou a observar a carta. O coração acelerou, resultado da soma entre a ansiedade por ler e o medo de fazer besteira. Quando a água ferveu, posicionou o local da cola direto no bico, envolvendo-o no vapor. Conseguiu abrir e deixá-lo intocado. Desligou o fogo, voltou para o quarto, sentou-se na cama e retirou a única folha, escrita à mão, caneta azul. Uma bela letra arredondada...

"Porto, 15 de fevereiro de 2012.

*Minha Amada Eterna,
que prazer imenso ler-te!*

*Esperei-te, desejei-te, sonhei contigo milhares de noites.
Imaginei que nunca mais saberia de ti, antes de Deus dar-me o
privilégio de estar para sempre ao Seu lado. Não fazes ideia a forma*

avassaladora que, as tuas breves palavras fizeram no meu peito renascer, este sentimento bom, puro, verdadeiro. Saber que ainda estás a andar pelo mundo com o teu olhar magnífico a encantá-lo é o que me fará respirar a cada segundo dos meus dias.

Estou em paz, e espero que estejas também. Conta-me mais, muito mais!

*Certo da tua resposta breve,
Heitor."*

Marina ficou paralisada, olhar fixado, a boca meio aberta. Releu duas vezes aquela breve declaração de amor. *Nossa! Caramba! Lindo! Meu Deus!* — Foram as palavras que vieram à mente. Arrepiou-se com a delicadeza do texto, e procurou entender o que Heitor tentou externar em cada linha. As palavras de Dona Jane sobre ninguém mais escrever com paixão voltaram.

— Sua teoria acabou de cair por terra, minha amiga! — Ela disse.

Deixou o corpo cair no colchão e fixou o olhar no teto branco, a carta pressionada pelas duas mãos contra o peito. Sensações misturadas de felicidade e tristeza invadiram-na de forma cortante. Felicidade por saber que há no mundo pessoas que sentem coisas tão fortes por outras. E tristeza traduzida na impossibilidade de aquilo se concretizar, já que a Julia estava morta. A interrupção daquele amor era inevitável àquela altura.

Que missão lhe havia sido conferida: ser porta-voz da notícia que acabaria com uma história tão linda e perfeita! Deveria aceitar a missão? Aliás, aquilo era uma missão? Não teve certeza. Não sabia nem como dar a notícia a Heitor. Nunca havia dado notícia de morte a ninguém. As palavras dele indicavam, sem sombra de dúvida, a retomada de uma história. *Por que logo eu? Ninguém mais pode dar a notícia?* A menos que tivesse elementos para fazer tudo direito, deixaria Heitor sem resposta.

Colou o envelope, jogou novamente dentro da bolsa e foi para a agência. Não prestou atenção em nada do que fez pela manhã. Quando bateu o horário do almoço ela saiu correndo. Precisava descobrir algumas coisas...

21

— Com licença.

— Oi, moça! — Era o mesmo porteiro jovem e magrelo.

— Tudo bem? Estive aqui pra procurar por uma pessoa, lembra? A dona Julia, do mil duzentos e dezessete. Uma que faleceu.

— Sim, eu me lembro da senhora.

— Então, eu queria tentar entregar aquela correspondência. Preciso encontrar um parente, um conhecido, sei lá. Você não tem aí nos seus registros algum telefone que possa me dar?

— Hum... Não sei não, moça. Sabe como é, né? Se o síndico descobre que eu dei informação de algum inquilino pra um desconhecido, vou pro olho da rua rapidinho. Minha mulher me mata!

Marina, sem paciência para argumentar, colocou uma nota de vinte sobre o balcão, olhou de lado, levantou a sobrancelha e coçou o queixo.

— Bom, deixa eu dar uma olhada por aqui. Pensando bem, acho que não vai ter problema — ele olhou para os lados e colocou a nota no bolso.

— Obrigada. Muito gentil da sua parte.

— Olha, moça, as informações ficam todas na administradora do condomínio. Mas tem umas correspondências pro mil duzentos e dezessete aqui acumulando meu serviço. Quer dar uma olhada?

Quando olhou a primeira das correspondências, tudo, enfim, fez sentido...

22

O Marcelina & Garcia estava cheio, mas Francesca e Thaís conseguiram uma mesa nos fundos, longe do barulho habitual para a hora de almoço naquela região.

Esperaram tempo demais.

— Cadê tua amiga? Tem certeza que combinou aqui? — Perguntou Francesca. — Não tô aguentando de fome e de curiosidade. Liga pra ela.

Thaís pegou o celular, discou, esperou e nada. Tentou de novo e caiu na secretária eletrônica.

- Cadê você, criatura?

Mas ela não apareceu.

23

"O Anjo Carteiro", nome da empresa que estampava a conta de telefone, foi um tapa na cara. Grudou na mente feito ferro em brasa que marca o animal, embaralhou os pensamentos e deixou Marina atônita. Ela saiu do prédio de escritórios atordoada e incrédula, sem saber qual direção tomar. Como não tinha notado algo que esteve bem em frente do nariz? Como tinha sido tão distraída e não percebido a conexão entre o sumiço da ruiva e a morte da tal Julia? Estes pensamentos tomaram o pé do seu rumo.

Enfim, soube o nome da ruiva: Julia de LaRocque.

Parou no primeiro bar aberto, pediu uma água com gás e deixou-se esticar na cadeira. Sentiu uma tristeza que há muito não sentia. Tiveram contato apenas uma vez, nada além de dez minutos. Sintonia imediata. E, desde então, não esqueceu a forma com que escrevia suas cartas. Marina sentiu a dor de perder alguém que, de forma rápida e sutil, mostrou outro ângulo de uma triste história que poucos se importam em mudar.

Sempre ouviu que cada um é o resultado de suas escolhas e experiências. Mesmo que imperceptíveis, uma palavra, uma cena, uma situação, essas mínimas coisas são capazes de mudar uma pessoa. Para melhor ou pior. A passagem de Julia por sua vida foi rápida e transformadora, mas só agora pôde dar-se conta daquilo.

Por que a vida tinha de ser tão frágil? Quantos sonhos seriam interrompidos por uma fatalidade, pela imposição do destino de que ela deveria carregar aquela doença? Tão nova, tão cheia de possibilidades pela frente! Quantas pessoas ela tinha tornado mais felizes e, a partir dali, seriam novamente esquecidas e desamparadas? Pensamentos que contribuíram para tornar seu dia infeliz.

Voltou para a agência, foi direto ao computador. Digitou no Google: "Lúpus". O resultado: "Doença autoimune que atinge preferencialmente mulheres jovens, entre 15 e 40 anos... Em casos

mais graves, falta de ar... dor para respirar... manchas pelo corpo". Lembrou-se das palavras de Julia: ... *Ela conta suas angústias, se abre. Isso a mantém viva. Quem se mantinha viva pelas cartas era ela própria.*

Sobrava, agora, Heitor.

Trabalhou, calada, e não se lembrou de ter faltado ao encontro com as amigas. Nem foi à faculdade.

Muitas dúvidas não saíam de sua cabeça...

24

Chegou em casa ainda claro, jogou as coisas em cima da cama, ligou o computador. Tirou os sapatos, foi à cozinha, pegou um copo de suco de laranja, encostou as costas na pia. *Julia de LaRocque... Julia de LaRocque... Quem era você nesta carta? De quem você assumiu o lugar quando escreveu pra esse Heitor? Quem é ele? Quem é a 'minha amada eterna'?*

Rasgou o envelope, retirou o papel e o releu mais quatro vezes, atormentada pela decisão a tomar.

Sentiu pena.

Deveria ou não contar para o Heitor que a remetente da carta estava morta? Se bem que a Julia era apenas a remetente contratada. A verdadeira remetente, a que Marina não sabia nome, nunca havia escrito carta alguma. Podia estar viva, podia estar morta. Era obrigação fazer algo? Poderia deixar de lado, claro, mas seria justo com ele? Com aquele amor tão doce? Seria correto deixá-lo saber que sua amada verdadeira sequer sabia que falaram em seu nome? Qual o tamanho da decepção de Heitor?

Talvez fosse ofício do destino a carta ter parado em suas mãos. Marina acreditava na pureza e no poder do amor perfeito. Se tivesse caído nas mãos de outro, provável que muitos daqueles questionamentos nem seriam feitos e a correspondência entre os dois seria ignorada.

Sentou-se diante do computador e digitou, no Google: "Heitor de Alencastre". O resultado foi "Sua pesquisa — 'Heitor de Alencastre' — não encontrou nenhum documento correspondente". Não estranhou, porque, em geral, não se encontravam mesmo informações a respeito de pessoas mais velhas. Digitou, então, "Família Alencastre no Brasil", e leu o mesmo resultado da pesquisa anterior. Imaginou que o contratante do serviço de Julia não tivesse mais este sobrenome. Analisou mais um pouco e colocou, por fim: "Lar de Santa Ana em Porto — Portugal". Desta vez, alguns

resultados. Clicou em "Imagens" e vieram duas ou três fotos. Uma construção antiga, de pedra, rodeada de oliveiras. Localizada num belo vale, mas com aspecto de lugar muito triste. Como, em geral, são os asilos.

Passou a mão no rosto, começou a refletir. Um lugar daquele não era mesmo do tipo feliz. Esquecido pelo tempo, pelas pessoas, pelo mundo. Salvo por abnegados que, em troca de dinheiro, dispõem-se a cuidar. Ou voluntários tocados pela compaixão humana, pela necessidade de "pagar seus pecados". O tipo de lugar no qual ninguém deseja terminar seu caminho. Heitor, como tantos outros esquecidos por lá, haveria de ansiar por algo novo. O reencontro com as palavras de sua amada parecia ser essa novidade.

Poderia telefonar ou contar por carta que aquilo tinha sido uma grande mentira. Mas algo a impedia de seguir em frente. Não queria dar a notícia, não era seu direito acabar com a esperança dele. Releu o trecho: "*Saber que ainda estás a andar pelo mundo com o teu olhar magnífico a encantá-lo é o que me fará respirar a cada segundo dos meus dias*".

Heitor finalizava com "*Certo de tua resposta breve*", e isso não dava à Marina muito tempo em relação à decisão. Ou contava para ele toda a história, o golpe de misericórdia e de desilusão sobre o castelo que tinha reconstruído, ou então assumia o lugar da Julia e dava continuidade à correspondência entre os dois. Tentadora a possibilidade de sentir na pele o que Julia sentia.

— O que você vai fazer, Marina? — Ela se perguntou. E repetiu: — O que vai fazer?

Não sabia nada, nem o nome do grande amor de Heitor. Não sabia quantos anos teria, onde teriam se conhecido, a história que tiveram. Tudo, agora, passava por encarar o peso da decisão de desistir ou de dar continuidade e assumir os riscos.

Pensou muito e, enfim, tomou a decisão: Heitor não era problema seu.

25

Ao primeiro toque do interfone, Marina pulou da cama, desacostumada a receber visitas tão cedo. O porteiro informou que eram Thaís e Francesca. Atendeu a porta de pijama, morta de vergonha e cabisbaixa.

— Ai, amigas, desculpa pelo furo no almoço.

— Viemos ver se você tá viva — Thaís colocou a cabeça para dentro e continuou: — Tem alguém aqui com você?

— Comigo? A essa hora da manhã?

— Se quiser a gente volta outra hora — Francesca fez cara de curiosa e também colocou apenas a cabeça para dentro, olhando para os lados.

— Mas... Ora, vocês duas querem parar de ser tontas? Eu tô sozinha, é claro! Entrem logo.

As duas entraram, Thaís se jogou no sofá e reclamou:

— Não apareceu no almoço, não foi à aula, não atendeu ao telefone desde ontem, sumiu, escafedeu-se... Sei... — Balançou a cabeça e coçou o queixo.

— Pensei que você tinha sido sequestrada — exagerou Francesca.

— Sequestrada por quem, criatura? — Olhou para o celular descarregado e procurou o carregador.

— Ué! Por um Deus italiano. Bom, nesse caso eu não ia querer mesmo que minha família pagasse o resgate.

— Não, eu tô bem. Não aconteceu nada. Só me esqueci, mais nada. Desculpa, vai.

— A gente não devia te perdoar pela furada no almoço, mas a curiosidade tá grande. Conta logo, não mente. A gente sabe quando a pessoa tenta esconder. Você tava com ele, né? — Thaís foi direto ao ponto.

— Tava nada! Foi só aquele jantar mesmo.

— Você nem contou os detalhes de nada. Assim, a gente morre de curiosidade.

— Vocês querem saber o quê, especificamente?

— Queremos saber tudo! O que ele falou? O que vocês comeram? Como foi? Até que horas? O perfume, a roupa, sei lá.

— Bom, sendo bem direta: jantamos no restaurante da família dele, conversamos amenidades, tomamos vinho. Fim da história.

— Opa! Ele tem restaurante? — Gritou Francesca, com a cara enfiada na geladeira.

— O pai tem. Uma gracinha de cantina italiana.

— Mas você acha que ele quer alguma coisa mais séria? — Thaís retomou o interrogatório sobre os dois.

— Mais séria não sei. Em se tratando de homem, minha filha, "coisa mais séria" pode significar "ir pra cama logo e então ligar no dia seguinte e dizer um oi", nada mais.

— Mas... Gente! Isso já não seria suficiente, se o homem em questão é o Luca? — Francesca olhou para o teto.

— Não é isso que eu quero. Eu me conheço. Vou me sentir mal se fizermos amor e depois tiver que encará-lo na faculdade.

— Romântica, romântica, romântica... — Francesca colocou a cabeça dentro da sala. — Minha filha, ninguém hoje em dia é romântico assim!

— Será? — Ela se lembrou da carta sobre a escrivadinha.

— Homem só pensa com a cabeça de baixo. É cruel, mas é a mais pura verdade. E "fazer amor" é um conceito que nenhum deles tem a mais vaga ideia do significado — filosofou Thaís.

— Se ele não sabe, isso não é problema meu. Vou ter que aceitar qualquer coisa, então? Nem...

— Mas ele não é qualquer coisa, ô criatura de Deus! — Francesca começou a se impacientar.

— Pois pra mim é igualzinho a qualquer outro. Vamos dar tempo ao tempo. Se ele merecer, eu cedo a seus encantos de Don Juan — sorriu e deu uma piscadinha.

— Don Juan era espanhol. No caso dele, tá mais pra Giovanni Casanova — corrigiu Thaís.

— O que, no fundo, dá na mesma — complementou Francesca.

— Ok, senhora entendida de cinema e literatura. A casa pode ser nova, pode ser velha, pra mim tanto faz. Por enquanto, não quero entrar nessa casa — e se abriu de dar risada.

— Exigente!

— Pentelha!

Marina sorriu e pediu licença para trocar de roupa. Foi ao quarto, pegou a carta e colocou entre os dois colchões da cama box. Não queria mostrar para as meninas até ter certeza da decisão.

— Tudo bem. Enrolou, enrolou e não falou. O que vai fazer a respeito do Luca? — Gritou Thaís, da sala.

— Ué, nada! Não quero precipitar as coisas. Quero alguém que tire meu chão, e ele ainda não consegue isso.

Thaís não se conteve:

— Ah, vá... Se o problema é tirar o chão, conheço um pedreiro ótimo que tira um chão que é uma beleza. Rápido e limpinho.

Marina deu risada.

— Essa exigência toda me cansa — Francesca cochichou para Thaís, lambeu uma colher com doce de leite e se jogou no tapete da sala.

— Não quero qualquer um e... Tudo bem, vocês vão dizer que ele não é qualquer um. Concordo. Ele é gato. Gato demais! É gostoso, o olhar dele realmente é de matar, a boca parece um coraçõzinho e é difícil concentrar na conversa — voltou para a sala de saia, blusa e o colete dos Correios. Penteava os cabelos.

— Opa, tô vendo progresso aqui. Se já admite que ele é tudo isso, pro resto é fácil — Thaís se animou.

— Vamos com calma, meninas. O tempo vai dizer se vale a pena ou não dar uma chance a ele.

— Bom, já vi que desse mato não vai sair coelho. E tô morrendo de fome. Mais vazia que essa geladeira aqui, impossível! Alguém me acompanha pro café da manhã? — Sugeriu Francesca.

Saíram para o café.

Depois, cada uma foi para seu compromisso.

26

Nos dias seguintes, Marina só estudou. E evitou a todo custo encontrar-se com Luca. Demorou todos os dias dentro da livraria mais do que o habitual, para chegar à faculdade em cima da hora. Saiu sempre antes de as aulas terminarem. Faltou à aula dele. Não tinha certeza sobre como falar ou agir, ainda que não tivesse acontecido nada demais. De qualquer forma, ele não tinha ligado. Melhor assim. Nenhuma cobrança, nenhuma insinuação, nenhum compromisso.

Decidiu dedicar o final de semana para si. Dispensou o convite de Thaís para um churrasco com amigos do trabalho do Antônio. Alguns deles faziam parte do time que tinha visto foto dela e queria forçar um encontro. Inventou a desculpa de que passaria os dias na casa dos pais.

Sempre ficou bem sozinha. Desenhar ou acessar por horas os sites das grandes marcas de roupas, além dos blogs internacionais sobre moda, tudo ao som de uma sequência de músicas gostosas, era suficiente pra que estivesse feliz.

Acordou domingo cedo e nem se deu ao trabalho de tirar a camisola. Atualizou o blog com uma matéria sobre as novidades esperadas para a *São Paulo Fashion Week*, que aconteceria em junho, dali a dois meses. Precisava conseguir credencial, e aproveitou para mandar e-mails a contatos de peso. Postou fotos, deu conselhos e conferiu as estatísticas.

No final da manhã, jogou uma lasanha congelada no forno e decidiu arrumar a casa. Nem de longe sua atividade favorita, mas empregada doméstica era um luxo fora do padrão. Ligou o som, mais alto que o habitual, numa lista de músicas da Katy Perry, Kelly Clarkson, KT Tunstall e Kylie Minogue. Foi varrer a sala e o quarto, passar pano no chão da cozinha, lavar o banheiro, colocar as roupas sujas na máquina e trocar a roupa de cama.

Quando levantou o colchão para tirar o lençol, reencontrou-a...

A carta de Heitor jazia solitária, triste, implorava para ganhar vida. O coração disparou. Tinha relegado-a ao esquecimento, dormiu várias noites sobre aquela história, sentiu-se mal, injusta.

Desistiu de tirar o lençol, voltou o colchão para o lugar. Sentou-se na cama, abriu a carta e releu. Encantou-se novamente. Percebeu que não poderia desprezá-lo. Ele tinha escrito há um mês e meio, e já passava da hora de receber a resposta. Não responder seria negar o direito a que ele continuasse a sonhar.

Farsa? Não cogitou isso. Não era isso!

Relaxou o corpo, respirou fundo, sorriu.

Ah, quer saber? Não há de ter mal algum em responder, Marina. Se a primeira carta da Julia já não foi verdadeira, por que eu não posso tentar também?

A decisão de tornar-se um anjo carteiro começava a mudar sua vida para sempre...

27

Pegou o prato de lasanha, uma folha na impressora e a caneta. Sentou-se à mesa da sala. Tentou lembrar-se da caligrafia de Julia. *Era uma caligrafia arredondada. Precisava de credibilidade, e imaginou que Heitor não se apegaria a este detalhe. De todo modo, queria fazer o melhor possível. Deu uma garfada e começou:*

"Amado Heitor, "

[...]

Não fazia a menor ideia de por onde começar, que tratamento dar, como chamá-lo, a linguagem, o estilo.

Comeu mais um pouco da lasanha e foi até a cozinha pegar o suco. *Heitor de Alencastre... O que você viveu nessa vida? O que sente pela... pela... Ai, eu não sei nem o nome de quem eu devo ser. Quem é você, 'amada eterna'?* A Julia conseguia porque recebia os dados pelo familiar contratante. Assim, ficava mais fácil. Bastava escrever generalidades, misturadas a informações corretas, e então tudo deveria sair mecânico a partir dali.

Ele nunca vai morder a isca... Não sou boa nisso!

Pegou o papel, sentou-se no sofá da sala, estirou as pernas sobre a mesa de centro, pegou um livro de fotos publicadas na VOGUE Itália e usou como apoio. Decidiu fazer da forma que parecia a mais fácil: usar como base a carta de Heitor e tentar obter dele as informações para as próximas. Recomeçou a escrever:

"Nossa, bom também saber que está bem. Também fiquei muito feliz em receber sua resposta. Estava apreensiva por não saber se responderia, ou se teria lembranças boas como as minhas. Também me lembro dos momentos, tantas palavras mágicas que dissemos. O sentimento que brotou em mim também foi especial.

Também espero que, a partir de agora, nossa correspondência se torne mais frequente e"

[...]

Releu e desanimou. Uma bola de papel no chão. Não tinha alma, não tinha paixão. Não podia deixar tantos "também" escritos. Lembrou-se da frieza de muitas pessoas ao responderem "eu também" a uma declaração de amor apaixonada. Não podia ficar apenas no "eu também, eu também, eu também". Faltava a paixão da hábil Julia. Tentou traçar outra estratégia. *O que ele vai gostar de ler? Certamente, nenhum "também".*

Então, Marina fechou os olhos e imaginou a figura de Heitor: cabelos brancos, pele morena, olhos castanho-claros, rugas que o tempo tratou de vincar em seu rosto. Muitas experiências na vida, capazes de inspirá-lo a escrever aquela carta tão apaixonada. Um homem que tinha a beleza escondida pelos caprichos do tempo. Abandonado pela sorte em um lugar solitário.

Recomeçou:

"Amado Heitor,

O amor que sinto neste momento é profundo, arrebatador. Tento, mas não consigo expressar em palavras o sentimento que me invade e transforma minha vida num momento de sonhos, de beleza inigualável, de"

[...]

Odiou, mais falso impossível! Outra bola de papel. Não dava para ser tão melosa, precisava obter informações antes de dizer qualquer coisa. Comeu o resto da lasanha, largou o papel, foi escovar os dentes. Olhando-se no espelho, decidiu, enfim, que naquela primeira, ou melhor, naquela segunda carta, tentaria obter apenas informações que empurrassem a conversa para frente. Buscou toda a experiência adquirida nos filmes de comédia-romântica e aplicada nas muitas linhas de seu blog. Sentou e escreveu de um jeito simples:

"São Paulo, 1º de abril de 2012.

Amado Heitor,

Que bom que recebeu minha carta! Confesso ter ficado apreensiva ao imaginar como iria recebê-la, após tantos anos. Fiquei muito feliz por saber que gostou.

Antes de mais nada, quero me desculpar pela demora em responder a você. Alguns contratempos me impediram de fazer antes, e prometo não mais demorar a lhe escrever. Saber que está bem reacendeu em mim a lembrança de dias muito agradáveis, eu e você apenas. Minha memória não tem ajudado muito, mas o sentimento, quando é verdadeiro, faz a mente trocar imagens por sensações. As sensações são as partes importantes que ficam. A maior delas, o enorme carinho. O pouco que disse em sua breve carta me fez acordar para o fato de que ainda há muito a ser dito e sentido.

Aproveito este reinício do nosso contato, para lembrar algumas coisas, trazer para hoje momentos escondidos no fundo da minha memória. Queria saber o que mais te lembra em mim, minha característica mais marcante que ficou gravada na sua mente. Ah, e se lembra do jeito carinhoso que dizia meu nome. Seria tão bom voltar no tempo!

O destino preparou este reencontro, e cada palavra minha será para tentar tornar seus dias mais felizes.

Um beijo,

de sua amada eterna".

Generalista, sem comprometer. Mas não assinar a carta foi o que mais incomodou. Não poderia chutar um entre milhões de nomes possíveis. O importante, naquele momento, era saber tanto algumas informações sobre Heitor quanto tudo sobre ela própria. Se ele não desse pistas de um momento, ou o mais básico, seu nome, não haveria qualquer chance de credibilidade na troca da correspondência. Dobrou com delicadeza o papel e colocou-o dentro da bolsa.

28

Na segunda-feira, postou a carta antes de atender o primeiro cliente. Guardou o código do rastreamento na carteira, para acompanhar a entrega passo a passo, até o destino final.

Por mais que tivesse assumido de coração o lugar da Julia, segundos antes de jogar a carta no box das correspondências recolhidas antes do almoço e levadas à central dos Correios, ela se deteve. Pesou, pela última vez, as consequências de seu ato. A partir daquele instante, não haveria retorno. Assumia, ali, um papel desafiador: o compromisso com a felicidade de um velho solitário. Se conseguisse tornar a vida daquele homem mais feliz, então cumpriria o papel digno que o destino lhe conferiu. E faria, enfim, algo por uma pessoa que não ela própria.

O celular de Marina tocou durante o expediente, mas ela não atendeu. Era o Luca. Nem durante a pausa para o café retornou as ligações.

No final da tarde, ligou de volta.

— Ei, você tá viva? *Milagro!*

— Oi, desculpa não ter ligado mais cedo. O trabalho tava uma loucura. Toda segunda-feira é assim: o mundo inteiro resolve mandar encomendas. Como você tá? Sumiu!

— Sumi? Eu sumi? Tô bem, e nada sumido! — E soltou uma risada. — Olha só quem fala! A mulher mais desaparecida da história de *la Scuola di Moda a San Paolo!*

— Andei ocupada. Não consegui ficar muito lá na faculdade. Como foi a aula da semana passada?

— Hum... Sem você por lá, confesso que não foi muito interessante. Mas depois você recupera, sem problemas.

— Eu pego a matéria com as meninas. Prometo não faltar mais — ela cruzou os dedos.

— Quer ir ao cinema?

— Cinema? Quando?

— Hoje mesmo, que tal? Te pego em casa mais tarde.

Primeiro, um jantar. Agora, cinema.

— Será? — Ela perguntou.

— Por que não? Pode faltar à aula hoje?

— Hum... Tudo bem. Mas olha lá, hein? Pra eu perder aula deve ser um filme bom demais! — E riu.

— Pode deixar, não vou decepcionar.

— Vamos ver se você se sai bem nessa.

— Oito horas?

— Oito.

— Um *baccio*.

— Outro.

Desligou e ligou imediatamente para Francesca.

— Adivinha!

— O quê?

— Duas palavras.

— Quais?

— Cinema!

— E?

— Luca.

— Como? Cinema com o Luca? Quando? Onde?

— Agora, daqui a pouco, no início da noite, sei lá. Anota a matéria e depois passo minha *pen drive* pra você gravar.

— Por que eu não te dou um safanão, hein, sortuda? Sorte sua que não tá aqui do meu lado, senão você ia ver — e deu uma risada histórica.

— Ah, é só um cinema, nada mais.

— Nada mais de jeito nenhum! A coisa tá evoluindo rápido. Jantazinho... Cineminha... Sei! Pra quem não queria nada com o professor, tô te achando bem avançadinha! — Francesca não se conteve. — Vai ter que me ligar quando voltar pra casa, não importa a hora.

Marina deu risada.

— Que avançadinha o quê! Também sou de carne e osso, né? Mas te prometo. Ligo assim que abrir a porta.

— E vão assistir a que filme?

— Não sei ainda. Deixei ele escolher. Acertou no restaurante, vamos ver se acerta também no cinema.

— Meu Deus! E ainda faz joguinho! Minha filha, o filme não tem a menor importância. Com aquele gato eu assistiria até ao...

— Lá vem você de novo! — E deu uma gargalhada.

— Na verdade, aquilo já é o filme completo. Começo, meio e fim. Fotografia, figurino e continuidade, todos perfeitos. Deve ser difícil prestar atenção ao outro filme da tela. Ele merece o Oscar, é um clássico de Hollywood e...

— Tá bom, já chega! Sei de tudo isso aí. Depois te conto como foi o filme.

— Alto lá! Não vai me acordar pra contar sobre o filme. Posso ler, em qualquer blog, sinopses muito melhores que a sua...

29

Marina foi para casa preocupada com o que tinha feito mais cedo em relação a Heitor. A dúvida sobre ter sido convincente era contrastada pelo medo de magoá-lo. Tudo aquilo mexia muito com ela.

Às oito horas em ponto, o interfone soou.

O fato de ser o encontro com um homem interessado nela tornava tudo mais delicado. Isso não a preocuparia se ela também não estivesse começando a se interessar por ele. Enquanto descia pelo elevador, olhou-se no espelho, retocou o batom vermelho e deu a última ajeitada no cabelo. Sorriu, e disse:

— Xô, pensamento ridículo! Ele é só o professor, um amigo. Marina Albertini, para de pensar besteira! Não vai acontecer nada!

Ele vestia calça jeans, camiseta branca, cinto largo marrom. Cabelo úmido, cheiro suave.

Armani. Beijaram-se e ele abriu a porta do carro.

Por mais que não quisesse transparecer, estava encantada por ser cortejada por um homem daquele.

— Então, escolheu o filme?

— Você vai adorar.

No carro, conversaram amenidades. Tempo, correria, moda, fotografia. De trilha, Eros Ramazzotti.

Na frente da bilheteria, ela sorriu. *Acertou de novo.*

Luca escolheu a reapresentação da ópera Carmen, de Georges Bizet, em 3D, gravada na Royal Opera House, em Londres. Ela nunca tinha assistido a uma ópera num cinema, mas achou sensível que não a tivesse levado para assistir ao último *blockbuster* de Hollywood.

Ela amou o filme, muito bem conduzido. Imaginou a paixão que Bizet deve ter sentido ao escrever cada um dos quatro atos da ópera. A *Habanera*, interpretada de forma tão bela, colocou lágrimas

nos olhos de Marina. Lembrou-se da paixão de Heitor por sua amada eterna.

Ao final, sentaram-se num Café. Ela:

— Lindo, não?

— Gostou?

— Muito. Não sabia que você era amante de ópera.

— Ih, fui muitas vezes ao *Teatro alla Scala, em Milão*. Um de meus programas favoritos. Verdi, Rossini, Puccini. Assisti a quase tudo.

— Quanta paixão estes compositores puseram em suas obras, né?

— A alma do ser humano é surpreendente. Quando consegue traduzir em canções seus sentimentos, só pode sair algo como o que assistimos hoje.

— Também cresci escutando ópera. Pavarotti, Caruso, Giuseppe Di Stefano. Meu pai é metido a tenor, como todo bom padeiro italiano. O orgulho da vida dele é o Dó de Peito que conseguiu uma única vez na vida, há mil anos — Marina sorriu. — Se deixar, ele conta isso em todos os almoços.

— Quer dizer que, além de linda, a senhora é entendida de música clássica?

— Ah, nem tanto assim — ela ficou sem graça com o elogio, e preferiu mudar de assunto. — Mas... E o figurino? Que tal?

— Me diga você.

— Muito bem cortado, os detalhes são simples e ao mesmo tempo perfeitos pro estilo da época. Eu diria maravilhoso, de tirar o fôlego...

— Que nem você — deu um gole no cappuccino e olhou fundo nos olhos dela.

Marina baixou o rosto, novamente sem graça. Ele era muito bom na arte da conquista.

No final da noite, em frente ao prédio da Marina, momento da despedida, Luca desligou o carro e sorriu para ela. Ela entendeu o que ele sugeriu quando segurou sua mão. A decisão, ali, teria que ser tomada em segundos.

E o beijo foi inevitável.

Ele soube criar um clima muito mais forte que qualquer convicção que ela pudesse ter enterrada no peito e a impedisse de ceder a seus encantos. Inebriada pelo jeito sedutor daquele belo homem, ela se entregou em seus braços.

- Posso subir com você? – Ele perguntou, em meio a um beijo longo.

- ãhn? – Marina se assustou com a pergunta inesperada.

- A gente pode ficar bem mais à vontade, não acha?

- Hum... Preciso levantar cedo e... Bom, melhor não.

Despediram-se sem combinar nada. Ela não queria combinar, não queria se comprometer, apenas sentir o momento. Depois pensaria.

Entrou em casa e, antes de jogar a bolsa sobre a mesa, ligou para Francesca.

— Beijou?

— Ai, amiga. Beije e...

— Ah, mas eu vou te dar é um cascudo quando te encontrar!

Marina contou por alto, para deleite da amiga. Prometeu detalhar no dia seguinte.

Desligaram e ela foi tomar banho. Não conseguia tirar da cabeça o tema da *Habanera*. Antes de deitar, procurou na internet a tradução da ária e encontrou: "*O amor é um pássaro rebelde que ninguém pode prender. Não adianta chamá-lo, pois só vem quando quer. Não adiantam ameaças ou súplicas. Um fala bem, o outro se cala. É o outro que prefiro. Não disse nada, mas agrada-me. O amor, o amor...*"¹

Dormiu bem aquela noite. Com o gosto de Luca nos lábios. Embalada pelo amor entre Heitor e sua amada eterna.

30

Marina decidiu passar por cima de seu preconceito em relação a relacionamentos com professores. Apenas o fato de ser mais velho a incomodava. Ela tinha vinte e cinco anos, e ele trinta e cinco. *Dez anos é muito tempo*, pensou diversas vezes, ao prever o que poderia acontecer. Resolveu consultar as amigas. Mandou uma mensagem pelo celular e sugeriu almoçarem no Marcelina & Garcia. Não demoraram nem meio minuto para responder.

Quando ela chegou, as duas já tomavam suco e dividiam uma tigela de azeitonas com pedaços de queijo.

— Não vou nem dar bom dia. Senta e conta tudo! — Thaís arregalou os olhos.

1

L'amour est un oiseau rebelle que nul ne peut apprivoiser. Et c'est bien en vain qu'on l'appelle. C'est lui qu'on vient de nous refuser. Rien n'y fait, menaces ou prières. L'un parle bien, l'autre se tait. Et c'est l'autre que je préfère. Il n'a rien dit mais il me plaît. L'amour, l'amour...

Marina deu uma risada, pendurou a bolsa na cadeira e disse:

— Não posso nem ir ali pegar o almoço? — Apontou o dedão, como se pedisse carona.

As duas fizeram a mesma cara de desprezo.

— Comer não tem importância nenhuma a essa altura do campeonato. Vai, conta! — Exagerou Francesca.

— Nada disso! Vocês precisam comer, senão não vão aguentar a emoção do que vou contar.

— Convincente! — Thaís pulou da cadeira.

— Muito! — Francesca completou, levantou e puxou Marina pelo braço. — Vamos logo lá pra fila.

Na volta, a Francesca:

— Desembucha!

— Ai, amigas. Ele é lindo! — Marina piscou um olho.

— Conta a novidade. Se chamou a gente aqui pra dizer que ele é lindo, sinto-lhe informar: o mundo inteiro já sabe! — Thaís deu uma garfada e mandou um olhar de peixe morto.

— Hum... Bom, ele me levou pra assistir a uma ópera no cinema. Linda, romântica, sensual.

— Ópera? Ai, meu Deus, que demais! Por que isso não acontece comigo, hein? Parece coisa de cinema! —Thaís, suspirou.
— No nosso primeiro cinema, o Antonio me levou pra assistir ao "Velozes e Furiosos 4".

— E mesmo assim você tá com ele até hoje. O que prova que esse não é o critério pra escolher namorado — filosofou Marina.

As três caíram na gargalhada.

— Bem colocado! — Thaís concordou.

— Ele tentou te beijar durante o filme? — Perguntou Francesca, direto ao ponto.

— Não.

— Nem pegar na sua mão?

Marina meneou a cabeça, em meio a uma garfada de salada.

— Só quando a gente saiu e foi a um Café ele começou a jogar o charme. Nisso ele é bom.

— Milão, né, minha querida? — Francesca sabia da fama dos milaneses. — Homem mais velho é assim mesmo. Sabe o quê, quando e como dizer, sabe como conduzir as coisas, como te tocar e...

— Pronto, você tocou no ponto que eu queria chegar — Marina interrompeu.

— Ai, Jesus! Ele te tocou? Não brinca! — Francesca soltou os talheres sobre a mesa e esfregou as mãos.

— Que me tocou o quê? Eu tava me referindo a ele ser mais velho.

— Ah, mas o que tem isso? — Francesca arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Ai, amiga, não sei. Ele é dez anos mais velho que eu. Deve ter tido várias experiências. E eu sou só a garota ingênua do interior... — Piscou o olho, deu uma garfada e uma risada.

— Muuuuito ingênua! — Desdenhou Thaís. — Tu é padeira, minha filha! Sabe botar a mão na massa, que eu sei!

— Tudo bem, não sou ingênua, virgem e nem tonta. Ele não conseguiria se aproveitar, sou escolada. Mas pra um homem tocar em mim tem que ter muito mais coisa envolvida e...

— Mas essa é justamente a parte boa, criatura! — Retrucou Francesca.

— Ok, tudo bem. Essa é UMA parte boa. Mas... Sei lá. Ele já é quase quarentão, eu só tenho pouco mais de vinte. Acho que deveria me envolver com alguém mais ou menos da minha idade

— E por conta do quê, essa teoria furada? — Insistiu Francesca.

— Não é teoria furada. Ah, sei lá, amiga, tudo o que tenho que descobrir sobre relacionamentos sérios talvez seja mais legal com um cara mais novo. Não quero alguém que me explique tudo, que encurte meu caminho e indique os atalhos, entende?

— Mas isso seria ótimo. Já te pouparia de bater a cabeça um monte — disse Thaís.

— Sim, mas eu teria que acreditar nas experiências dele, certo?

— Certo! — As duas responderam.

— Errado! Eu quero é descobrir sozinha. Quero justamente bater a cabeça.

— Mas... Vocês já tão namorando? Por que essa preocupação toda? Ele te pediu em namoro, por acaso? — Francesca cobrou, exaltada.

— Bom, não pediu. Mas vai que pede, né? Eu preciso me antecipar às coisas e já saber mais ou menos o que dizer. Não sei se seria legal. Não sei nem o que minha família acharia se soubesse que meu namorado tem quase o dobro da minha idade. Meu pai ia falar um monte.

— Quase o dobro? Seu forte não é matemática, isso todo mundo sabe, mas ele deveria ter cinquenta pra ter o dobro da sua. E ele só tem trinta e cinco — Francesca fez "toc toc" na cabeça da Marina.

— Ih, pro meu pai esses dez a mais dão o triplo da minha idade. Você não conhece os italianos tradicionalistas.

— Mas o Luca vai namorar seu pai ou você? — Thaís reforçou a tese.

— Pelo meu pai, eu namorava e casava com o Fabrizio, filho de um amigo dele. O menino é uma graça, tem dinheiro, é de família italiana, da minha idade e...

— Alto lá! O Luca vem de família italiana que tem até cantina, minha filha. Esse argumento é furado. Seu pai pode, inclusive, fornecer pão pro teu sogro e... Como é esse Fabrizio, hein? — Francesca mudou de assunto, interessadíssima no rapaz.

— Você não perde tempo, nossa! — Marina gargalhou. — O Fabrizio é uma graça, a gente namorou na adolescência. Por ele, a gente casava ontem.

— Bonitinho?

— Muito.

— Da sua idade?

— A mesma.

— Rico?

— Fazendeiro plantador de tomate.

— Por que eu não te bato, hein? Tu nasce com a bunda virada pra lua e fica sozinha — Francesca jogou o guardanapo na mesa e simulou indignação.

— Você é tão bonita quanto ela, não vem não! — Elogiou Thaís. — É apenas questão de oportunidade.

— Sou nada. E, de mais a mais, depois que tive a Ciça, o trabalho pra evitar que minha bunda e meus peitos despenquem teve que dobrar. Pelas minhas contas, já caíram mais de dez graus — ela levantou os peitos com as mãos. — Li outro dia que, depois de um filho, o índice de despencamento é de três graus por ano, em média. Isso significa que, em mais dez anos, meus peitos e minha bunda terão caído mais trinta graus. Estarão quase virados pro chão! E pior: ninguém quer saber de mulher separada e com filho — Francesca reclamou, resignada.

— Bom, quanto à bunda, uma ginástica básica três vezes por semana resolve. Tem que ralar! A sua tá ótima ainda. Quanto aos peitos... Ah, é só comprar um par de novos, minha filha! E, peraí, que eu gostei desse negócio — Thaís abriu a bolsa, pegou o

gravador e falou: — Situação: Grau de despencamento de bunda... Ver esse estudo na internet... Pensar sobre isso mais tarde.

As duas outras deram risada e Marina retomou o assunto:

— Hum... Quanto ao Fabrizio, ele é mesmo uma gracinha, mas não sou apaixonada por ele. Eu quero é me apaixonar de verdade mesmo.

— Quem sabe o Luca não seja esse por quem você vai se apaixonar? — Disse Thaís. — Na minha opinião, você vê problema onde não tem. Se quer saber, o fato de ele ser mais velho não tem problema nenhum. O Antonio, por exemplo, tem cinco anos a mais que eu e acho isso muito bom. Claro que eu desconto os vale-tudo dele, porque, nessas horas, ele se comporta como um adolescente de treze anos.

— A minha preocupação está justamente aí. Se eu não visse possibilidade em me apaixonar por ele, não estaria aqui tentando obter a opinião das minhas amigas, né?

— Acho que você deve deixar o barco rolar. Não liga se ele é mais velho. E, de mais a mais, dez anos é um pulinho, você o alcança rapidinho — Francesca deu uma risada. — Fosse bem mais velho, aí eu concordo que não teria a menor chance.

— Talvez vocês tenham razão. Vou deixar o tempo dizer. Eu também nem sei se ele tá apaixonado por mim. De repente, é só desejo.

— Acho impossível não ter desejo envolvido aí nesse meio, mas vai que pinta uma paixão louca também, já pensou? — Thaís jogou lenha na fogueira.

— Meu Deus, até parece que você não é escritora! Não conhece o que reza o manual do romance romântico?

— Em qual parte?

— Na relativa a essa paixão louca aí. Nos livros românticos, a paixão entre o mocinho e a mocinha é arrebatadora, sufocante, acontece na primeira troca de olhares, no primeiro toque. Quando uma mão toca a outra e acontece um choque no peito, pronto: gruda pra sempre e nada é capaz de separar. O que, definitivamente, não aconteceu entre mim e o Luca.

Francesca simulou emoção, pegou o guardanapo, fingiu secar lágrimas e ironizou:

— Snif, snif... Choque no peito... Que lindo!

— Ah, vocês ficam me sacaneando aí, mas sabem que isso é o que eu, você, você e todas as mulheres do mundo queremos, tá? O mocinho faz as mesmas coisas que a mocinha, eles têm uma sintonia inexplicável, diferente, mágica e...

— Tudo bem, me convenceu. Admito — disse Thaís. — Só sei que você e o Luca fariam um par lindo. Imagina só os filhos de vocês?

— Cruz credo! Eu mal beijei o moço e você já quer botar filho na minha barriga?

— É verdadeeee! Você beijou e nem contou como foi! A gente pulou a melhor parte. Vai, desembucha! Que tal o beijo dele? — Francesca lembrou este detalhe importante.

Marina contou tudo, as duas simularam desmaios de emoção.

— Bom, preciso voltar pro trabalho. Senão meu chefe me trucidada viva. E vocês também precisam — Marina decretou o fim do encontro.

— Ótimo. A gente se encontra à noite na faculdade. E... Depois me conta de novo sobre aquele lindo Fabrizio plantador de tomate?

— Francesca fez beicinho e piscou os dois olhos várias vezes.

— E tu não vale nada mesmo, hein? — Thaís soltou uma gargalhada histérica.

— Tudo bem. Eu prometo que conto. Quem sabe te apresento ele também. Daí, eu me livro de vocês dois ao mesmo tempo... — Marina se animou com a possibilidade.

— Minha filha, se eu pegar qualquer um desses deuses refugos seus, tô feliz pro resto da vida.

Pegaram as bolsas, pagaram a conta e despediram-se.

31

As flores do campo que recebeu à tarde no trabalho serviram para confirmar a suspeita: Luca queria mais do que aquele beijo. Em especial pelo trecho "[...] gostaria de te conhecer melhor..." ao final do cartão. Os três pontinhos ao final eram sugestivos. Marina gostou de ter recebido, e se encheu de vergonha quando o pessoal do trabalho gritou "Aêêê, Marinaaaaa!".

Dona Jane veio perguntar, no intervalo para o café:

— Quem é o pretendente?

— Ah, é só um amigo, mais nada.

— Conheço muito bem esse tipo de amigo. Hoje em dia, ninguém manda flores só por amizade.

Marina balançou a cabeça, fingiu inocência e revirou os olhos para cima.

— Você gostou de ganhar as flores? — Dona Jane franziu a testa. — Essa é a pergunta que deve ser feita nesse caso, sendo amigo ou não.

— Gostei, claro. Que mulher não gostaria?

— Então, tá tudo certo. É só questão de tempo, pelo que me consta.

— Já namorou alguém mais novo que a senhora?

— Namorado, namorado, não. Mas já me envolvi com homens mais novos, sim.

— E como foi?

— Ah, tudo normal. O importante é o sentimento, o respeito. A idade é irrelevante. Ele é muito mais novo que você?

— Não. É bem mais velho. Tem trinta e cinco.

— Ué, isso é uma coisa boa. Já é tão difícil achar homem que preste, que não dá pra exigir muito, não. E se é do tipo que ainda manda flores, é mais raro ainda. Por mim, a idade fica em segundo plano, quando o assunto é amor.

— Hum... Acho que vou seguir seus conselhos, amiga. Talvez eu esteja mesmo exagerando na preocupação. E, de mais a mais, que mal pode haver? Meu pai não vai ficar nadinha satisfeito quando souber, mas eu dou um jeito.

— Muito bem! Você é nova, tem a vida pela frente. Tem que parar de ser tão preocupada mesmo.

Marina mandou uma mensagem pro Luca, agradeceu as flores. Mas não comentou nada sobre a sugestão de se conhecerem um pouco mais. Deixaria o barco deslizar sozinho, sem comandar o leme.

32

Há algum tempo, não passava na livraria. Bateu saudade do Seu Patrício e ela foi lancha antes da aula. Desta vez, gastou um pouco de seu dinheiro contado e comprou a última ELLE Brasil. Com preguiça de desenhar, mais tarde olharia. Pediu suco de laranja.

— Tava pra te perguntar: encontrou aquela sua amiga?

— Não encontrei nunca mais. Na verdade, não era minha amiga. Eu apenas conversei aquela vez aqui. E... Bem, ela faleceu.

— Sério? Nossa, parecia nova!

— Pois é, era nova, sim. Pena, né? Mas aprendi que o destino tem a capacidade de colocar em nossas vidas desafios que a gente nunca imaginaria.

— Como o quê, por exemplo?

— Ah, conversamos por poucos minutos, uma vez apenas, e hoje estou meio que continuando algo que ela começou. Coisas da vida.

— É... A vida é cheia de surpresas a cada esquina, e se a gente não aproveitar as oportunidades... Olha, por mais estranhas que possam parecer, no final, tudo passa e, quando você vai ver, já tá dando adeus pro mundo.

— Verdade. Eu tenho pensado sobre fazer mais pelos outros até.

— Isso não é privilégio seu. Se eu pudesse voltar no tempo, faria um monte de coisas que tive medo e depois vi que não teriam problema algum.

— O senhor tem quantos anos?

— Setenta e cinco.

— Acho lindinho que esteja aqui, trabalhando.

— Ih, se eu ficasse em casa morreria de tédio. A maioria dos parentes não quer nem saber. O velho passa a ser um fardo. E olha que, às vezes, colocam em asilo até gente nem tão velha assim, só pra se livrarem do incômodo.

— Pois é... Gosto de saber que há gente como o senhor, cheio de disposição, ainda na luta.

— Ah, o amor da minha vida se foi há dez anos, perdi o rumo. Isso aqui é meu mundo, minha vida. Preciso respirar o ar do trabalho, senão enlouqueço.

Marina apoiou os cotovelos sobre o balcão.

— O senhor gostava muito dela, né? Pela sua cara, foi um grande amor.

— O único. Tudo o que eu sempre esperei de uma pessoa. Mas quis o destino que ela fosse antes de mim. A gente ainda vai se ver em outra vida, eu sei disso, e até lá vou viver da lembrança dos ótimos momentos que passamos.

— Será que vou ter essa sorte e encontrar o meu grande amor?

— Claro! Está reservado pra todo mundo viver um grande amor na vida.

— Deus te ouça.

Seu Patrício sorriu e entregou-lhe o suco de laranja.

— Sorte sua que trabalhe aqui, num lugar bonito, claro, cheio de vida, com gente interessante passando de um lado pro outro o dia inteiro — Marina pensou em Heitor.

— E ainda acompanho uns shows de vez em quando. Tá certo que às vezes vem uma turma aí tocar que eu não entendo como podem gostar daquela barulheira. Por isso que eu mantenho um estoque de algodão aqui na gaveta.

— O senhor é uma figura!

Ela fitou os olhos de Seu Patrício, cheia de ternura por aquele velhinho tão legal. *Bom seria se todos tivessem oportunidades assim.* E continuou:

— Nem todos têm sua sorte, meu amigo.

— Verdade. Nem todos — e sorriu.

— Bom... Deixa eu correr. Vou tomar meu suco no caminho. Não posso chegar atrasada hoje.

— Não suma daqui, viu?

— De jeito nenhum!

Chegou em casa tarde, exausta. Tirou os sapatos, jogou-se no sofá, rasgou o plástico que envolvia a revista que comprou, passou a folheá-la.

E a notícia nas duas páginas centrais colocou o sorriso em seu rosto e o sonho de toda a vida ao alcance de suas mãos...

33

"Concurso ELLE e Gus&John — Paris é meu lugar". Uma panorâmica da cidade, a torre Eiffel ao fundo, flores verdes e amarelas caindo feito chuva. Destinado a estudantes de moda, promovido pela revista e patrocinado pela grife francesa. O prêmio, um estágio de um mês na matriz em Paris.

O Brasil estava "na moda", diziam. Segundo analistas de mercado, após os desfiles iniciais da temporada, os olhos dos grandes estúdios europeus estavam voltados para o País. De tal modo que a Gus&John, grife da estilista Adrienne Bonnet, uma das visionárias do mundo da moda, fez a bela jogada de *marketing* para observar novos e desconhecidos talentos brasileiros.

A sistemática do concurso, de tão simples, era desafiadora: cada participante deveria mandar um modelo de vestido de sua autoria. Desenho à mão ou em um *software especializado* em desenhos de moda. O tema, *Primavera*. O prazo, dois meses.

Marina, especialista de lápis e papel, manuseava razoavelmente os programas. A melhor escolha era mesmo mandar o desenho à mão. A chance de conquistar o mundo com seu talento. E... Paris?

Lá é meu lugar!

Foi até o quarto e trouxe para a sala o portfólio com seus melhores desenhos, os selecionados a dedo. Estirou-os sobre a mesa, analisou se algum deles se encaixava no estilo primaveril. Deveria investir na brasilidade que eles procuravam, um vestido alegre, tropical, colorido. Teria de ser a mais ousada, arriscar, surpreender. Mas nenhum deles cheirava à primavera capaz de arrebatrar os olhos dos selecionadores franceses, treinados para enxergar além de cores e linhas. Precisava criar algo novo.

Abriu no computador canções da Julieta Venegas. Sentou-se em frente à prancheta, fechou os olhos, concentrou-se, sentiu a respiração, abriu os olhos e começou a rabiscar. Desenhou uma modelo belíssima. Rosto largo, olhos penetrantes, cabelos negros.

Perfeita para vestir a criação. Um vestido de festa, de alça, amarelo-sol, justo no colo, caimento perfeito na saia. As costas semiabertas, faixas que compunham um trançado harmonioso. Com extrema habilidade, trouxe efeitos de luzes e sombras que revelaram as curvas da modelo sob o vestido.

Satisfeita com a criação, deixou-a sobre a prancheta, apoiada na parede. Queria olhar com calma e ter certeza de ser a escolha correta. Já passava das duas da manhã e o cansaço bateu muito fundo. Dormiu de roupa mesmo, caída sobre a cama. A canção que embalou seu sono foi o lamento: *"Se quiser um pouco de mim, deve me esperar e caminhar a passo lento, muito lento. E pouco a pouco esquecer o tempo e sua velocidade. Frear o ritmo, ir muito lento..."*.2

34

— Quer namorar comigo? — Ele perguntou, após repousar os talheres na borda do prato.

— Hein? — Marina quase engasgou com o pedaço de carne.

Ela achou bonito aquilo. Ser pedida em namoro não era comum. Sua mãe sempre disse que o homem de verdade mostra as intenções com palavras e atitudes. Luca, no conceito de Dona Ângela Albertini, parecia um homem de verdade.

Pediu um tempo para pensar e dois dias depois aceitou.

2

Si quieres un poco de mi, me deberías esperar y caminar a paso lento, muy lento. Y poco a poco olvidar El tiempo y su velocidad. Frenar el ritmo, ir muy lento, más lento...

Passaram a se encontrar fora da faculdade. Ele a levava para casa após a aula, e quase sempre fazia menção de subir, mas ela achava cedo demais e dizia que não era hora ainda. O medo de não resistir aos encantos sexuais daquele homem experiente e que já tinha feito muitas coisas com muitas mulheres era bloqueado pela convicção de que o tempo ditaria a hora certa. O desejo do Luca não era ainda páreo para o romantismo da Marina.

Passou a ter vida diferente do esquema casa-trabalho-livraria-faculdade-casa que adotara desde a chegada a São Paulo. Mas não queria deixar de ser a boa e velha Marina, e, por isso, manteve os hábitos.

Estava feliz.

Na semana seguinte, quarta-feira, único dia sem aulas, quando se preparava para ir embora, Dona Jane comentou:

— Triste.

— Que foi?

— Aquela caixa postal que o chefe desativou dia desses. Acabou de chegar uma correspondência, no caminhão das cinco e meia. Será que não sabem que a moça morreu? — E fez o sinal da cruz.

— É? Hum... Sério? Chegou? Quem é o remetente? — Marina arregalou os grandes olhos verdes, assustada.

— E de que adianta saber? O pessoal da triagem já colocou no malote da devolução, no carro das seis.

— Não acredito!

— Por quê?

— Ah, não! Vai que é importante! Eu posso tentar entregar pra família dela e... Peraí que eu já volto — saiu correndo até os fundos da agência.

Marina avistou o estagiário colocar os malotes dentro do carro que iria para a central dos correios e gritou:

— Peraí!

O menino olhou, assustado.

— Calma, calma! Para tudo! — Correu e pegou os dois malotes nas mãos — Preciso conferir uma coisa.

Jogou as correspondências sobre a mesa e separou a que era para a caixa postal 787. Olhou e lá estava: Heitor de Alencastre.

— Essa aqui fica comigo. As outras, pode levar.

Pegou as coisas, despediu-se da Dona Jane e foi embora.

35

Entrou em casa, jogou as coisas no chão, pulou no sofá, pegou a carta nas mãos.

Ah, duvido que ele tenha mordido a isca, não adianta. Por que a ansiedade, Marina? Claro que eu não fui convincente. Bom, fazer o quê, né? Eu tentei...

Abriu a carta. Uma pétala de rosa vermelha, que levemente perfumava o papel, caiu em seu colo. Segurou com as mãos trêmulas e começou a ler:

"Porto, 17 de abril de 2012.

Minha Amada Eterna,

Fiquei preocupado, pensei que receberia a tua resposta mais rapidamente. Ansiedade, talvez. Mas tudo bem, eu vou esperar sempre o teu tempo. Nunca fui dado a escrever, tu bem sabes, mas esperei-te com tanta vontade que estranho-me. Gosto disto...

A memória também falha-me, às vezes, e este é apenas o sinal de que o tempo faz das suas com todas as pessoas. Ainda assim, os momentos maravilhosos que tivemos jamais deixaram de frequentar os meus pensamentos, como de facto, o tem sido desde que recebi a tua carta após tantos anos passados.

Esta pétala é para que saibas que, nunca me esqueci da tua grande paixão nesta vida. Lembro-me, como se fosse hoje da tua devoção pelas rosas, pela história e significado de cada um dos inúmeros tipos. Sempre admirei-te por teres escolhido a botânica. Uma profissão tão majestosa, peculiar e fascinante, que, mesmo sendo o motivo da tua partida e de não termos feito as nossas vidas juntos, sempre me tocou. Uma mulher encantadora como tu, estudiosa, apaixonada pelas flores. Tu eras uma flor, a mais bela de

todas. Jovem, linda! E, hoje é um prazer imenso poder chamar-te novamente de 'minha pequena flor'.

Aqui está tudo bem, na medida em que, a solidão de lugares como este permitem. Os poucos parentes que ainda tenho não visitam-me, mas nada tem me importado mais, além de sonhar contigo. As minhas mãos trémulas percorrem as tuas palavras colocadas no papel, e isto tem sido maravilhoso.

Conta-me mais sobre ti, minha pequena flor. Onde andas, como tens passado? Quem és tu, hoje?

Estou feliz, e, apenas me importa neste momento é que o estejas também.

*Certo da tua resposta breve,
Heitor".*

Deixou o corpo escorregar pelo sofá e sorriu. Tinha conseguido fisgar a atenção do Heitor sem despertar suspeitas. A carta trazia informações sobre sua amada, e isto facilitaria manter a veracidade das palavras e acesa a chama do amor que ele havia conservado dentro do peito durante tanto tempo.

Não podia mais recuar.

Como gostaria de saber quem era de verdade o grande amor do Heitor! De poder sentar ao lado desta senhora e contar tudo o que ele sentia! E ter a oportunidade de ser um anjo verdadeiro e promover o encontro entre os dois! Mas não tinha a menor possibilidade de desvendar, até àquele momento, grandes coisas a respeito de quem seria esta senhora.

Ao menos soube, enfim, algumas informações: estudante de botânica, amante das rosas. *Minha pequena flor.* Achou muito doce e sensível Heitor chamá-la novamente assim, mesmo que esta paixão dela pelas rosas tenha sido o motivo da separação. Ele também citou que ela era jovem, linda. Fechou os olhos e tentou construir a teoria. Talvez ela tenha ido estudar em outra cidade, e eles nunca mais tivessem se encontrado. Mas isso não seria um empecilho intransponível. Pouco para superar um grande amor. Talvez ela tivesse partido para outro país. Isso, sim, naquele tempo, poderia

ser motivo. Mas o que impediu Heitor de acompanhá-la mundo afora?

Fascinada pela possibilidade de entrar na história de amor que sempre havia lido nos livros, tentaria descobrir tudo. Ao mesmo tempo, gostava de imaginar as coisas a seu modo, ainda que atormentada por uma série de questões: E se ambos também quisessem apenas viver o presente, e não trazer para hoje coisas do passado? O tempo que passaram separados, pelo visto um longo tempo, não havia solidificado as coisas de tal modo que o importante seria apenas a lembrança da juventude? Que direito ela tinha de se intrometer na história dos dois?

Dúvidas, dúvidas e mais dúvidas! Marina encheu-se de coragem. *É minha missão. A carta não caiu pra mim por acaso. Vou levar adiante. Esse amor merece que eu continue.*

Pegou o papel e a caneta. Consultou, na internet, o significado das rosas vermelhas. Desta vez, escreveu de primeira:

"São Paulo, 02 de maio de 2012.

Amado Heitor,

A rosa vermelha... Amor corajoso, ardente.

'Minha pequena flor'! Há quanto tempo não sentia o que senti agora ao ler essas três palavras. De como eu ficava vermelha por ouvi-lo sussurrar em meus ouvidos. Sei que a alegria da juventude, que o tempo rouba de todo mundo, ainda mora em alguma parte das minhas ideias, minhas lembranças, meus anseios. Digo isso porque acabei de reviver, em breve instante, o sabor do que era estar ao seu lado e sentir seu abraço apertado. O abraço que me pedia, consciente, que eu não me fosse. Mas a paixão da juventude pela profissão muitas vezes nos cega, e, se tomei a decisão de partir,

não posso agora dizer que não foi tomada com o coração também. E se não pudemos nos ver mais, tudo foi obra das circunstâncias, muitas vezes alheias a nossa vontade e incapazes de nos fazer reagir.

Não vou entrar em detalhes de como foi minha vida até hoje, porque isso não tem importância ainda, em se tratando de estarmos, enfim, só eu e você por aqui. Apenas saiba que fui muito feliz na minha profissão de botânica. Estudei muito, visitei lugares mágicos, conheci tudo o que precisava, e sou uma mulher muito realizada.

E você? E sua jornada até o dia de hoje?

Como diria Neruda: Saudade é amar um passado que ainda não passou; é recusar um presente que nos machuca; é não ver o futuro que nos convida...

*Saudade,
sua pequena flor".*

Mesmo Marina se passando por outra pessoa, e quase tudo ser tanto quanto vago para não despertar suspeitas de ser outra a escrever, uma parte do que disse foi verdadeiro. O trecho: "*Há quanto tempo não sentia o que senti agora ao ler essas palavras*". Ela foi tocada pela forma como ele se declarava.

Fascinada, fechou a carta e guardou na bolsa para postar no dia seguinte. Quando pegou o celular, viu seis ligações perdidas do Luca. Mas não retornou.

36

No dia seguinte, acordou animada. Deu uma volta no quarteirão, desviando dos buracos que delimitavam o caminho a ser seguido pela calçada. Parou para tomar café na padaria. Em silêncio, observou o movimento das pessoas devorando seus pães e pingados na velocidade característica de uma cidade enorme como São Paulo.

Quando voltou, encontrou o carro do Luca estacionado à frente da portaria de seu prédio. Ele estava do lado de fora, digitava no celular. Foi seco:

— Por onde você andou?

— Ai, lindo, me desculpa! Acabei que me envolvi com um monte de coisas aqui em casa ontem à noite e quando fui ver suas ligações já era tarde pra retornar.

— Não, assim você me mata de susto — disse isso ao dar um abraço apertado nela.

— Você me desculpa?

— Tudo bem. Só fiquei preocupado. Liguei hoje cedo e você também não tava e...

— Saí cedo pra caminhar, parei pra tomar café na padaria. Não levei o celular. Desculpa, desculpa! — Disse isso com uma cara fofinha. E titubeou, na dúvida se dizia ou não uma coisa. Teve o repentino medo de se arrepender.

— Que foi? — Ele perguntou.

— Hum... É que... Quer subir?

Os olhos dele se arregalaram. Deu um sorriso e disse:

— Por mim tudo bem. Tudo bem pra você?

— Ahã...

Entraram aos beijos e ela, enfim, apresentou o apartamento a seu namorado.

— Então é aqui que a Rapunzel se esconde...

— Acho que tô mais é pra gata borracheira — abaixou-se para pegar as roupas que estavam no meio da sala, sem jeito. —

Desculpa a bagunça. Não previa que você entrasse aqui hoje. Seguramente estaria mais ajeitadinho.

— Podia ser o lugar mais bagunçado do mundo. Com você dentro já é mais do que suficiente.

Então ele passou a mão ao redor da cintura fina da Marina e começaram a se beijar. Ela não impediu que ele colocasse a mão por dentro de sua blusa e acariciasse suas costas. Passou as mãos dentro dos cabelos negros e macios que ele tinha e deixou o tesão falar mais alto que qualquer tipo de convicção pudesse impedir.

O cheiro dele invadiu seu corpo. Ela o puxou mais para perto de si, e, em meio a beijos molhados e intensos, sentaram-se no sofá da sala. Ela jogou a cabeça para trás, deixou que a língua quente dele percorresse seu pescoço e seu colo. Luca ajoelhou-se no tapete, Marina envolveu suas costas com as pernas. Permitiu que ele abaixasse a alça de sua blusa e revelasse seus pequenos e bem feitos seios. Ela transbordava tesão, não conseguiu esconder isso. Andava com a paixão à flor da pele e cedeu que ele beijasse seus seios. Fechou os olhos e apertou seus cabelos contra si, sentiu sua boca quente e molhada.

Quando ele colocou a mão por dentro de seu moletom e tocou sua calcinha, ela recuou. Puxou a mão para fora, trouxe o rosto dele para perto do seu, beijou sua boca, ajeitou a blusa. Não queria que fossem adiante por enquanto. Não imaginaria, há poucos dias, que cederia tanto espaço dentro dos limites impostos de forma subliminar até ali.

Ficaram abraçados de olhos fechados, sentiram um a respiração do outro. Até que ela disse:

— Lindo, preciso me arrumar.

Ele olhou fundo em seus olhos, frustrado. Talvez não fosse mesmo o que desejasse ouvir naquele momento.

— Tem certeza que não quer continuar?

— Tenho, é melhor assim. Vamos dar tempo ao tempo. Acho que é cedo ainda.

— Mas... Tá difícil, sou obrigado a te dizer.

— É só que... Acho que... Bom, a gente também não precisa debater isso. Quando for pra ser, vai ser.

— Verdade, isso não é tema pra debate. É tema pra ação. E você me enche de tesão, sabia? — Enfiou a mão dentro do moletom e forçou abaixar a lateral da calcinha.

Ela segurou firme a mão dele.

— Eu disse que é melhor ainda não — e olhou fundo em seus olhos.

— OK, senhora trabalhadora responsável. Vá lá. Preciso ir pra faculdade também — não conseguiu esconder o desapontamento.

— Te ligo mais tarde, pode ser?

— Pode. E vê se não desaparece de novo, viu? Senão vou ter que vir te buscar aqui dentro.

— Tudo bem, eu joga as tranças pela janela e você sobe. Prometo não sumir — fez uma cruz com os dedos e a beijou.

Despediram-se e ela foi tomar banho. Deixou a água escorrer pelo corpo por mais de dez minutos antes de começar a se ensaboar.

Sentiu um arrepio ao mesmo tempo estranho e gostoso.

37

Gastou tempo demais, perdeu a hora. Arrumou-se à velocidade da luz, abriu a porta, chamou o elevador, voltou para pegar as coisas, trancou a porta.

— Seu namoradinho? — Disse Otavinho, encostado no extintor de incêndio do corredor. Meia maçã na boca.

— Ah, bom dia, Otávio! Sim, meu namorado — ela sorriu.

— Meio feio, não?

— Você achou?

— Você merece coisa melhor.

— É? Tipo quem?

— Tipo alguém mais jovem, mais bonito, mais loiro, com o cabelo mais encaracolado — ele passou a mão nos cabelos e forçou o tórax.

— Quando eu encontrar um, talvez pense no assunto.

O elevador chegou.

— Posso descer com você?

— Deixa eu pensar... Sua avó pagou o condomínio?

— Sei lá, acho que sim.

— Então não tenho como impedir. Entra logo.

— Hum... É como diria Bob: "Tem horas em que a gente deve absorver".

— Bob Marley disse isso?

— Bob Esponja.

— Ah...

— Qual o nome dele?

— De quem?

— Do feioso.

— Mas tu é enxerido mesmo, não? É Luca.

— Luca? Não é um nome forte.

— E o que seria um nome forte?

— Otávio. Nome de imperador.

Neste momento, a paciência da Marina beirou o zero absoluto. Por sorte, a porta do elevador abriu e ela encerrou a conversa:

— Bom, o papo tá ótimo, mas eu preciso ir.

— Me dá um beijo?

Foi até o portão, incrédula, beijou a palma da mão e soprou. Ele jogou fora o resto da maçã, pulou, simulou uma ponte, agarrou o beijo, colocou na boca, rolou no chão, levantou, bateu as mãos na bermuda e gritou:

— Vai com Deus, deusa!

Marina não conseguiu parar de rir do garoto até a agência.

Ninguém do trabalho podia saber que ela respondia pela ex-dona da caixa postal 787, então postou a carta sem ninguém ver. Conferiu nos registros o tempo de uma carta normal entre São Paulo e a Cidade do Porto. Doze dias. E fez as contas para saber mais ou menos quando chegaria a próxima resposta: doze dias para chegar em Porto; um ou dois para responder; mais doze para voltar ao Brasil. Isso significava que mais ou menos a cada vinte e cinco dias, deveria ficar vigilante. Como as correspondências do exterior sempre chegavam no caminhão do final da tarde, ficaria mais fácil interceptar e evitar a devolução.

Durante o dia, trocou mensagens carinhosas com Luca pelo celular, e deu notícia para as amigas sobre os progressos do relacionamento. Mais uma vez, Francesca disse que daria um soco na sortuda quando a encontrasse, ao ouvir de Marina o que tinha acontecido pela manhã.

Na saída do trabalho, foi até a livraria. Não passou nas gôndolas das revistas, foi à seção de botânica procurar livros sobre rosas. Queria se aprofundar mais sobre o tema, a internet era pouco. Teria vinte e cinco dias para conhecer a história da mais bela e significativa das flores. Mesmo que isso não fosse necessariamente tema das próximas cartas, queria conhecer mais, imaginar o que sentiu a amada de Heitor para ter transformado as rosas no objetivo de sua vida.

Entre uma série de títulos, ela escolheu dois: o livro de fotografias, com uma centena de belos instantâneos de todos os

tipos imagináveis de cores e formatos de rosas; e outro técnico, que trazia a história, as peculiaridades, forma de cultivo e orientações sobre os cuidados necessários.

Dois dias depois, sábado, foi cedo à floricultura próxima ao seu prédio e comprou um punhado de rosas, de cinco cores diferentes: brancas, champanhes, rosas, vermelhas e amarelas. Enfeitou a sala, abriu as janelas para ventilar e entrar claridade. Almoço só de mulheres. Thaís, Francesca e Ciça. Marina prepararia uma das poucas especialidades aprendidas com a mãe: macarronada com almôndegas e pimenta calabresa. Suco de uva para Ciça. As meninas trariam o vinho.

Pouco depois do meio-dia chegaram todas juntas. Logo que Marina abriu a porta, Ciça entrou correndo e passou a mexer em tudo. Uma coisa minúscula e redonda, de grandes olhos e cabelos negros, foi bater no vidro da Nina.

— Nemo! — A menina gritou. A beta estressou na primeira.

— Cuidado, filha! Não bate que ela não gosta — Francesca não conseguiu nem dar boa tarde e foi salvar a tarde da Nina.

— Sejam bem-vindas à minha humilde residência.

— Nossa, quanta flor! — Thaís beijou a amiga e foi cheirar os buquês. — Já até imagino quem mandou, direto de Milão...

— Alto lá! Antes das duas insinuarem qualquer coisa, não tem nada a ver com o Luca isso aqui, tá, suas pentelhas? Fui eu que comprei, ô!

— Se não foi ele, então só pode ser porque tá apaixonada — decretou a Thaís.

— Que apaixonada o quê? Tô nada!

— Sei... Só espalha flores pela casa quem tá apaixonado, minha filha. Disso eu não tenho nenhuma dúvida.

— E vocês, minhas amigas do peito, não merecem ser recebidas em meu humilde lar com um pouco mais de charme?

— Ok, senhora romântica-que-enche-a-casa-de-flores-sem-estar-apaixonada-para-receber-um-bando-de-amigas. E ainda tem um livro sobre flores — Thaís sentou no sofá e passou a folhear o livro de fotos, enquanto Francesca corria atrás da Ciça.

— Apenas um interesse repentino e momentâneo, eu diria — esquivou-se Marina.

— Acredito! Se você de repente se interessasse por batons azuis, sandálias de plástico ou bolsas de couro de cobra, eu até acharia que não passaria mesmo de um simples interesse momentâneo e repentino — provocou Thaís.

— Aposto que as rosas são o símbolo de Milão. Milão tem bandeira? Deve ter uma rosa vermelha nela. Consulta na internet — Francesca gritou lá do fundo.

— Símbolo da paixão, do amor, do sexo... — Thaís leu os subtítulos das fotos — Ei, peraí — abriu a bolsa, pegou o gravador MP3 e disse: — Personagens: o lindo professor milanês e a padeira fuleira do interior... Pão e pizza... Rosas... Rosas de Milão... Pensar sobre isso mais tarde — desligou e o guardou na bolsa.

— Olha lá o que você vai escrever, hein? — Marina arqueou as sobrelhas. — Não vai me expor pra faculdade toda e me deixar em maus lençóis.

— Calma, calma... São apenas pequenos fragmentos. Pode dar conto, romance, ou pelo menos piada. Você dá um livro. E, de mais a mais, com um gato daquele não existem maus lençóis, só ótimos lençóis — riu e caiu no tapete da sala.

— Que mal há em gostar de flores? Sabia que muita gente até larga um grande amor por conta disso? E faz das flores sua profissão?

— Claro que sei. Só olhar em volta do cemitério e vai ver um monte de gente que faz isso — Thaís deu uma gargalhada.

— Credo! O romantismo passou longe aí, não? — Francesca atravessou a sala puxada pela Cixa.

— Então, trouxeram o vinho? — Marina resolveu mudar de assunto, antes que entregasse o real motivo das rosas.

— Três garrafas. A primeira antes do almoço, a segunda durante a massa e a última no rebate da sobremesa. Bota lá na geladeira junto com esse saco de jabuticaba aqui, ó — orientou Thaís.

— Tu tá animada, hein? Vai encher a cara de vinho, a pança de jabuticaba e depois como fica de noite? O Antonio vai odiar se você

chegar bêbada e gorda na casa dele — disse Francesca, agora sentada no chão do banheiro e esperando a Ciça decidir se fazia ou não cocô.

— Essa jabuticaba veio da casa da minha avó, então sejam educadas e gostem. Quanto à bebida, eu conto com vocês na divisão do álcool. Mas quero estar soltinha, pra pegar o Antonio de jeito à noite.

— Opa! A coisa promete, então! — Gritou Marina lá da cozinha, iniciando os preparativos da macarronada.

— Pois é. Após três anos de luta, tomei a decisão de, depois de milhares de indiretas, hoje dar uma direta que nem um soco na boca do estômago dele.

— Estamos falando de casamento? Vai pedir a mão dele? — Marina colocou a cabeça para dentro da sala.

— Não. Vou fazer ele me pedir em casamento. Algo do tipo "ou caga ou desocupa a moita".

— Nossa, hoje você tá se superando no quesito "romantismo"! Desse jeito ele não te pede em casamento nem com macumba, minha filha! — Francesca terminou de limpar a bunda da Ciça.

— Mas não é melhor que ele, espontaneamente, tome essa decisão? Digo, não é assim que reza o manual do casamento? — Marina instigou, enquanto provava o molho com a colher de pau. Colocou sal e mexeu.

— Depois de três anos? Homem foge disso que nem o diabo da cruz, você sabe. Eu preciso me esforçar pra que ele peça.

— E se ele não pedir?

— Bom, daí... daí... Ah, eu sei lá. Eu acho que ele vai pedir, pronto.

— Adoro o Antonio, mas na minha humilde e sincera opinião, você merece coisa melhor — disse Francesca.

— Na minha humilde opinião, também acho que mereço — Thaís concordou, para espanto das duas. — Mas... Sabe como é, né? Acho que já estamos acostumados e...

— Meu Deus do céu! Há poucos segundos estávamos aqui falando sobre o romantismo das rosas, e você me vem com essa de acostumada? Vem aqui, já! — Marina tirou o avental, jogou sobre a

mesa, puxou Thaís pelo braço até seu quarto, posicionou-a em frente ao espelho do armário. Ordenou:

— Olha aí.

— O quê?

— Tá vendo o quê?

— Ué. Eu! Tem mais alguém? Aliás, preciso emagrecer e...

— Quieta! Deixa eu falar! Tá vendo uma horrorosa e chata que precisa ficar com a autoestima lá embaixo, implorando que alguém a peça em casamento? Ou tá vendo uma mulher linda, capaz de fazer milhares de homens babarem? Você é escritora, vai ser famosa, é inteligente, divertida! Ora, faça-me o favor! O Antonio tem é sorte de ter um mulherão desse nas mãos. Ele que não vacile!

— Falou pouco, mas falou bonito! — Disse Francesca, enfim com a Ciça no colo.

Thaís, desconsolada, virou de lado e olhou para sua bunda bem feita. Teve de concordar.

— Tudo bem, vocês têm razão. Mas eu gosto dele e...

— Shhhhh... Silêncio! Não fala mais nada senão eu vou me irritar! Fran, pega lá o gravador. Traz aqui, rápido! — Ordenou Marina, simulando indignação.

Francesca veio rindo e entregou o gravador. Marina apertou o *rec* e falou: — Personagens: Mulher linda, bunda boa, escritora, gente fina... Homem que não dá valor e vive encrencando... História de amor estranha... Situação: local... São Paulo... Destino... Esperar que ele a peça em casamento? Furada total? Não sabemos... Ela parte pra definir o que será a vida... Larga tudo, vai pra uma montanha deserta e chora desesperadamente... Pensar sobre isso mais tarde — Francesca não conseguia parar de rir da cara que Marina fazia.

— Credo! Que roteiro horrível esse! Isso não vende nem dez cópias — Thaís tentou tomar de volta o gravador.

— O homem tem que se declarar. Isso, sim, é que é bonito — disse Marina.

— Que é bonito, eu sei. Acho lindo, aliás. Mas pra achar um que faça isso assim, espontaneamente, tá difícil, viu?

— Pois eu espero. Tem muita gente que não se importa com o julgamento dos outros e se declara lindamente — disse Marina.

— E você vai esperar por isso até quando? — Perguntou Francesca.

— A eternidade, se for preciso — e deu uma piscada.

— Ah, não... A eternidade é muito demorada — Thaís pegou o saca-rolha e abriu o vinho. — Você já se declarou pra alguém?

— Confesso que não consigo. Eu sou mulher, e, pra mim, isso é papel do homem.

— Pensamento machista! — Francesca estalou o dedo e apontou para Marina.

— Na verdade, eu não conseguiria chegar pra alguém, do nada, e dizer "ei, eu preciso de você, vem cá" — e deu uma gargalhada.

— Por quê? Você acha que vai pra sempre fazer o papel da linda que só espera? — Perguntou Thaís.

— Não é isso. Eu só acho que não conseguiria. Nunca fiz, acho que gaguejaria, ficaria com cara de tonta.

— Ok, Julieta! Mas enquanto seu Romeu não aparece ali embaixo e grita pra você sair na janela, não custa dar uma forcinha. Se a gente não facilitar a coisa, a chance de receber uma ligação com uma poesia no café da manhã é de cem por cento abaixo de zero.

— Concordo, mas no caso específico aqui vamos combinar uma coisa: promete que não vai forçar um pedido de casamento?

— Tudo bem, eu prometo. Vamos ver o que acontece. Vou deixar que ele se decida.

— Assim é que se fala. E vamos pra sala porque a macarronada tá quase pronta — Marina encerrou a sessão "levantamento de autoestima".

A pequena mesa de quatro lugares foi montada para dar o ar de almoço chique. Marina tirou do armário o faqueiro que sua mãe deu de presente de casa nova, com a recomendação de usar só em ocasiões especiais.

Almoçaram muito bem, deram risada, contaram histórias. As duas pediram para Marina repetir em detalhes o que havia acontecido na manhã em que quase fez amor com Luca. Quem mais

prestou atenção foi a Ciça, olhos fixos na conversa, sem entender nada do que diziam, mas fascinada pela forma como falavam e gesticulavam.

Ao final, Francesca estirou-se sobre o tapete e pediu arrego para a filha, que ainda circulava pela casa. Abaixou o zíper da calça, abriu espaço para acomodar o tanto de macarrão que comeu. Marina sentou-se na poltrona, pernas cruzadas e descalça. Thaís deitou no sofá. As três, tontinhas, ficaram em silêncio comendo jabuticabas. Até que a pequena apareceu balbuciando palavras incompreensíveis, um papel amassado na mão. Francesca, sem se mover:

— Filha, o que é isso na sua mão? Tá pegando as coisas da tia? Ô meu Deus, dai-me paciência! — Tomou a folha da mão da pequena, que desandou a chorar. Começou a ler, em voz alta e pausada, como se contasse uma história de ninar para acalmar a pobrezinha:

—Minha Amada Eterna... Que prazer imenso ler-te... Esperei-te, desejei-te, sonhei contigo milhares de noites. Imaginei que nunca mais saberia de ti, antes de Deus dar-me o privilégio de estar para sempre ao Seu lado.... Opa, olha só isso! — E continuou: — Não fazes ideia da forma...

— Nossaaaaaa, quem escreveu isso? — Thaís rolou o corpo do sofá pro tapete e tentou ver a carta por cima do ombro da Francesca.

— Me dá isso aqui, ô enxerida! — Marina deu uma risada e tomou da mão da amiga. — Não é nada não. Ciça, isso não é história pra uma menina da sua idade. Deixa a tia te contar a dos três porquinhos. Era uma vez um lobo que...

— Chega, chega! Tudo bem, você tem razão. Não é tema pra ela, mas não vai se esquivar de contar quem é que escreveu isso, de jeito nenhum — provocou Thaís.

— Ninguém escreveu, eu vi na internet.

— Viu nada! Essa aqui não é sua letra. Se você tivesse visto na internet estaria impresso, e não escrito à caneta — a conclusão da Francesca foi ao estilo Sherlock Holmes.

— Isso aqui não é nada. Na verdade, tava lá na agência e eu achei bonitinho, só isso. Tem nada não, juro!

— Bonitinho? Empresta aí pra eu ver — Thaís puxou da mão da Marina e leu, em silêncio. Depois continuou: — Olha só esse final: Saber que ainda estás a andar pelo mundo com teu olhar magnífico a encantá-lo é o que me fará respirar a cada segundo de meus dias.

— Ai, eu quero um desse pra mim! — Sussurrou Francesca, balançando Ciça no colo para aproveitar o sono que, enfim, chegou. — Qual o nome dele? Considerando que, das três aqui, eu sou a única sozinha no momento, estou na prioridade.

— Me dá isso aqui. Não é ninguém, bando de enxeridas. Uma carta, só. Eu nem devia ter trazido pra casa. Vamos tomar vinho ou ficar aqui de taça vazia? — Marina sabia que esta pergunta tiraria o foco da conversa. Dobrou e colocou a carta no bolso.

— Vinho! — Gritou Thaís, sob o olhar repressor de Francesca, que não queria que a Ciça acordasse.

Marina não sentiu vontade de compartilhar a correspondência do Heitor. Não queria ser recriminada, pois sabia que fazia de coração. Quem sabe um dia contaria tudo, mas não era hora ainda.

Colocaram o "Antes do Amanhecer", filme predileto da Marina. E antes dos primeiros dez minutos, o álcool já tinha derrotado as três.

38

Daquela vez foi diferente. Marina esperou, ansiosa, até que se completassem os vinte e cinco dias. Estudou com afinco sobre as rosas, grifou com caneta luminosa as partes mais interessantes do livro. Interessou-se pela leitura, muito mais que apenas para responder a Heitor.

Quando completaram os vinte e cinco dias, a carta do Heitor chegou. Marina esperou o caminhão das cinco e meia e, solícita, foi ajudar a separar as correspondências. Quando encontrou a carta, mãos trêmulas, olhou para os lados. Ninguém percebeu, colocou-a na bolsa. Aquela pequena "quebra de protocolo" era excitante.

Foi para a livraria, sentou e nem cumprimentou direito Seu Patrício quando ele disse:

— O de sempre?

Ela apenas olhou para ele, balançou a cabeça, levantou a sobrancelha e sorriu. Abriu o envelope e, desta vez, vieram duas belíssimas pétalas de rosas: uma cor de laranja e outra vermelho Bordeaux.

"Porto, 16 de maio de 2012".

Minha Amada Eterna,

As pétalas de rosas são fruto da única 'transgressão' que ainda permito-me realizar na vida, quando passeio pelo jardim de Santa Ana para tomar o ar da manhã. A roseira que plantaram é minha amiga, e ela sabe que, se retiro uma pétala, também cumpre uma das funções que lhe cabe: a de levar-me a ti. Sei, do fundo do meu coração, que tu gostas de recebê-las. E é por imaginar um sorriso no

teu rosto que as tenho como companheiras. Teu belo rosto, impresso no veludo da flor.

Os meus dias por aqui são de solidão. Não há muito a fazer, e é por sorte que ainda aparecem poucas pessoas para contar histórias e ouvir o que tenho a dizer sobre a minha vida, e tanto que fiz ou deixei de fazer. Entre uma e outra carta tua, apenas espero-te. E vou vivendo, sem esperança que algo mude.

Desde que tu foste embora estudar, naquele ano de 1965, nunca mais fui o mesmo. Tentei muitas coisas, me perdi. Abandonei o Brasil logo depois, para tentar a sorte por aqui. Nunca mais regresssei. Consegui muita coisa, vivi muito bem, mas hoje já não tenho mais nada. A minha mulher morreu há cinco anos. Deixei uma filha que casou-se com um brasileiro, e foi seguir o seu amor para o Brasil. Aparece pouco, ou quase nunca.

Mas Deus tem os seus desígnios, e hoje tu estás aqui novamente. Se não te posso tocar, pelo menos em pensamento sei que estás ao meu lado e, de longe, velas o meu sono. Quando fechares os teus olhos, saibas que estarei também ao lado teu, a pensar nos teus belos olhos e cabelos castanhos, e a dizer: "Dorme com Deus, minha pequena flor, minha doce e amada Milena".

*Certo da tua resposta breve,
Heitor".*

A carta botou um enorme sorriso no rosto de Marina.

Milena... Milena... Enfim... Agora sei quem eu sou. Ou melhor, quem eu devo ser. Milena, olhos e cabelos castanhos, amante das flores, apaixonada ainda por Heitor, o grande amor de sua vida.

Fechou os olhos, continuou: mil novecentos e sessenta e cinco... Estudante... Entre dezoito e vinte anos.

Parou para fazer a conta. Pegou o lápis e anotou: "1965... Estudante... 20 anos... 1965-20=1945... Nascida entre 1944 e 1946... Para

2012... Idade: entre 66 e 68 anos... Heitor: 70". Devia ser isso. Um pouco para mais, um pouco para menos.

Como adorava fazer parte daquilo! Como adorava ler as cartas! Aquele texto apaixonante, carinhoso, doce. As duas pétalas, uma em

cada mão, esfregou-as e sentiu a maciez entre os dedos.

Respirou fundo, fechou os olhos.

Disse a si mesma, baixinho:

— Laranja: desejo! Vermelho Bordeaux: desejo inconsciente!

Desejo... Inconsciente... Desejo... Inconsciente... In... cons... ci... en... te... — Em silêncio, pensou um turbilhão de coisas, cores, formas. Cenas começaram a se formar em sua mente, vindo e sumindo em *flashes* rápidos. Abriu os olhos, passou a mão no rosto. Sentiu um arrepio na espinha, deteve os pensamentos. Imagens claras e fortes começaram a cruzar seu cérebro, como se conexões que antes estavam por ali à espera de serem juntadas enfim o fizessem. Informações desconexas aguardando o gatilho que dispararia a sequência de microeventos que, na ordem correta, comporiam uma história em forma de desenho. Esperou...

Então, percebeu tudo e disse:

— É isso! — Começou a sorrir, maravilhada.

Abriu a pasta, pegou o caderno A3, o estirou sobre a mesa, puxou seu estojo, e, sem deixar escapar o raro sopro de inspiração que acabara de invadi-la, começou a desenhar.

Seu Patrício olhava de longe, apoiado sobre o cotovelo, mão fechada no queixo e um leve sorriso, aquela menina tão doce fazer o que mais amava na vida. Ela sorria, freneticamente rabiscava, parava, olhava, voltava a desenhar.

Arregalava os olhos enquanto desenhava, balbuciava: — Desejo... Inconsciente... — Sorria de novo. Trocava rapidamente os lápis, ora de grafite mais grossa, ora mais fina. Virava o rosto, deixava o cabelo cair, passava a língua sobre os lábios, voltava os cabelos para trás da orelha. Traços fortes, leves, rápidos. Cores alaranjadas, avermelhadas, cremes, intensas e suaves. Luzes e sombras diagonais, o vestido voava para fora do papel.

Cinco... Dez... Vinte minutos. Quando, enfim, deu por concluído o desenho, coração acelerado, chamou Seu Patrício. Fez suspense. Pediu que fechasse os olhos. Posicionou o desenho.

— Abre os olhos.

Alguns instantes se passaram.

— O que o senhor acha?

Ele então segurou a folha em suas mãos e disse:

— É lindo! E essa moça é você, né?

— Ähn?

— Você, não?

Marina não tinha reparado, mas, pela primeira vez na vida, fez uma modelo que era a sua cara. Loira, alta, o mesmo cabelo, as mesmas mechas, o mesmo corpo, as mesmas curvas. O rosto igual, o mesmo desenho dos olhos e do queixo quadrado.

O vestido que a cobria era de uma simplicidade tocante. De alça, cinturado, levíssimo, na estampa o desenho de rosas alaranjadas e vermelho Bordeaux, sobre um pano creme. O desenho, belíssimo, parecia mesmo sair do papel e balançar ao vento. Assinou e escreveu ao lado: *Jardim de Santa Ana*.

Sem sobra de dúvida, o vestido que mandaria para o concurso. Incomparável! Apaixonou-se pela obra. Nunca tinha desenhado daquela forma, com tanta paixão e os movimentos de sua mão ditados pela alma. Como se, repentinamente, tivesse tido necessidade, muito mais que mera vontade, de transpor um sentimento para o papel. Não era um desenho, mas um sentimento impresso. A simplicidade da primavera estava estampada ali, na certeza de que deveria inscrevê-lo.

E com o coração ainda batendo forte, preenchido pela paixão do momento que acabara de ter, empunhou a caneta, estirou uma folha de papel, e escreveu, sem parar:

"São Paulo, 30 de maio de 2012.

Amado Heitor,

A rosa laranja... Desejo. A vermelha Bordeaux... Desejo inconsciente.

Imagino que você tenha aprendido um tanto sobre as rosas, porque tem mandado especialmente as mais significativas. Enquanto houver pétalas coloridas na roseira, não deixe de mandar. Você não faz ideia de como tem sido inspirador recebê-las junto a suas

palavras. Acabei de vivenciar um momento e sentimento únicos por obra das duas pétalas que você mandou. Obrigada por elas!

Minha solidão é a solidão natural de pessoas da nossa idade. Mas nunca deixei de sonhar, nunca deixei de ser determinada e dona das minhas decisões. Acho que a vida é muito bela e curta pra que nos entreguemos. Não sou sozinha. Digo, não tenho ninguém a meu lado, mas os amigos e a família sempre cuidam de mim, nas vezes em que preciso. Na maioria delas, sou independente e realizo tudo o que a idade me permite realizar.

Sabia que, a cada carta sua, meus dias também se tornam mais belos, claros e felizes? Isso apenas porque tenho a impressão de que você escreve justamente o que desejo ler. Espero retribuir à altura.

Sei que a distância é grande, mas talvez seja obra do destino que tenhamos nos cruzado novamente agora. Se não perguntarmos o motivo disto tudo e apenas vivermos cada momento quando lemos ou lembramos um do outro, isto será suficiente pra que tudo esteja sempre a um pequeno passo de ser perfeito.

*Saudade,
de sua amada eterna,
Milena".*

Escreveu com paixão outra vez. Não sentia frieza nas palavras que colocava no papel. Como se ela própria fosse a Milena. Não fazia aquilo por dinheiro, nem por vaidade. Tinha iniciado a correspondência por pena de Heitor, e agora já se considerava sua confidente, mesmo que se passando por outra pessoa. Como se estivesse em outra realidade, outro mundo, e fizesse parte do teatro em que seu papel fosse o da atriz principal.

A vida real não tem paixão. A fantasia tem.

Foi com prazer que assinou a carta. Como era bom não precisar buscar artifícios para subverter a lógica das correspondências e não assinar o que escrevia!

— Milena! Eu agora sou você! Você, agora, é Marina Albertini!
— Ela disse para si mesma.

Só tinha um medo: dele sugerir que se encontrassem, ou se telefonassem. Torcia para que ele não quisesse isso, pelo menos até ela ter uma boa desculpa para dar. Não havia pensado nesta possibilidade quando tomou o lugar da Julia, e agora era tarde. De toda forma, ela também não tomaria a iniciativa.

Por enquanto, seria apenas o anjo que manteria acesa a chama do amor entre Heitor e Milena, para tentar fazer com que a solidão dos dias daquele homem fosse menos dolorosa.

39

Paris era seu destino, não tinha dúvida disso. Varou a madrugada acordada, montou o currículo que mandaria para o concurso. Segundo as regras definidas, bastaria o desenho e o currículo. Ainda que o concurso fosse destinado a estudantes, sabia que sua falta de experiência comprovada teria peso negativo na hora da seleção. Várias colegas da faculdade já trabalhavam com costureiros, alguns deles conhecidos. E o concurso estava na boca de todo estudante da sua e de todas as faculdades de moda do País.

Teve uma ideia: criou uma peça de propaganda de seu blog, uma única página. Simples assim! Era sua única experiência. Por mais que nunca tivesse trabalhado na área, Marina sabia tudo sobre o assunto. Estava antenada com as tendências, conhecia de cor quase tudo sobre o mundo da moda. Sua aposta era a de que entrariam em seu blog e isso teria peso na escolha.

Passava das quatro da manhã quando terminou e imprimiu tudo. Juntou o *Jardim de Santa Ana*, envelopou direitinho e escreveu o endereço da Gus&John. Na manhã seguinte, ao chegar ao trabalho, postou a carta e também o passaporte de seu sonho até Paris. Estava confiante. Tanto por Heitor quanto por vencer a disputa.

40

Enviou uma mensagem para o celular do Luca: "Vontade de te ver". A quarta-feira, o dia sem aulas, era perfeita para uma noite longa com ele. Sabia que teria que administrar o risco dele querer algo mais, mas era nítido: quanto mais se envolvia na história de Milena e Heitor, mais à flor da pele a paixão ficava.

Vinha pensando em mostrar as cartas desde que começaram a namorar. Talvez não fosse justo esconder. Afinal de contas, não haveria de ter nenhum problema. Queria apenas compartilhar a bela história de duas pessoas que passaram tantos anos sem se ver ou se falar, e mostrar como o amor verdadeiro resiste bravamente ao tempo.

Ao receber a mensagem de volta "Pode ser amanhã? Hoje estou enrolado", ela perdeu a vontade. Decidiu não mais contar. Talvez fosse uma história que não fizesse qualquer sentido, a não ser para ela. Nem para Heitor faria sentido, se soubesse que Milena nunca tinha escrito nenhuma das cartas. Muito menos para Milena, que não sabia nada de nada. Talvez nem viva ela fosse, talvez fosse casada, ou também estivesse num asilo, sozinha.

Mandou mensagem para as duas amigas: "Vamos sair hoje? Estou animada, quero ver gente, me divertir. A vida é bela e curta!". As mesmas palavras que Milena tinha escrito para Heitor ecoaram em sua mente: a *vida é bela e curta... E disse* para si mesma, baixinho, em meio a um sorriso:

— Você tem razão, minha amiga Milena!

Pouco tempo depois, recebeu duas mensagens de volta. Thaís não poderia, porque o Antonio não queria sair e encrencou. Francesca estava com a irmã mais nova uns dias em casa, e não deixaria a Ciça de jeito nenhum sob os cuidados dela. Marina sentiu-se privilegiada, em comparação à vida das duas.

Ainda assim, teria de ficar sozinha.

Sozinha, mas não solitária!

Passou na loja de conveniência do posto perto da agência, comprou refrigerante, pipoca de microondas, uma barra de chocolate branco das grandes. *Hoje, a última amiga que convidaria para passar a noite seria minha dieta.* Chegou em casa, tomou banho, secou e penteou os cabelos, vestiu pijama de seda. Fez a pipoca, abriu o refrigerante, pegou o cobertor, sentou-se no sofá da sala, trouxe o pequeno aquário redondo para perto.

— Hoje, somos apenas eu e você, Nina.

Jogou três pedrinhas de ração, que Nina devorou em segundos. Colocou "O Fabuloso Destino de Amelie Poulain", filme que já tinha assistido várias vezes. Era apaixonada pelas interpretações, trilha-sonora, fotografia. Sonhava com a delicadeza da história, na Paris que era seu cenário.

Na metade do filme, após metade da pipoca, metade do refrigerante e mais da metade da barra de chocolate, caiu no sono...

41

O local, lindo. A mistura de cenários, tão díspares quanto impossíveis de estarem juntos no mesmo lugar, tornava tudo incompreensível, numa lógica que, ainda assim, não carecia de explicações. Um vale que ela devia ter visto num filme, o céu claro e muito iluminado, pequenas árvores por todos os lados. Uma casa que devia conhecer de infância, de pedra, grande, janelões virados para o norte. Um riacho que podia ter desenhado quando criança. A montanha ao fundo que, absoluta certeza, ela nunca tinha visto. Os poucos transeuntes eram a mistura de gente que talvez conhecesse bem, com gente que provavelmente nunca tinha visto.

Ela não era ela. Quer dizer, era, mas com o rosto de outra mulher. Nada parecia estranho, mesmo assim. Não questionou para si o motivo de não se reconhecer. Devia ser como as coisas funcionassem por ali.

Um homem a olhava, alguém com quem ela queria muito encontrar, mas que nunca tinha visto. Ou pelo menos não se recordava de sua fisionomia antes dali. Ele estava sentado dentro da casa, numa cadeira de balanço, olhar terno, triste, semblante sereno, cansado. Em silêncio, como se pedisse que ela tentasse se aproximar. Mas ela não conseguia chegar perto. Apesar da janela aberta, tentou colocar a mão dentro da casa, mas foi bloqueada por uma barreira invisível. Tentou tocar as mãos do homem, mover os pés em sua direção, trazer o conforto que ele parecia pedir.

Ele balbuciou, mas ela não entendeu. Parecia uma poesia, ditada no ritmo do balançar da cadeira. Conforme falava, ele sorria. E, apesar de não escutar, ela sabia que eram palavras de amor. Sentia isso. Seus pés mal tocavam o chão, e ela tinha a sensação de flutuar, como se tais palavras fossem capazes de retirar qualquer insegurança sob seus pés.

Até que começou a perceber que ele, aos poucos, calava-se. Suas palavras tornavam-se esparsas. O poema que chega à estrofe

final, a flor que murcha na ausência d'água. Não ventava, mas a janela, sozinha, começou a se fechar. As duas folhas de venezianas foram uma de encontro à outra. O olhar do homem tornou-se mais triste. Ele cada vez mais no escuro. Tentou gritar, impedir que ele ficasse sozinho, mas suas palavras não o alcançaram.

De súbito, as duas venezianas se fecharam, num estampido alto o suficiente para que Marina acordasse. Levantou as costas do sofá, assustada. Na tela, o menu do DVD. Duas e meia da manhã. Noite fria. O coração disparado acalmou-se. Não era supersticiosa, mas sentiu-se estranha.

Levantou e foi à cozinha pegar água. Tomou seu copo no escuro, apenas a luz da geladeira aberta iluminando a lateral de seu corpo. Perdeu o sono, foi ao computador consultar um dicionário de sonhos. Digitou "Sonhar com um desconhecido". Encontrou: Felicidade no lar. Em seguida, "Sonhar com janela", e encontrou: "Atitude erótica em relação ao amante". Preferiu não acreditar em mensagens do além. Sonhava todos os dias com as coisas mais impossíveis, e nem por isso se deixava impressionar.

Começou a pensar no Luca, tomada pelo desejo de tê-lo ali. Ou de sentir-se a mulher desejada que sabia que era. Seu corpo pedia que fosse mais relaxada e menos preocupada com qualquer questão moral fruto de sua educação no interior. Resolveu deixar que o corpo, e não a cabeça, ditasse as regras ali, no meio da noite, sozinha.

Apagou as luzes, tirou o pijama, ficou só de calcinha, afastou a persiana para que entrasse a luz da lua, deitou-se na cama. Ligou seu *Ipod* e selecionou a lista de baladas da Beyoncé. Uma sensação boa tomou conta de seu corpo, à vontade sob o lençol. Fechou os olhos, passou a sentir a respiração. As canções criaram o clima que a levou dali. Não estava mais em seu quarto, mas em um cenário lindo, longe. Foi para o lugar que havia povoado seu sonho há pouco. Molhou o dedo médio na boca e correu os dedos até o meio das pernas. Contorceu-se na cama, sentiu cada centímetro de seu belo corpo arrepiar-se, entregue ao desejo incontrolável que não sentia há muito.

Desejou ser tocada, beijada, abraçada, penetrada. Fechou os olhos, criou cada cena de um encontro delicioso, mas não conseguiu visualizar o rosto de quem estava com ela. Impossível fixar a mente no rosto, nos detalhes do corpo. E não se importou com quem fosse seu par naquele momento. Sentiu um tesão incontrolável, ao imaginar-se num cenário belíssimo, amada por um homem que sabia muito bem como ela gostava de ser tratada.

Quando gozou, estirada na cama, ficou imóvel, exausta, perdida entre os lençóis e os travesseiros, um leve e satisfeito sorriso nos lábios. As canções lentas, enfim, embalaram seu sono...

42

Marina decidiu não contar os vinte e cinco dias até a próxima carta. Precisava diminuir a ansiedade.

Focou no blog. Começou a agendar, aos sábados, as matérias de domingo a sexta. As postagens passaram a entrar automaticamente, e isso lhe dava mais tranquilidade para pensar nos *posts* futuros.

Dias depois, acordou com vontade de fazer diferente. Lembrou-se da reação que a primeira carta tinha provocado nas duas amigas, quando estiveram em sua casa. Avaliou se seria invadir a privacidade de Heitor e expor seus sentimentos, mas decidiu fazer um *post* com a carta. Pediu licença às leitoras para fugir do assunto "moda", e escreveu:

"Minha Amada Eterna, que prazer imenso ler-te..."

Queria compartilhar aquelas lindas palavras, mais nada. Não disse de onde vinha, de quem para quem ou o contexto.

Postou junto o vídeo da canção "O Anjo Mais Velho", do Teatro Mágico. Heitor, seu anjo mais velho, cantou: "[...] *Tua palavra, tua história, tua verdade fazendo escola, e a tua ausência fazendo silêncio em todo lugar. Metade de mim agora é assim, de um lado a poesia, o verbo, a saudade, do outro a luta, força e coragem pra chegar no fim [...]*".

E nunca antes uma postagem sua teve tão rápido tanta repercussão. Mais de cem comentários em três dias. As leitoras queriam saber de quem era, de onde, por que, como, quando, o nome da sortuda. Marina nunca imaginou que seria assim. E teve ciúme, como se apenas a ela fosse dado o direito de se encantar. Não quis admitir, mas a sensação de proteção com a história de Heitor e Milena ela não tinha tido também, ao invadir a privacidade do amor entre os dois.

Percebeu a força das palavras, e decidiu não postar mais nada sobre aquilo.

43

Luca aproveitou o final do semestre para mudar de ares. Viajou a Fernando de Noronha por quase um mês, em um trabalho de fotografia para uma nova revista que seria lançada no segundo semestre do ano. Marina não se importou de não ter sido convidada. Muito menos com a fria despedida. Não sentiu muita saudade.

Aquele foi um tempo de ansiedade. Vinte e seis de junho, a data em que receberia a próxima carta, parecia uma eternidade para chegar. Somava-se a isso a espera pelo resultado do concurso da Gus&John. Não se falava em outro assunto na faculdade. O prazo de envio dos trabalhos e currículos tinha terminado e o vencedor seria anunciado na ELLE de julho.

Planos feitos, sonhos construídos anos a fio, desejos de entrar com o pé direito no mundo da alta-costura, pareciam cada vez mais próximos da realidade na cabeça de cada aluno. Um estágio em Paris era, além de tudo, garantia de bom emprego na volta. Marina tinha certeza de que seria a vencedora...

Mas se pegou pensando infinitas vezes mais sobre o que poderia vir escrito na carta seguinte. Para chegar a Paris, deveria superar um enorme obstáculo: a concorrência. Heitor e Milena, ao contrário, não eram obstáculos, mas protagonistas da história de amor que nem Paris possivelmente abrigaria naqueles dias.

No dia vinte e cinco, Marina foi dormir cedo. A ansiedade beirou a loucura durante a noite. Quando, enfim, amanheceu o dia, ela correu para o trabalho e não conseguiu se concentrar. Importava apenas a chegada do caminhão com as correspondências vindas do exterior.

De fato, chegou o esperado envelope endereçado à 787. Guardou na bolsa, fechou o caixa e saiu sem se despedir de ninguém. Abriu antes de chegar ao meio do quarteirão. Uma pétala de rosa branca ela segurou entre os dedos. Foi lendo enquanto andava, por entre a multidão.

"Porto, 13 de junho de 2012.

Minha Amada Eterna,

Concordo contigo quando dizes que tudo está sempre a um pequeno passo de ser perfeito, ao sabermos das nossas vidas hoje. Também não me perguntarei o motivo de nos termos encontrado após tantos anos, pois, basta a certeza de que estás a pensar em mim. Haverá razão para tudo, disto não duvido.

O meu coração ficou perdido durante exatos quarenta e sete anos, tempo em que sonhou reencontrar-te. Conheceu outros corações, sim, mas nenhum deles capaz de prendê-lo para sempre. Talvez eu não fosse, à época, a pessoa mais certa para seguir-te. Ou talvez fosse, mas as circunstâncias impostas, que resultaram naquela distância impossível de transpor, foram mais fortes que o desejo que morou todo este tempo no meu peito. Desejo sincero, puro, que guardei num canto protegido e todos os dias ia lá visitar. Não houve um dia sequer, amada eterna, em que eu não me perguntasse onde tu poderias estar. Tentei te encontrar, mas não soube mais nada da tua vida. Desisti ao perceber que era melhor guardar-te no meu coração com a imagem que me deixaste. O destino saberia a hora de nos colocar frente a frente.

Vim para Portugal trazido pelas circunstâncias. Não havia mais espaço para mim no Brasil, eu queria desbravar outras terras. Consegui a dupla- cidadania, era mais fácil realizar o meu sonho aqui. Como tu, vim seguir o meu sonho, cuidei dos cavalos Lusitanos que os meus avós criavam. Aprendi tudo sobre eles, ganhei muito dinheiro, fiz a minha vida. Cavalguei por tantas paisagens, sempre acompanhado da tua imagem na mente. Perambulei por mil lugares, mil portos, fiz muita coisa boa, errei muito, acertei outro tanto. A cada lugar, pensava que poderia te encontrar. Não sabia em que país estavas, então todo o lugar era uma possibilidade. A incerteza se eu "esbarraria" contigo na esquina seguinte foi o motor que moveu a minha vida.

Depois, fixei-me no Porto, trabalhei muitos anos com a minha outra paixão: os vinhos. Aprendi, pesquisei, criei... Mas perdi tudo, e hoje a única coisa da qual não me arrependo nesta vida é de ter-te amado. Porque não ter ficado contigo foi além da minha vontade. Ah, se o tempo pudesse retroceder! Se eu pudesse voltar àqueles anos em que tínhamos a inconsequência como norte! Nunca te deixaria ir embora, nunca te deixaria ficar nos braços de outro, nunca aceitaria que não fosses minha por toda a minha existência.

Neste instante em que te escrevo as minhas breves palavras, posso sentir o teu perfume. A minha memória pode não ser das mais confiáveis, mas há coisas impossíveis de esquecer.

A principal delas? Tu, minha querida Milena...

Certo da tua resposta breve, Heitor".

A cada nova carta, mais ela se encantava. E a pétala branca, símbolo de pureza e inocência, era a tradução do que sentia. Heitor sabia o que provocava.

Correu para a aula, sem a mínima vontade de ficar por lá. Respondeu à chamada, pediu para as meninas pegarem as informações sobre um trabalho que teriam e foi para casa.

— Tá estranha, não acha? — Thaís perguntou para Francesca.

— Pois é... Não queria dizer nada, não, mas já que você falou... Bom, sei lá, eu também ficaria aérea se meu namorado ficasse tanto tempo fora.

Marina queria responder logo a carta. Desejava que o espírito da Milena, estivesse ela onde estivesse, a preenchesse com toda a inspiração que Heitor merecia. Queria dar o mesmo carinho que ele imprimia em suas palavras de amor. Ele merecia receber só o melhor, e ela tentaria também seguir seu exemplo e escrever com a alma.

Não precisou pensar muito. Como se sussurrado em seu ouvido, deixou o texto aparecer. Teve medo de escrever como Marina, e não como Milena, mas não permitiu que esse medo

impedisse seus sentimentos de fluírem. Se fosse para responder como Marina, que assim fosse...

"São Paulo, 26 de junho de 2012.

Amado Heitor,

Fiquei mais uma vez enternecida pela força de suas palavras e a magia que carregam. Ah, a rosa branca, minha preferida... A pureza do amor, feliz e eterno. Saiba que a maciez desta pequena pétala repousará em meu coração enquanto ele bater, certo de que ela sempre trará um pouco do seu jeito.

Como é lindo o que você diz! Como é doce, encantador! Como é bom saber que você enxerga a vida assim, que tem dentro de si um carinho sincero e verdadeiro. A cada dia sinto mais a força deste amor, capaz de, mesmo de longe, me fazer imaginar como estará você agora.

Saber que fez sua vida com cavalos e vinhos me deixa muito feliz, porque este é um belo sonho. Sonho de quem não se contenta com o óbvio, o comum. Flores, cavalos e vinhos! Combinação pouco provável, mas, na imprevisibilidade de sua composição, um belo quadro.

Queria que você me contasse mais sobre sua vida aí em Santa Ana. Se tem amigos, como é seu dia, o céu, a paisagem, a cor, o cheiro do lugar. O que dizem as estrelas à noite, em que tom canta o vento, como a luz do sol desenha seu dia. Conte-me quem é você hoje, para que eu te desenhe na mente com mais precisão do que toda a construção que ora tenho.

Se eu puder te pedir, e se você tiver, queria que me mandasse uma foto sua...

*Saudade,
M".*

Não quis assinar como Milena. Ela não era Milena, por mais que se esforçasse. Nunca seria. Heitor leria sempre "M" de Milena, mas

ela, e mais ninguém, saberia que era "M" de Marina. E, assim, se sentia menos enganadora.

Foi arriscado pedir a foto, mas a curiosidade beirava o infinito. Com absoluta certeza ele pediria uma também, e ela teria de inventar desculpa. Mas ter a construção exata de quem seria ele talvez definisse o que era o sentimento que arrebatava seu peito.

Começou a se sentir vazia, sozinha.

Namorava um homem lindo, era também linda e desejada por muita gente, estudava o que queria, tinha emprego, amigos, era querida. E sentia-se infeliz. Cada vez mais parecia com a Nina. Linda e solitária, enfiada num mundo pequeno, prensado por todos os lados por uma parede invisível. A autossuficiência cobrava sua fatura em forma de solidão. Opção própria. Não era culpa de mais ninguém.

Andava sem vontade de sair. Queria férias, desaparecer um tempo. Recebia ligações das amigas, mas muitas vezes não atendia. Deixou que seu celular acumulasse uma série de mensagens e telefonemas não respondidos.

Não queria admitir, mas estava apaixonada por um monte de palavras, por uma história que não lhe pertencia. A história de alguém que, certamente, passaria a odiá-la por ter sido enganado. Alguém muito, mas muito mais velho que ela.

Não sabia o que fazer para se livrar da confusão daquele sentimento.

44

Julho chegou, enfim.

Férias da faculdade, do trabalho. Inventou para as amigas que viajaria e ficou sozinha.

No tempo em que Luca esteve fora, ele ligou apenas duas vezes. Em ambas foi lacônico. Creditou à correria do trabalho e à falta de tempo para cumprir o que tinha ido fazer na ilha.

A solidão Marina enfrentou aprendendo. Comprou um livro com fotos de cavalos e colocou na mesa de centro, junto ao livro das flores. Flores e cavalos, a combinação improvável. Leu sobre cavalos na internet, em especial sobre o Cavalo Lusitano. Fez um desenho belíssimo, de um Cavalo Lusitano num roseiral branco. Mandou emoldurar, entre vidro prensado, e o pendurou na parede da sala.

Em todos os finais de semana das férias correu para a casa dos pais e lá ficou, sem sair. A mãe andava preocupada, ao não perceber a alegria que a filha sempre teve. Marina apenas dizia que precisava descansar e ficaria bem.

Era muito pesado pensar em Heitor. Um homem mais velho, que ela nunca tinha visto e estava em outro país! O que ele pensava e dizia era tão mais forte que as circunstâncias, que não era tão simples se convencer de que parecia loucura pensar nele. Não imaginava tal amor e visão da vida brotando do peito de Luca. Dois opostos: Luca, jovem, bem sucedido, bonito, sem muito de fascinante para dizer; Heitor, velho, sozinho, com tanto amor para dar...

Ninguém vai me entender, jamais.

45

Foi todos os dias à livraria, à procura da ELLE do mês. Chegava, procurava, subia até o Café, cumprimentava Seu Patrício e sentava para desenhar. Depois, ia direto para casa.

No dia 9, segunda-feira, enfim chegou a revista. Lacrada, exemplar do mês. O coração disparou, as mãos tremeram e suaram. No canto inferior direito da capa, sobre a foto de uma linda modelo, a chamada: "Concurso ELLE e Gus&John — Paris é meu lugar" tem seu vencedor.

Pagou no caixa, correu para o Café, pediu água, sentou, fechou os olhos, respirou para se acalmar. *Ô meu Deus, faz isso por mim. Eu mereço!* Rasgou o plástico, foi para o índice e olhou o número da página. Folheou até chegar à matéria, sobre uma foto da Gus&John em Paris:

A ELLE e a Gus&John agradecem aos mais de mil e duzentos estudantes que enviaram seus trabalhos e currículos, a imensa maioria deles de alta qualidade. Prova de que o mundo da moda não tem mais fronteiras para o bom gosto e o profissionalismo. A Gus&John, reconhecida como uma das marcas com maior potencial de crescimento no mercado, tem o prazer de anunciar o vencedor, que será estagiário por um mês na filial, em Paris, com todas as despesas pagas. Lá, terá contato com o mundo da alta-costura e poderá aprender ao lado de grandes profissionais um pouco do que uma grande marca faz pra se manter no competitivo mercado das...

Marina, então, pulou todo o resto e virou a página. E lá estava, enfim, o desenho do vestido selecionado e o nome da criadora da bela peça sobre a primavera.

O sonho de Paris, agora, era a realidade da vencedora...

46

Duas semanas após, ainda de férias, visitou a agência dos Correios, com a desculpa de que passava por perto. Era o dia em que deveria chegar a carta de Heitor. Fingiu ajudar um pouquinho e disse que colocaria as correspondências nas caixas postais. Heitor foi preciso!

Despediu-se da turma e saiu para ler. Entrou na primeira lanchonete que encontrou e abriu a carta, ansiosa pela possibilidade de ver a foto que tinha pedido.

Nada de foto. Mais uma pétala, desta vez de cor champanhe.

"Porto, 9 de julho de 2012.

Minha Amada Eterna,

Como estás? Espero que, como eu, melhor a cada dia. Nesta época do ano, Santa Ana está quente, e o sol tem deixado os dias menos monótonos. Perguntaste pela minha vida aqui. Se eu puder definir numa palavra, diria que é simples. Sem luxo algum, sem novidades nem diversão. Aqui vive-se da caridade de quem se dispõe a aparecer para conversar. Uma ou outra boa alma faz algum trabalho que muda a rotina dos moradores de Santa Ana. Tenho um amigo, apenas. Um jovem amigo que me acolheu e me deu trabalho, antes de eu me mudar para cá. Vem conversar, tocar violão, trazer novidades. Bendito Lourenço! Os outros são os companheiros de Santa Ana. A maioria deles não fala, ou fala demais. Se me perguntasses, então, o porquê de eu simplesmente não ir embora, eu te responderia com outra pergunta: "para onde?". Não, não! Não seria capaz de jogar a alguém o fardo de cuidar de mim. Aqui, eles sabem o que fazer. Ou pelo menos fingem que sabem, e nos deixam em paz. Apenas esperam a hora em que cada

peessoa irá embora de vez. Normal, é da natureza das pessoas serem assim.

Pediste uma foto minha. Deves imaginar, também, a imensa curiosidade que me acomete por ver-te. Mas prefiro que não troquemos fotos, nem nos falemos ao telefone ou nos encontremos pessoalmente. Não desejo que me vejas envelhecido, diferente de quando nos conhecemos. Quero que a lembrança que tenhas de mim seja para a eternidade dos teus dias, aquela de quando éramos mais jovens, cheios de saúde, de vida. A efemeridade do tempo é incapaz de fazer envelhecer um sentimento tão puro e verdadeiro, mas isso não acontece com a aparência. Ainda assim, tenho a certeza, minha amada, que és hoje tão bela quanto foste na juventude e os teus olhos são tão cheios de vivacidade quanto foram outrora. Não me importa que não os tenha mais comigo. As recordações são a parte mais bela da nossa história, e levarei-as comigo para sempre.

Gostaria de terminar estas palavras com o trecho de uma das canções que mais gosto, do Pedro, cantor, nascido aqui no Porto. Peço que Lourenço cante para mim todas as vezes que vem cá: "Largo a espera e sigo o sul. Perco a quimera, meu anjo azul. Fica forte, sê amada, Quero que saibas que ainda não te disse nada. Pede-me a paz, dou-te o mundo"...

Certo da tua resposta breve, H".

Quero que saibas que ainda não te disse nada... Não te disse nada... Nada... Essa música EU é quem deveria cantar pra você! Ah, como eu queria te contar que não sou quem você imagina. Fechou os olhos e continuou: Dou-te o mundo... dou... te... o mundo... Dolce mondo... Doce mundo. Doce o mundo que mora agora na minha mente... Amarga a realidade.

A tristeza atravessou o Atlântico e repousou sobre os ombros de Marina. Nada estava certo, ao que parecia. Nem Paris, nem a

Cidade do Porto. Nenhum destes lugares parecia fazer parte de seu destino algum dia.

Mas a tristeza pelas palavras e por não receber a foto que tinha pedido, foi contrastada pela leve satisfação de não precisar se expor. Não precisaria jamais dar desculpas sobre não se falarem ao telefone ou não se encontrarem pessoalmente. Se o encontro parecia inevitável algum dia, ela acabava de ganhar de presente um motivo simples para que isso não acontecesse. De certa forma, concordava com Heitor. Tinha se apaixonado pelas palavras dele, e sabia que seria muito difícil haver a possibilidade de uma história real. Continuaría sendo seu anjo, mas não se encontrariam.

Por outro lado, saber que ele tinha ao menos um amigo de verdade era reconfortante. Alguém se dispor a ir lá para tocar violão e conversar era maravilhoso. *Pessoas assim merecem tudo de bom nessa vida.*

Por fim, achou sensível que ele tivesse assinado como "H". Isso demonstrava sintonia. "H" e "M".

Correu para casa, entrou no Google e digitou parte do trecho da canção que Heitor citou na carta. Encontrou o nome da música, o nome do compositor e cantor, abriu no *youtube*, escutou cinco vezes seguidas, sentada em frente ao computador, de olhos fechados. Salvou na pasta de favoritos.

A trilha sonora da história dos dois era linda! Pegou a caneta, uma folha na impressora, e escreveu:

"São Paulo, 23 de julho de 2012.

Amado H,

Meus dias andam tristes. Alguns sonhos nos quais depuseti esperança não se concretizaram. Mas tudo bem, ainda resta tempo para sonhar. A vida é curta, mas ao mesmo tempo cheia de encruzilhadas, como esta que nos colocou frente a frente. Quem sabe Deus ainda reserve muitos bons momentos a serem vividos, por mim e por você, juntos ou não.

Desculpe-me ter pedido a foto. Não percebi que talvez isso não tenha mesmo mais nenhuma importância neste contexto. Você me ensinou outra lição: a de que muitas vezes não é necessário nada além de palavras escritas com a alma. De que adiantaria ter a noção exata de como você está hoje? A imagem que interessa, a carregada do sentimento das letras, esta já é perfeita. Espero que a imagem que você tenha de mim seja também de alguém que deixa a alma conduzir a caneta. Como a rosa champagne: admiração. Isso é o mais importante entre duas pessoas. Selemos um pacto, então: mantenhamos nossa história apenas desta forma, pelas cartas. Seu desejo de que seja assim também me reconforta. Não precisaríamos de outros meios para seguirmos em frente com tudo isso. De olhos fechados, no tempo dos vinte e cinco dias que levo para te ler novamente, sinto que está aqui comigo.

E não posso deixar de dizer que quanto mais leio suas cartas, mais acredito no amor verdadeiro entre duas pessoas e que nem o tempo é capaz de apagar.

Ah, a canção é linda. Vou lembrar de você todas as vezes em que escutá-la por aqui. E quando Lourenço cantar, saiba que sou, sim, o seu olhar, da mesma forma que, a cada dia, você é um pouquinho mais o meu.

Saudade, M''

Marina já não falava mais como Milena. Não contava mais coisas do passado, não tentava desvendar o que os dois tiveram. Falava de seus próprios sonhos, frustrações, medos. Destinchava sua própria vida. Depositava, ali, toda a paixão que podia dedicar a alguém.

47

Não ter conseguido o estágio em Paris tornou-a ainda mais triste, reclusa. A certeza da notícia positiva seria a confirmação do talento que supunha ter, a chance de mudar de vida, a realização do maior sonho. O tombo é que doeu. Podia não ter depositado tanta expectativa, e agora, dizem os manuais, era esquecer e seguir em frente.

Como se fosse fácil!

Não queria dizer isso a ninguém, mas ela achava o *Jardim de Santa Ana* muito mais belo que o vestido vencedor. Talvez a força da peça fosse mesmo fruto de sua imaginação. Só ela sabia o contexto em que tinha desenhado, o tamanho da paixão impressa em cada traço daquele desenho. Talvez os selecionadores não tivessem percebido, mas não adiantava mais pensar naquilo.

Desde que Luca voltou da viagem, o namoro estava péssimo. Da parte dele, estava frio e distante. E da parte dela, a certeza de que não era para ele, enfim, tudo o que sentia de bom. De modo que decidiu terminar tudo.

Luca ajudou...

Último dia de férias, um domingo. No dia seguinte, o retorno ao trabalho e às aulas. Vida normal, rotineira. Do tipo que ela nunca tinha sonhado.

Mini-saia, blusão folgado, sem sutiã. O cabelo preso num rabo de cavalo descompromissado. Há dois dias não via o namorado. Passou o dia deitada escutando música, sem vontade de fazer as coisas. Nem no blog tocou, há uma semana não o atualizava. Isso, para um blog, é a morte. E a morte de seu blog, ela não percebia, significaria a interrupção de sua janela para o mundo, o lugar onde podia se expressar, onde era admirada por pessoas que se importavam com sua opinião.

À tarde, deitou-se no sofá da sala com as cartas de Heitor. Releu-as, sem querer admitir o real motivo de precisar daquelas palavras. Dormiu em meio às cartas.

No início da noite, foi acordada pela campainha. Luca, com uma lata de cerveja na mão. O cheiro forte do álcool chegava a ser desagradável.

— Você tava onde? — Ela perguntou, por obrigação.

— Num churrasco com uns amigos.

— Que legal! Parabéns!

— Tava fazendo o quê?

— Dormindo, mais nada.

Ele sentou-se no sofá e estirou as pernas sobre a mesa de centro.

— O que são essas folhas? — Pegou uma delas na mão. Deu um gole na cerveja e começou a ler.

— Nada não, me dá isso aqui.

— Nada tem me importado mais além de sonhar contigo.

Minhas mãos trêmulas percorrem tuas palavras colocadas no papel e isto tem sido maravilhoso... Que porra é essa?

— Não te interessa, me devolve — tentou tomar da mão dele.

Ele colocou a mão no ombro dela, impedindo que se aproximasse. E continuou a ler.

— 1965? É de um velho isso aqui? "H" e "M", "amada eterna"? Que merda é essa? — E começou a rir.

— Já disse que não te interessa.

— Um velho? Mas que coisa ridícula! Você e um velho. Não fazia ideia de que você era uma vadia sem noção!

— Vai embora, não quero mais falar com você.

— Vem cá, vem! — Ele passou a mão pela cintura dela e puxou seu corpo para perto.

— Não me aperta!

— Eu quero você.

— Me solta, você tá me machucando!

Luca estava descontrolado, e ela sentiu medo.

— Por que você nunca deu pra mim? — E apertou as costas dela.

— Me solta, porra! — Gritou, muito puta com a situação, mais puta ainda com a pergunta. Empurrou-o para longe.

— Vem aqui, meu amor. Deixa de frescura, vai! Eu quero comer minha namorada. Ou não tenho o direito?

— Por que você tá falando assim?

— Fica aí se fazendo de difícil, de moralista, de boa menina. O que é? Sempre pula fora na hora H. Não tem tesão em mim?— Ele perguntou isso com uma risada irônica, seguido por um gole da cerveja.

— Se você quer saber, eu não tenho tesão por você. Não o suficiente pra te dar, se é isso que você quer ouvir!

— Deixa de ser mentirosa! Várias mulheres têm tesão em mim. Você, a minha namorada, não vai ter? Pelo visto tem tesão num velho! — E deu uma gargalhada. — Vem aqui, vai — apertou o braço dela e puxou-a violentamente pra si.

— Me larga, seu grosso! Vai embora, por favor! — E Marina começou a chorar.

— Você é fresca mesmo! — Deu uma lambida no pescoço dela e tentou enfiar a mão por debaixo de sua saia.

— Vai embora daqui, por favor! Me deixa em paz! — Ela deu um puxão violento para soltar o braço. Escondeu o rosto com as mãos, chorando muito, e se afastou o máximo que dava.

— Ah, foda-se! — Ele jogou a lata na parede, amassou as cartas e jogou no chão. Saiu e bateu a porta.

Marina correu atrás e trancou-a, escorreu as costas pela porta até o chão, juntou as cartas no peito e se encolheu entre as pernas, chorando muito. Dez minutos sentada, olhar fixo, tomada pela tristeza, raiva, nojo. Escondeu as cartas, ligou para as amigas e pediu que fossem até lá.

Em meia hora, estavam as duas em sua casa, sentadas no tapete da sala. Tomavam chá quente. Marina era a mais calma das três.

— Filho da puta!

— Cachorro!

— Quer dizer que por trás daquele jeito galanteador existe um troglodita? — Thaís caminhava em círculos. — Oh, por que eu não

me surpreendi? Homens... Ah, ele vai ver só! Vou criar um personagem bem escroto no livro e colocar o nome dele!

Pegou o gravador e falou: — Personagem: Home escroto... Bonito, mas escroto... Filho da puta... Pinto pequeno... Cecê... Chulé... Pensar muito sobre isso mais tarde — virou-se para Marina e perguntou: — Quer gravar um desabafo?

Marina deu um sorriso triste e meneou a cabeça.

— Precisa não, amiga. O seu desabafo já me confortou.

— Quer prestar queixa por agressão? Olha como tá seu braço, amiga — sugeriu Francesca.

— Não, não quero. Deixa pra lá. Não quero mais saber de nada dele.

— E como vai fazer na faculdade?

— Não temos mais a matéria, graças a Deus. Acabou tudo. Não falo mais uma palavra. E se ele se aproximar eu o denuncio e pronto. Simples!

— Assim é que se fala! — Thaís abraçou forte a amiga.

— Ai, amigas, eu queria também pedir desculpas por ter sumido.

— Tu anda estranha mesmo, não vou negar não! — Francesca aproveitou a deixa para desabafar.

— Estranha e chata — reforçou Thaís.

— Chata pra cacete! — Finalizou Francesca.

— Eu sei, mas acho que a história do concurso mexeu comigo. Eu botei muita fé que ia ganhar. Mandeí um modelo maravilhoso e...

— Ah, outras oportunidades vão chegar. Você tem talento. Mas todo mundo botou fé que ia ganhar, isso não é privilégio seu. Se fosse por isso, o País todo tava na fossa — Thaís tentou consolá-la com uma constatação óbvia.

— Tem razão, amiga, mas eu queria muito essa. Eu nunca tinha desenhado com tanta paixão. E, agora, o modelo é deles e tá sei lá onde. Mesmo se eu tentar, não sai o vestido que fiz. Foi uma coisa de momento, e acho que nunca mais.

— Não é só por isso, é? — Francesca interrompeu. — Tu tava aérea e estranha já antes do concurso, não vem não. Conta outra!

— O concurso não ia te mudar tanto... — Thaís completou a opinião da Francesca.

— Não sei o que é. Eu já não tava mais gostando do Luca, queria terminar. Não queria que fosse assim. Tô me sentindo sozinha. Não quero ficar com alguém só por ficar, entende? Eu quero me apaixonar demais por alguém!

— Era simples. Só terminar o namoro, não? — Perguntou Thaís.

— Exatamente o que eu ia fazer. Mas não imaginava que seria grosso daquele jeito. Não é do estilo dele. Mas ele tava bêbado e... Ai, foi horrível! Eu nunca ter dado pra ele foi motivo pra que ficasse puto? Que merda de homem! Não podia respeitar o que eu penso e esperar a hora certa?

— Todo homem acha que a hora certa já é a partir de um minuto depois de conhecer a mulher, meu bem — filosofou Francesca.

— E, no seu caso, estão juntos há... O quê? Quatro meses? — Perguntou Thaís.

— Isso.

— Bom, pra um homem já rodado como ele, talvez isso seja a eternidade.

— Foda-se o tempo! O tempo é meu, não dele, ué! Quem sabe a hora sou eu, e não vou fazer nada só porque alguém quer. Eu sentia que, se a gente continuasse, talvez não demorasse a acontecer. Mas agora não tem mais chance. Não quero nunca mais olhar pra cara dele.

— Amiga... — Francesca olhou bem fundo nos olhos da Marina. — Na hora em que você menos esperar vai aparecer alguém. Relaxa.

— Na hora e no local mais inesperado... Como diria também aquele manual do romance romântico: "é na esquina mais improvável que você topará com seu grande amor" — completou Thaís.

— Eu tenho medo de me apaixonar pelo homem errado.

— E o que seria um homem errado?

— Não sei, alguém improvável, impossível, que ninguém entenda o motivo de eu me apaixonar e...

— E por que motivo alguém deveria opinar numa escolha sua? O próprio negócio diz: a escolha é sua, não dos outros — Francesca deu um gole no café e se recostou no sofá.

— Todo mundo julga os outros, isso é fato.

— Ih, que coisa complicada essa! — Thaís falou. — Para de pensar assim. É claro que você vai se apaixonar por um homem provável e possível. Te acalma! Isso acontece com todo mundo, mais dia menos dia.

— Será?

— Não tenho a menor dúvida. O mundo tá cheio de homens prováveis e possíveis — disse Francesca.

— Sei... Que nem o Luca, né? — Marina ironizou.

— Tudo bem, nesse caso admito que me enganei. E te peço desculpas por ter insistido que você desse chance a ele. Mas é certo que há um monte de homens legais por aí. Ainda mais pra uma menina que nem você.

— Tô cansada desse "uma menina linda que nem você e blablablá". Todo mundo fala isso, mas o fato é que eu tô sozinha.

— Bem-vinda ao clube! — Disse Francesca.

— Ei, calma! Você só tem vinte e cinco anos, criatura! Deus me livre! — Thaís ficou alterada. — Imagina se fosse cinquentona e sozinha. Seria uma chata insuportável!

— Ah, tudo bem, vai. Desculpa. Talvez vocês tenham razão. Pelo menos vocês estão aqui por perto. Agora só vou querer saber das minhas amigas — e deu um sorriso.

Então a campainha tocou. Marina estranhou, não esperava visita. Olhou pelo olho mágico.

— Ah, não. Ferrou tudo! É o Otavinho! — Ela sussurrou.

— Deixa ele entrar, vai. Depois do que te aconteceu hoje, nada pode ser pior — Francesca olhou para o teto.

Marina abriu a porta e sorriu, sem graça. — Oi, Otávio.

— Oi, eu... É que... Nossa, quanta coroa linda!

— Coroa? Eu? — Thaís arregalou os olhos e sussurrou para Francesca, que fez cara de quem também não entendeu nada.

— Otavinho, eu não tô no clima, por favor! O que você quer?

— Bom... Nada não. Só vim ver se você tá bem. Escutei a gritaria e só não vim aqui bater nele porque... Porque minha avó tava... Ela... Ô coitada...

— Tudo bem, sem problemas. Já tô bem.

— Eu sempre falei que você merecia coisa melhor.

— Obrigada pelo conselho, Otávio. Ajudou muito! — Disse Francesca, arrependida de ter sugerido que ele entrasse.

— De nada! Eu cansei de dizer, não foi, Marina?

— Sempre — Marina fez olhar de peixe morto.

— E além de tudo, era meio feio. Não é seu tipo, nem de longe. Você precisa de um homem de verdade, mais novo, mais bonito — ele forçou o tórax mais do que o normal, para ficar mais alto.

— Valeu, Otávio. Ela precisa mesmo destas palavras de apoio e conforto neste momento — concluiu Thaís, já irritada.

— Como diria Bob: "Baby, por favor pare de chorar" — emendou Otavinho, dando um leve soco no ar.

— Bob Esponja... — Marina olhou seco para as duas.

— Bob Esponja disse isso? — Perguntou Francesca.

— Bob Dylan — respondeu Otavinho.

— Ah.

— Bom, se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

— Legal. Obrigadão!

— Um chá, um café, um suco.

— Tudo bem, valeu.

— Posso trazer uns pães de queijo que a vovó acabou de assar.

— Pode deixar, sem problemas. Não vamos incomodar a dona Gustava. Valeu mesmo.

— Ok. Vou lá, então.

— Beleza! — Agora Marina é que deu um leve soco no ar e piscou o olho esquerdo.

— Qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

— Eu sei. Ali, ao final do corredor.

— Isso. No quinhentos e sete — ele falou isso diretamente para Thaís.

— Anota aí, Fran. Quinhentos e sete! — Thaís gritou.

— Valeu, Otavinho. Obrigada. Se eu precisar, te chamo.

— Um beijo? — Ele disse isso tentando um olhar fofinho.

— Eu joga.

Beijou a palma da mão, jogou o beijo e fechou a porta.

Francesca se superou:

— Ah, Marina, ele é super fofo!

— Oh, novidade! Pra você, todo mundo é.

— Merece uma chance, pela ousadia.

— Gente do céu! Ele tem só quinze — Marina balançou a cabeça e deu um sorriso.

— Tem razão, você é uma velha perto dele...

Passaram o final da noite conversando. Não mais sobre homens. Naquela noite, eles não mereciam.

48

Luca ligou várias vezes e deixou muitas mensagens no celular. Tentou explicar o inexplicável: "Eu não sei onde eu tava com a cabeça", "Isso nunca me aconteceu antes", "Não é o que eu penso", "Eu tava bêbado", "Me liga, por favor", "Eu te amo" e outros lamentos que até podiam ser sinceros, mas não a sensibilizaram. O silêncio indicaria não haver mais nada entre eles. Se já desejava terminar, não existia mais chance de perdão.

A vida entrou no automático. Ninguém ao lado, nenhuma expectativa. Apenas Heitor, uma construção de sua cabeça, nada mais. Construção que ela sabia em breve ruiria, de tão frágil a fundação. Talvez o relógio invisível do tempo estivesse em contagem regressiva pra que a história enfraquecesse até desaparecer por completo, e a ela só restava seguir em frente enquanto não prejudicasse ninguém, nem ela e nem Heitor.

Mas agosto passou voando.

E dia vinte talvez tenha sido o dia mais feliz da vida da Marina...

— Quando o caminhão das dezessete chegar você me avisa? Preciso ficar lá nos fundos pra selar uma pilha de livros de uma editora — ela disse isso para o segurança que ficava na porta da agência e fiscalizava a entrada dos clientes e a chegada dos caminhões.

— Deixa comigo!

Estava ansiosa pela única coisa capaz de quebrar a monotonia de seus dias. E, mais uma vez, Heitor não decepcionou. Quando o caminhão entregou as correspondências, ela conseguiu separar a única que lhe interessava. Fingiu ajudar e voltou para o fundo da loja. Sentou entre as caixas e abriu a carta endereçada à *minha amada eterna*. Junto, uma pétala de rosa coral, alaranjada. Ela sorriu ao ver a pétala. Sabia o significado.

"Porto, 04 de agosto de 2012.

Minha Amada M,

Como estás? Aqui vai tudo bem, sem muitas novidades, como é de se esperar. Espero que a tua tristeza já tenha ido para o lugar onde deve morar: o esquecimento. A palavra "triste" não combina contigo.

Tu disseste que alguns sonhos não se concretizaram. Mas, pensa... Que graça teria, caso todos eles sempre se tornassem realidade? A beleza da vida está justamente na sua imprevisibilidade. Saber que expectativas ora se concretizam, ora não, é que torna tudo mais saboroso e instigante. Um sonho não se realizou? Sonha outro! Sonho contigo todos os dias. Acordado, sempre. Dormindo, muitas vezes. O combustível que mantém acesa a chama, e me ajuda a superar um dia após o outro com a alegria escondida em algum canto de Santa Ana. Alegria que a distância de ti não é capaz de derrubar.

Talvez este teu sonho não tenha 'ainda' virado realidade. Mas quem dirá o que o tempo ainda te reserva? Da minha parte, desejo que muitas surpresas te aconteçam ao longo da caminhada. O tempo curto que resta a todo mundo pode ser também tomado como infinito, se olhado sob outra perspectiva. O tempo cronológico de uma vida pode não ser longo, de facto, mas o tempo de um amor verdadeiro, este sim, é que não tem fim.

Há alguns meses não sabia mais nada a teu respeito, minha amada. E hoje tenho a companhia das tuas cartas, da tua vida longe, dos teus sonhos, da tua alma. O que mais poderia fazer, a não ser agradecer todos os dias por teres aparecido? Pois é isto o que faço: agradeço por ter- te conhecido.

Sempre senti-me um homem privilegiado, porque conquistei muita coisa. E se hoje estou sozinho é por falta minha, por não ter encarado alguns desafios que me foram impostos. Ainda assim, haverá boas surpresas na minha vida.

Tenho a certeza que também na tua.

*Certo da tua resposta breve,
H".*

Como pode ter tanta tranquilidade o peito de alguém que tá num lugar assim? Sentiu-se dentro de um quarto sem portas ou janelas, em que cada frase recheada da esperança no amor que ele sentia pela Milena parecia ter o poder de fazer as paredes irem de encontro umas às outras. Como que espremendo sua existência dentro de um lugar de onde jamais conseguiria sair. Uma armadilha para a qual ela tinha sido atraída e que agora era impossível escapar.

Mas ela queria escapar?

Não queria! Precisava das palavras que ele trazia, para seguir em busca da vida que sempre desejou. Ela não era Milena, não uma senhora de idade. Era uma menina ainda. Precisava olhar o tempo sob a perspectiva da mesma longevidade que ele colocou.

Na verdade, queria muito que o desejo de Heitor fosse verdade. Queria uma vida recheada de surpresas, de sonhos mais fortes que as dificuldades. O sucesso tanto pessoal quanto profissional. Se Paris não aconteceu daquela vez, por que motivo não poderia nunca mais acontecer?

E ali mesmo, sentada entre pilhas de caixas, apoiou um papel sobre uma delas e escreveu:

"São Paulo, 20 de agosto de 2012.

Amado H,

É impressionante como a cada carta eu aprendo mais e sinto que me torno uma mulher um pouquinho melhor. Você tem muita razão quando se refere aos sonhos e objetivos que colocamos para a vida. É cômodo lamentar que um desejo não tenha se concretizado. Mas esse sonho ao qual me referi era além das minhas forças. Não

dependia da minha decisão, mas da decisão de outras pessoas. Eu não poderia fazer nada a não ser desejar. Foi isso o que fiz: desejei com todo o meu coração. Se não aconteceu, paciência. Pelo menos fui sincera com meu sentimento. Sei que haverá, ainda, muitas novas chances.

O entusiasmo da rosa coral é o que preciso ter, e esteja certo de que tentarei recuperá-lo.

Sabe, quando penso que você poderia ter todos os motivos do mundo para se entristecer por estar longe dos seus, e mesmo assim não se deixa tomar pela tristeza, percebo o quanto às vezes sou egoísta. Por que não exaltar a situação em que me encontro, de ter meus familiares por perto, de ter uma vida tranquila e rodeada de boas possibilidades? Por que não agradecer a Deus todos os dias por tantas coisas boas? Pois, se não fiz antes, faço agora, enquanto escrevo. E sei que, no momento em que ler esta carta, você saberá exatamente o que estou sentindo.

Por mais que pareça estranho dizer isto (e quem me dera eu tivesse forças pra explicar tudo), sinto-me capaz de fazer muitas coisas na vida. Acho que ela será longa ainda. Tenho certeza disso, na verdade. E seus exemplos e suas palavras têm sido a enorme força que me leva para frente e me faz encarar cada dia como um desafio gostoso a ser superado.

Penso em você sempre também. Acordada, dormindo, delirando...

Saudade, Marina"

Releu a carta e sorriu ao perceber que assinou seu nome.

Precisou corrigir:

Marina

Teria que passar a limpo em casa. Dobrou o papel, colocou dentro da bolsa e saiu para a faculdade.

Voltou cansada, tarde da noite, os pés matando. O salto alto foi péssima escolha para o dia comprido e corrido. Entrou no elevador com a sandália nas mãos. Olhou-se no espelho, desanimada, e a pergunta veio:

Quem é você? Onde quer chegar?

Não queria admitir, mas andava pensando demais nas escolhas feitas e na vida que tinha deixado para trás junto da família. E pela primeira vez fez perguntas que jamais imaginou fazer: *E se eu tivesse ficado com meus pais, me tornado padeira, casado com o Fabrício? Não estaria feliz hoje?* Não respondeu, apenas fixou o olhar.

Entrou em casa, jogou as coisas no sofá, foi tomar banho. Sentou no chão e, olhos fechados, sentiu a água quente escorrer pela nuca e costas durante o tempo necessário para esquecer os questionamentos. Nem se ensaboou. Saiu, vestiu camisola e foi verificar os e-mails antes de passar a limpo a carta para o Heitor.

Apenas um, de um tal René Dieudonné. Difícil entender, porque o texto era todo em francês. Passou os olhos e, quando estava para deletá-lo, uma palavra saltou aos olhos: "Gus&John". Seu coração começou a bater forte, quase saiu pela boca. As mãos tremeram e ela mal conseguiu mexer o mouse.

Abriu uma nova aba, entrou no tradutor do Google. Copiou o texto, colou, pediu a tradução do francês para o português. E o que leu quase a fez cair para trás...

49

Marina começou a gritar, chorar e pular pelo quarto. Pulos de meio metro, com os braços para cima, como se comemorasse um gol numa final de mundial. Não sabia para onde ia, se corria até a sala, se rolava no chão, se abria a janela e dava um grito histérico para o mundo inteiro ouvir.

Ligou para sua mãe e contou, chorando. A mãe chorou com ela. Precisava contar para as amigas.

Antes da Francesca terminar de dizer "alô", Marina já gritava. Sentou em frente ao computador e começou a ler a tradução porca, mas inteligível, que o Google fez. Não precisaria mesmo ter a tradução exata para saber que sua vida tinha acabado de mudar para sempre:

— Meu nome Rene Dieudonné criativo diretor Gus & João de Paris. Eu diria que ficou encantado com seu trabalho e eu queria saber se você poderia enviar mais alguns de seus desenhos. Temos vaga Assistente Estilista. Gosto seu modo de desenho, seu blog e sua visão do mundo de moda. Um estágio é pouco para você na Gus & John. Se você está interessado, responda a este e-mail. René.

— Ähn?

— Paris! Paris! É de Paris! — Marina não parava de gritar.

— Não tô entendendo nada, explica direito.

— Tão querendo me contratar! Assistente de Estilista! Preciso mandar outros modelos e... e...

— Será que não é trote? Olha direito esse negócio aí, mulher!

— Acho que não, claro que não, não pode ser, sei lá! O e-mail é da própria Gus&John, amiga! — Marina gritava cada vez mais alto.

— Mas... E o resultado do concurso? Não conta? Será que a vencedora não...

— Não sei, nem quero saber, isso não importa. Olha o que o tal René tá dizendo: um estágio não é pra mim e... e... um emprego...

e... eu... — Marina não conseguia contar nada de forma conexa. Atropelava as idéias, não sabia se ria, se chorava.

Combinaram de comemorar na noite do dia seguinte e desligaram. Marina ficou parada, sorriso bobo no rosto, em frente à tela do computador. Em seguida, voltou a pular diante do espelho. Ligou para Thaís e a reação de ambas foi a mesma.

Aparentemente, não tinha nada a ver com o concurso da ELLE. Uma proposta de emprego, simples assim. Fruto de seus desenhos, seu blog, suas criações. Mérito próprio. Abriu a página da Gus&John, procurou pelo staff e lá estava: René Dieudonné, Diretor Criativo. Era ele mesmo. Não era trote. Voltou ao computador e digitou no tradutor português-francês, as mãos tremendo: "René, eu estou muito feliz. Claro que desejo trabalhar com vocês. É meu sonho! Vou mandar mais desenhos. Obrigada, obrigada!".

Anexou aqueles que considerava seus três melhores desenhos feitos pelo computador, tirou fotos de mais outros cinco que só tinha no papel e mandou. As mãos tremeram, o coração bateu muito acelerado. Deixou o corpo esticar-se sobre a cadeira, jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e lembrou-se das palavras de Heitor: "*Talvez este teu sonho não tenha 'ainda' virado realidade.*"

Pegou nas mãos o rascunho da carta, passou a limpo e complementou, ao final do último parágrafo:

"Ah, e acabo de receber uma notícia muito melhor do que o sonho que não tinha se concretizado. Uma que vai mudar muitas coisas. Você é um anjo na minha vida, porque seu desejo de que surpresas ainda me aconteçam ao longo da caminhada foi o que me trouxe esta notícia, tenho absoluta certeza.

Você é meu anjo. Meu anjo carteiro.

Saudade, M."

50

O dia seguinte foi cheio. Ligou no trabalho e pediu para faltar. Problemas urgentes, ela informou. Compensaria depois. Ficou a manhã em casa, e a troca de e-mails com René foi intensa. O que ela conhecia de inglês foi suficiente para tudo ficar bem entendido. No início da tarde no Brasil, René fez uma entrevista pelo *Skype* e a empatia foi imediata. Gostou muito dos desenhos que ela mandou, contou o que era a grife, qual o conceito por trás de tudo, o que eles esperavam de profissionais jovens como ela. Explicou que ela era uma aposta pessoal dele, e a chamou de "brasileira de mãos mágicas". A *Gus&John* era uma marca de vanguarda, cada vez mais forte no cenário mundial, e tinha a característica da diversidade cultural em seu quadro de estilistas. Pessoas de várias nacionalidades, mas, até então, ninguém do Brasil.

René procurava alguém que não tivesse trabalhado ainda em nenhum estúdio, apaixonado pelo que fazia e com potencial para ser talhado com a cara da empresa. O *Jardim de Santa Ana* demonstrara a paixão que poucas vezes ele havia notado num desenho. Viu isso em seu blog e agora em seus olhos.

— Mas... E a estagiária do concurso? — Ela quis saber, de curiosidade.

— Ah, a decisão foi mais da revista. Não demos tanto palpite. A marca entrou como linha de frente do concurso, nada mais. Por mim, a escolhida teria sido você desde o início. Venho conversando com o Conselho há um tempo, e sempre que surge a oportunidade falo de você. A vaga abriu agora e é sua vez, se quiser. A vencedora do concurso vem, fica um mês e pronto. Você, quero aqui do meu lado.

Marina custou a acreditar nas coisas que ouviu. Sabia que era boa, mas era a primeira vez que alguém com conhecimento e experiência dizia isso.

— Nossa, muito obrigada!

— Mas precisamos fazer o teste final. Ordens superiores.

— É? Ué, tudo bem, pode falar. O que eu tenho que fazer?

Então René chamou mais duas pessoas da equipe e três de outras equipes. Uma conferência. Marina olhou, pela *webcam*, talvez seus novos colegas de trabalho.

— Pegue uma folha, seus lápis e borracha. Vamos assisti-la criar ao vivo. Se gostarmos do resultado, o emprego é seu.

O coração de Marina disparou. Não imaginaria jamais ter de passar por um teste daquele. O teste da sua vida! Mãos e pernas tremeram.

— Vamos lá. Escolham o modelo — ela falou, decidida.

— Uma roupa de fim de tarde, para uma festa ao ar livre, num gramado à beira de um rio. Um almoço com pessoas da alta sociedade, um leilão beneficente. Cinco minutos para fazer o esboço.

— Onde fica este lugar?

Os seis entreolharam-se e sorriram.

— No interior da França.

— Que época do ano?

— Julho.

Ela pegou a folha, colocou o teclado de lado, posicionou a *webcam* em direção ao papel. Eles não podiam mais ver seu rosto. Então ela fechou os olhos. *Eles estão me testando. Não posso fazer nada chique demais. É alta sociedade, mas a empresa é descolada. Europa... Julho... Verão... Algo leve. Um gramado... Sandália. Sol... Um chapéu. Preciso arriscar.*

— Posso colocar uma canção? Gosto de desenhar ao som das minhas trilhas — ela perguntou.

— O momento é seu. O papel, seu universo. Não estamos aqui, só você e seu mundo...

Marina, então, ligou seu *Itunes* e selecionou a canção trilha da história de "M e H". Mãos firmes, ela passou a criar os traços. Aumentou o volume e o sussurro, a melodia e a batida compassada invadiram seu corpo:

"[...] Suavemente pinto o teu rosto a pincel..."

Subia e descia o grafite com precisão, atacava o papel com sua técnica própria, não usou a borracha sequer uma vez. A modelo

morena, cabelos longos e cacheados, fios descendo pelo colo, era sóbria, elegante. Blusa branca, leve, de alça. O caimento perfeito no busto. Detalhes finos como folhas secas contornando o colo. Short branco, folgado. Jóia no braço direito. Cinto largo com pedras na fivela. Sandália de poucos detalhes. Colocou um chapéu de aba larga. Tão simples que chegava a ser a escolha óbvia. Já tinha copiado muitos modelos deles em seus fins de tarde na livraria. Conhecia de cor o traço do estúdio.

Finalizou trinta segundos antes de terminar a canção e assinou: Marina Albertini.

Largou o lápis sobre o papel, uma gota de suor escorreu pelo rosto. Recostou-se na cadeira, os olhos cheios de lágrimas. Olhou para cima, o coração bateu forte. Quinze segundos para o final da canção, e ela não voltou a *webcam* pra si. Deixou-a focar o papel.

Fez uma oração, em pensamento.

Quando a canção terminou, voltou a câmera para si. Os seis estavam sorrindo.

— Parabéns! O emprego já é seu desde o momento em que perguntou onde seria a festa! — Disse René.

Fez uma matéria no blog sobre os novos patrões, mas não contou para suas seguidoras o que tinha acontecido. Preferiu saborear sozinha a realização do sonho. Elogiou tanto a marca que algumas meninas até comentaram o exagero. Ela deu risada, mas elogiaria a vida inteira se fosse preciso.

À noite, foi encontrar as amigas num bar. A comemoração varou a madrugada.

Dormiu feliz da vida.

51

Marina teria três meses para arranjar tudo, pois eles queriam que ela fosse assim que se formasse, na segunda quinzena de novembro. Matriculou-se num curso intensivo de francês, renovou o passaporte. Já tinha cidadania italiana, de tal modo que não seria empecilho trabalhar na Comunidade Européia. Esperou alguns dias a poeira sentar para então contar nos Correios que sairia. Precisaria de tempo para finalizar os projetos da faculdade e ajustar todas as coisas antes de ir embora.

De fato, nunca havia sido seu sonho trabalhar numa agência dos Correios. Ela não queria levar e trazer histórias. Queria ser uma história, e o passo definitivo acabava de ser dado.

A tristeza foi geral. Dona Jane não conteve as lágrimas, mas adorou o convite para que fosse conhecer Paris e ficasse hospedada na casa da amiga. Só que Marina ainda teria de manter o vínculo com a agência, até resolver a pendência mais difícil de todas. Então, convidou Dona Jane para almoçar. Precisava da amiga, mais do que nunca. No *self-service*, ao lado da agência:

— Preciso te contar uma coisa que ninguém sabe — disse Marina.

— Oba! Adoro isso.

— Mas você vai me prometer que não vai me criticar.

— E por que eu te criticaria? Fala logo. Tá me deixando curiosa.

— Porque foi uma falta profissional. Algo que venho fazendo desde o início do ano. Vou precisar do seu apoio.

— Olha lá o que vai me pedir, hein? Mas... Tá, pode pedir qualquer coisa. Só porque é pra você. Não enrola.

— Valeu! Então... — Ela respirou fundo. — Você se lembra da história daquela caixa postal de uma moça que morreu no início do ano?

— Lembro, o que tem?

— Lembra da ruiva que escrevia cartas à mão?

— Também.

— Bom, elas eram a mesma pessoa e...

Então detalhou tudo o que tinha acontecido. Contou que desviava a correspondência, que esperava o caminhão das 17h a cada

25 dias, falou sobre Heitor. Dona Jane escutou tudo, incrédula. A falta profissional não foi nem levada em questão. — Setenta anos?

Outra vez, o julgamento de alguém feria mais um pouco seu coração.

— Ahã. Ai, amiga, eu sei, parece loucura. Mas eu nem sei o que é. Me envolvi e agora preciso sair dessa sem magoá-lo, entende?

— É uma história e tanto. Bom, mas o que eu tenho que fazer?

— Quero que você pegue as cartas e me mande antes que devolvam pra ele. Você promete que me ajuda?

— Claro que prometo! Uma história de amor assim é rara e...

— Mas não é uma história de amor! — Marina foi ríspida.

— Não? E é uma história de quê, então?

Marina ficou em silêncio. Sabia, sim, a resposta.

Trabalhou com a pergunta da Dona Jane martelando a cabeça, e por diversas vezes se perdeu no serviço. Ao final do expediente, foi para a livraria. Sentou-se na cadeira alta do balcão, apoiou os cotovelos e perguntou:

— Seu Patrício, o que o senhor acharia se uma moça bem mais nova estivesse interessada no senhor?

— Interessada em quê?

— Digo, como homem.

— Mais nova quanto?

— Muito, muito mais nova. Não vem ao caso a diferença exata.

— Por que a pergunta? Hoje é primeiro de abril?

— É só uma pesquisa. Uma amiga minha acha que pode estar interessada num homem muito mais velho, mas não tem coragem de admitir.

— E por que ela não tem coragem?

— Não sei... Talvez tenha medo das coisas.

— Medo dele não entender?

— Talvez. Ou medo de ninguém entender. Medo de se expor. Medo de descobrir que é tudo loucura, de dizerem que ela não bate bem das bolas.

— Bom, eu não sei a história, não sei quem são as pessoas, então é difícil dizer. Mas acho que o amor, quando acontece, é muito mais forte do que qualquer diferença de idade.

— Todo mundo fala assim, mas acho que isso é só na teoria e porque estão de fora. Se vivessem a situação real, poucos teriam coragem de admitir.

— Talvez você tenha razão. Dar conselhos de fora é fácil. E por que ela não esclarece as coisas com ele?

— É que eles não se conhecem pessoalmente e...

— Ué, e como ela se apaixonou?

— Eu não falei que é paixão. Falei "interessada". É um sentimento muito forte, que não tem nada a ver com a questão física, entende? Ela gosta das palavras, da história, das coisas que ele pensa. Começaram a trocar cartas e ela se encantou pelo que ele escreve. É muita loucura gostar da alma de alguém?

— As almas se encontram, dizem por aí. Talvez tenha sido o encontro da alma dela com a alma dele. Neste caso, imagino que o resto não tenha lá muita importância.

— Bom, espero que minha amiga não faça nenhuma besteira...

— Ela fez uma cara triste.

Seu Patrício entendeu tudo direitinho.

— E por acaso essa amiga se chama Marina?

Ela engoliu seco.

— Claro que não! É uma amiga que...

— Sei... Olha, se uma moça muito mais nova se interessasse por mim, primeiro eu acharia que era brincadeira. Ninguém gosta de velho. Mas, se eu sentisse que era verdade, acharia maravilhoso. Isso me faria sentir vivo. Agora, o bonito no que você tá dizendo é que isso prova que o amor vai além de conhecer pessoalmente alguém, né?

— Pois é. Ela sabe que tanto faz que ele seja velho ou novo, gordo ou magro, alto ou baixo. A paixão no que ele fala é

verdadeira, tem um quê de diferente que ela não sabe explicar.

Seu Patrício tinha certeza que era ela mesma a tal moça. Mas entendeu que ela tentasse se esconder.

— Olha, eu acho que sua amiga não deve se preocupar com essa questão de idade. Que tal ela conhecê-lo? De repente, ele não é o que ela acha, tudo não passa de uma impressão. E se, por outro lado, as palavras dele forem o que ele é na essência, não haverá nada mais importante, não?

— É... Talvez seja isso o melhor que eu deva fazer e... Ops!

Seu Patrício sorriu com o ato falho. Ela também. E deu uma piscadinha para ele.

52

Finalmente, a prefeitura resolveu consertar sua rua e o asfalto que já esfarelava. *Adeus buracos infelizes! Mas não podia ser em outro dia? E às oito e meia da manhã?* — Ainda sonolenta, Marina arrastou-se até a janela. O caminhão-britadeira quebrava tudo no início da rua. A pista da direita interditada. Pelo visto demoraria.

Ela tinha de estudar, e não era pouco. Convenceu a diretoria da faculdade a antecipar os trabalhos, para que se livrasse dos compromissos e estivesse apta a tirar o diploma já no meio de novembro. Eles sabiam da tremenda propaganda que seria uma aluna sair empregada num estúdio francês de renome.

Mas o barulho impossibilitava qualquer tipo de atividade que exigisse concentração. Nina rodava de um lado para o outro, desesperada. Marina fechou as janelas de vidro e as portas, colocou algodão no ouvido, pegou o livro e tentou estudar. Chegava à metade da página e não se lembrava de nada do início. Somava-se a isso a ansiedade pelo telefonema que poderia receber no final da tarde. Impossível estudar daquele jeito. Foi até o banheiro, fechou a porta e ligou para Thaís.

— Nossa, amiga, que barulheira é essa aí?

— Até que enfim resolveram consertar minha rua, mas eu tô pra ficar louca com esse barulho.

— Quê? Fala de novo!

— Minha rua, tão consertando! — Ela gritou.

— Ah!

— Preciso sair daqui, pelo amor de Deus! Vamos pro *shopping*?

— Ai, a palavra mágica! Você é um anjo! Tô precisando mesmo sair. Não tô conseguindo escrever nada hoje. De repente, você me dá alguma inspiração.

— Se for um capítulo de amor bem meloso, acho que até posso ajudar...

— Opa, então vamos logo.

- Beleza! Às dez em ponto?.
- *Qual shopping?*
- O Paulista. Vou caminhar até lá.
- Na praça da alimentação?
- Fechou.
- Beijo.

Tomou banho, pegou a máquina fotográfica, o celular, a bolsa e saiu.

As duas passaram o dia perambulando pelas lojas. Combinaram de uma ajudar a outra. Marina experimentou roupas, sapatos, joias. Tiraram as fotografias dos *looks* para o blog. Por outro lado, Thaís contou a quantas andava o livro e Marina deu sugestões. Gravaram uma porção de situações e inventaram personagens hilários.

Do meio da tarde em diante, a cada minuto Marina olhava para o celular.

— Por que você não para de olhar o celular, amiga? Tá esperando alguém ligar? — Perguntou Thaís.

— Ah, nada não. Uma ligação, sim, mas não é nada importante.

— Sei... Não é importante ou você não quer contar?

— Não é nada mesmo. Aliás, preciso ir já. Devem ter terminado a obra na rua e é melhor eu voltar a estudar.

— Tudo bem. Te deixo lá perto.

O caminhão ainda britava o chão, agora em frente ao prédio da Marina. Ela subiu em meio ao barulho da quebradeira, desanimada.

Ao pisar em casa, trocou a roupa, sentou no sofá, exausta. Então, chegou o telefonema pelo qual esperou o dia inteiro.

— Alô! — Ela gritou.

— Alô. Tudo certo! Encomenda interceptada no carregamento das dezessete. Pronta pra ser desovada!

— Deixa de ser tonta! — Marina deu uma gargalhada.

— Poxa, eu adorei esse negócio de interceptação de correspondência. Queria só dar um pouco de dramaticidade e mistério e... Credo, que barulheira!

— Pois é, coisa de doido isso aqui. Mas... Conta, onde você me entrega o pacote? — Marina gritou ainda mais alto.

— Ah, vai ter de vir aqui visitar a gente. Senão, não entrego.

— Então me espera que tô correndo praí agora.

— A agência fecha daqui a vinte minutos, só que eu não vou poder esperar e...

— Caaaalma que eu chego! — Desligou o telefone na cara da Dona Jane.

Saiu, trancou a porta. Apertou o botão do elevador uma, duas, cinco vezes, como se fosse chegar mais rápido ao entender sua angústia. *Vai, chega logo!* Mudou a estratégia e desceu pelas escadas, feliz da vida. De chinelo de dedo, cabelo preso, short, camiseta. Passou pelo Otavinho no térreo, sentado, olhando para o nada.

— Oi, Otavinho — falou, ofegante.

— Oi... Ei... Peraí. Volta aqui que eu quero te contar que arranjei uma namo...

— Depois, depois.

Passou pelo porteiro e gritou:

— Abre, abre.

O portão abriu e ela saiu em disparada. Desceu os quatro degraus da portaria, atravessou a calçada e, ao passar pela frente do caminhão- britadeira, não viu mais nada...

53

Não deu tempo do fusca frear.

Quando o motorista percebeu, Marina já passava por cima do para-brisa até cair no meio da pista, alguns metros atrás. Só conseguiu balbuciar, não se mexer. A vista embaçou, ela foi cercada por rostos desconhecidos. Tudo apagou.

Ao abrir os olhos, demorou a entender onde estava. O quarto escuro ela não conhecia. Deitada numa cama que não era a dela. No braço esquerdo, uma agulha pingava soro em suas veias. O direito, engessado da mão até a altura do antebraço. A perna direita engessada da canela até a coxa, pendurada por dois cabos e uma tira de couro. Tudo rodava, do teto ao chão.

— Jane, Heitor, eu... A carta e...

Ela tentou levantar o corpo, mas sentiu uma tontura tão forte que caiu para trás, novamente no sono profundo.

Dois dias depois, tomou ciência do ocorrido. A última coisa da qual se lembrava era do "Abre, abre.". E de pequenos *flashes* dos dois dias passados no hospital.

— Oi, minha filha. Como você tá? — Perguntou Dona Ângela, sentada ao lado da cama acariciando os cabelos da filha.

— Oi, mãe. O que aconteceu?

— Você foi atropelada, mas o carro não estava muito rápido. O médico disse que você teve sorte. O importante é que você tá aqui, viva, linda.

— Meu braço... Minha mão...

— Você quebrou o braço em duas partes, filha. E a mão em vários outros. O doutor disse que você deve ter tentado aparar a queda, e o peso do seu corpo forçou tudo.

— Tá doendo muito, mãe — ela começou a chorar.

— Calma, *amore mio*.

— Eu vou ficar sem escrever, sem desenhar?
— O doutor disse que você vai ter de se esforçar, fazer fisioterapia e tomar alguns remédios, mas vai ficar tudo bem.
— Quanto tempo pra eu voltar a escrever?
— Isso só depende de você. Mas fique tranquila, filha. Isso não é o mais importante agora. Descanse. Depois, agradeça a seu vizinho.
— Que vizinho?
— Otávio, o nome dele. Foi quem te socorreu, chamou a ambulância e ficou do seu lado até você chegar aqui. Uma gracinha ele. Veio com a namorada e a avó te visitar ontem.
— Namorada? Tudo bem, depois eu agradeço pela ajuda. A Dona Jane veio aqui?
— Veio, sim. No dia do acidente, no final da noite. Aliás, veio muita gente te ver.
— Ela deixou alguma coisa pra mim?
— Deixou, mas não quis dizer o que é. Está dentro daquele envelope pardo ali.
— Você pode me dar?
— O que é?
— Não é nada não, só uma correspondência.
— Quando você tava delirando, falou sobre a Jane e um Heitor. É dele?
— Nem conheço nenhum Heitor. Deixa eu ler.
— Posso saber o que é?
— Não! Não é nada, mãe. Eu... Só queria ficar sozinha um pouco. Por que a senhora não vai lá fora relaxar, tomar um café?
A mãe entregou-lhe o envelope e saiu.
Marina rasgou com dificuldade, mão esquerda e dente. No meio, uma pétala cor-de-rosa.
— Cor-de-rosa... Carinho... Tudo que eu preciso... Parece que ele adivinha...

"Porto, 03 de setembro de 2012.

Minha Amada M,

Como estás? Aqui tudo bem, contando um dia após o outro.

Quando me chamaste de anjo carteiro, senti uma leveza muito boa dentro do peito. Porque é assim que te considero desde que te conheci. Um anjo que apareceu na minha vida, e agora reapareceu para trazer a cada vinte e cinco dias a boa nova. Fiquei muito feliz ao saber que um sonho teu se realizou, capaz de mudar a tua vida. Conta-me o que é. Quero saber mais de ti, para partilhar da tua felicidade.

Também gostaria de contar muita coisa que tenho na minha vida. Muito por que passo hoje, factos complicados de explicar. Quem me dera ter a oportunidade impossível de estar junto a ti, de saber um pouco mais e revelar um tanto de coisas que não posso, simplesmente por serem impossíveis. Não é nada preocupante, mas algo que a cada dia se torna inevitável. Quem sabe um dia, mas não agora.

Esta pétala cor-de-rosa, que tu, mais do que ninguém, sabes o significado, é a tradução do carinho que te posso dar de longe, um pequeno pedaço da paixão que a cada dia sinto pelas tuas palavras. Quem me dera poder te mandar um buquê inteiro, uma rosa de cada cor, que representaria a mistura de sentimentos que preenchem os meus dias. E para agradecer por tudo o que fazes por mim. Hoje, se sou um homem muito melhor, é muito em parte, culpa de cada pequena frase que tu me envias.

Obrigado por tudo!

Certo da tua resposta breve, H".

Revelar um tanto de coisas que não posso... Algo que a cada dia se torna inevitável... Fatos complicados de explicar... Quero que saibas que ainda não te disse nada... — Ela suspirou — Nada tão grave quanto as coisas que EU não posso contar...

A carta de Heitor poderia perfeitamente ter sido escrita por ela própria.

Daquela vez não teria como responder de pronto. O braço engessado adiaría por vinte dias a tarefa. Não gostaria de deixar Heitor sem resposta por tanto tempo, mas também não queria ditar para alguém escrever. A história era apenas dela e dele.

Teria, então, vinte dias para pensar no que escrever. Vinte dias para decidir que rumo tomar na vida. O destino lhe deu pistas de que a história não poderia continuar assim, pois não poderia pedir a ele que mudasse o endereço da caixa postal para uma caixa postal em Paris. O tempo, agora, não era mais seu aliado.

Foi obrigada pelo pai a ir para São Pedro da Serra durante a recuperação. Sem discussão! O lado italiano turrão falou muito mais alto e ele proibiu Dona Ângela de ficar em São Paulo. De modo que Marina pegou Nina e foi para o interior, muito a contragosto.

Por mais que a família fizesse de tudo por ela, foram dias de solidão. Solidão interior. Sua vida daria um giro de cento e oitenta graus em pouquíssimo tempo, mas ela não se sentia tão feliz quanto deveria.

Chorou muito. De dor na mão sob o gesso. De dor no coração por não poder escrever a Heitor. De medo, por não saber se voltaria logo a desenhar. Temeu pelo emprego. Decidiu esconder de René o acidente. Não poderia sequer cogitar a hipótese de desistirem dela.

Um dia, no início da noite, deitada na cama, lia um livro sobre a história do casal Prada-Bertelli. O celular tocou. Era Thaís, com a voz triste e embargada pelo choro.

— O que foi, amiga? Tá tudo bem? — Marina perguntou, preocupada.

— Oi, amiga. É que... Eu queria te contar uma coisa. O Antônio... Eu terminei tudo e...

— Hein? Como assim? Peraí, amiga, conta direito esse negócio. Não tem mais volta? — Marina se ajeitou na cama.

— Ah, não tem mais como continuar. Acho que mereço mais respeito.

— Ele te traiu?

— Não é isso, pelo menos até onde eu saiba. É só que ele me falou um monte de coisas com as quais não concordo de jeito

nenhum. Quer que eu deixe de ser escritora, disse que isso não é coisa pra mim, que eu tenho que parar de sonhar, de viajar e tenho de colocar os pés no chão, arranjar um emprego decente — falou de forma atropelada e em meio a soluços.

— Parar de sonhar? E por acaso alguém tem o direito de se meter no sonho de outra pessoa? Você estuda moda, é ótima filha, tem mil qualidades. E onde tá escrito que ser escritor não é um emprego decente?

— Eu disse pra ele que escrever tá no meu sangue.

— Mas só isso não pode ser motivo, amiga. Você acha que tem mais?

— Ah, sei lá. Ele é ciumento, isso me irrita. Sabe, eu só dei o melhor pela relação. Sei que ele já pisou na bola, e ainda assim relevei. E agora ele vem me mandar deixar de fazer o que eu mais gosto? Ele quer o quê? Que eu seja uma funcionária de repartição, mãe de cinco filhos, envelhecida, que só vai querer saber de cuidar dele? Porra nenhuma! De jeito nenhum! Cansei de brigar.

— Você é linda, não tem que se rebaixar. E pelo tempo que estão juntos não era pra terem esse tipo de conversa. Era pra vocês estarem felizes pela história que têm e planejando muita coisa legal, não acha?

— Pois é, eu nunca reclamei das coisas dele, e agora sou obrigada a ouvir isso? Prefiro ficar sozinha e achar alguém que seja gente boa, tranquilo, animado e me ponha pra cima.

— Olha, você é como eu. Somos novas, temos sonhos que, aos olhos de outros, podem parecer estranhos. E você vai ser uma escritora bem sucedida. Seu livro tá indo muito bem, e logo uma editora fodona vai querer te publicar.

— Deus te ouça.

— E o bolha do Antônio vai ver a mulher que perdeu. Só que, aí, vai ser tarde demais.

— Será que eu vou achar alguém?

— Pronto! Parece uma tal Marina falando... — E deu uma risada, para melhorar o clima. — Vou dizer exatamente o que vocês sempre me disseram: claro que vai achar, você é linda, interessante e blablablá.

— Deus te ouça, de novo.

— Você vai ficar bem?

— Vou tentar.

— Vai sim, né?

— Vou, amiga.

— Aproveita pra escrever um monte. Chora mesmo e depois nunca mais. Dizem que na solidão e na tristeza a gente produz as coisas mais bonitas...

Marina bem sabia disso, porque já estava com a carta pronta na cabeça.

54

Enfim, chegou o dia de tirar o gesso. Ela não aguentava mais o peso no braço, muito menos o peso da demora em responder a Heitor.

Voltou a São Paulo e foi direto ao hospital, na companhia da mãe. O médico desfez o gesso e pediu um raio-x para avaliar a extensão do problema e traçar o diagnóstico. Após o procedimento, as duas voltaram ao consultório com as chapas.

O doutor posicionou sobre a luminária a primeira chapa com a visão superior. Em seguida, a visão lateral. Observou, anotou, enquanto as duas aguardavam. A mão da Marina doía. Estava apreensiva.

— Hum... Ainda não tá cem por cento — disse o médico. Mas não é necessário voltar com o gesso. Você precisa se cuidar, não deve forçar a mão pra nada. Se continuar doendo, volte aqui e a gente imobiliza de novo.

Prescreveu anti-inflamatório e tipoia, explicou os exercícios. Marina estava impaciente para sair dali. Precisava resolver o que já tinha passado, e muito, da hora.

— Mãe, me deixa em casa. Tá tudo bem.

— Você não quer que eu fique mais uns dias?

— De jeito nenhum. Já dei trabalho demais. Vou ficar bem.

Assim que se despediram e a mãe fechou a porta, ela correu para o quarto, pegou o papel e a caneta.

"São Paulo, 09 de outubro de 2012.

Amado H... "

[...]

Não conseguiu escrever. A letra, torta e sem pressão, não saía. Tentou mais um pouco. A dor na mão, resultado das fraturas ainda não cem por cento resolvidas, era enorme. Ligou para Dona Jane, a única pessoa que poderia lhe ajudar.

— Amiga, vem almoçar hoje aqui em casa.

— Por que esse convite assim, tão inesperado?

— Depois te explico.

Quando a amiga chegou, a pizza e a coca-cola já tinham chegado.

— Pizza?

— Foi o melhor que consegui, amiga. Minha mão tá doendo horrores e eu não consigo fazer nada. Preciso da sua ajuda. Toma.

— Papel e caneta? Pra quê?

— Escreve por mim, por favor. Eu dito e você vai. Faça uma letra bonita. Quero que não me julgue, não pense nada. Apenas escreva.

— Manda.

"São Paulo, 09 de outubro de 2012.

Amado H...

Queria primeiro me desculpar pela demora em responder sua última carta. Tive problemas de saúde que me impossibilitaram de escrever. Por isso, não repare na letra um pouco diferente. Estou ditando-a a uma amiga, a única que sabe do nosso reencontro. Espero que não tenha ficado preocupado por eu ter sumido, e já adianto que agora estou bem novamente.

Na última carta, você me perguntou o que me aconteceu e vai mudar minha vida. Gostaria muito de poder compartilhar de um sonho que bateu à minha porta, mas ainda não é hora. Muitas mudanças estão prestes a ocorrer, e sinto que precisaremos

conversar a respeito. Quem sabe um dia lhe conte tudo, sobre tantas coisas que você não sabe, reviravoltas e coincidências que o destino coloca em nossas vidas e, quando vamos ver, estamos envolvidos e sem forças para sair. Talvez coisas das quais nem queiramos mesmo nos desvencilhar.

Da mesma forma, você me disse que há coisas a contar e não pode, algo que a cada dia se torna inevitável. Bom, sei que, mais dia, menos dia, revelaremos a essência de cada um, muito mais do que já sabemos pelo que escrevemos. Palavras, palavras. O tempo nos mudou, sei que não na essência. Mas há muito, sim, a ser dito.

Quem me dera eu pudesse ir até aí, sentar à sua frente e lhe contar todas essas coisas. Sei que você se surpreenderia ao saber quem sou hoje. A Milena que você imagina mudou muito. Da mesma forma, o Heitor que conheço deve ser diferente do que realmente é. Fascinante isso, porque sinto que poderemos ter boas surpresas e esta troca de cartas ainda pode durar muito, muito tempo.

Gosto tanto de você, das suas palavras, que não quero perdê-las nunca.

Saudade, M."

Ao final, Dona Jane fechou a carta e colocou na bolsa para postar assim que voltasse à agência.

— Amiga, manda carta expressa — Marina pediu.

— Vai sair uma fortuna, você sabe.

— É necessário.

Comeram a pizza e Marina evitou tocar no assunto.

Na saída, abraçaram-se.

— Obrigada, amiga. Fico te devendo essa.

— Pois sou eu que te agradeço por confiar em mim e me dar a oportunidade de fazer parte de uma história de amor tão bonita.

Daquela vez, ela não retrucou.

55

Reviravolta em prática, no pouco tempo que restava.

Fisioterapia três vezes por dia em casa e duas por semana na clínica. Um curso rápido de francês pela internet. Horas deitada, com o fone no ouvido escutando a pronúncia do básico da língua e apertando uma pequena bola de borracha.

Começou a desfazer a vida em São Paulo. Comprou malas novas, jogou fora o que não queria, deu roupas e sapatos que não levaria. Leu muito mais sobre o mundo da moda. Sua vida, agora, era resumida por duas coisas em que não podia falhar: Paris e Heitor.

Paris, vencer como profissional.

Heitor, tornar o fim da história o menos doloroso possível.

Ela criou um mundo do qual não podia mais retroceder sem machucar e sem sair machucada. Não conseguiria mais conviver com o peso de tê-lo enganado por tanto tempo. Teria sido muito mais simples se não tivesse aceitado tornar-se seu anjo carteiro. Mas ela bem sabia que as coisas acontecem por obra do destino. Se não tivesse tomado a decisão de entrar na vida de Heitor e Milena, jamais teria Paris. Uma coisa levou à outra. Como uma linha de dominós empilhados. O primeiro dominó a cair, Julia. O último, Heitor.

A pergunta que não parava de se fazer era: *Valeu a pena?* A resposta ela evitava, porque demonstrava um egoísmo sem precedentes em sua vida: *Valeu pra mim, vou pra Paris. Não valerá nunca pra ele, que foi enganado o tempo todo.*

O dia para receber a carta enfim chegou, 29 de outubro. Lembrou Dona Jane disso. Ficou na expectativa. Mas a carta não chegou dia 29. Nem dias 30 e 31. Ela não pensou em outra coisa, não conseguiu focar em nada.

Passou em claro a madrugada do dia 1º de novembro.
Levantou decidida...

Quatro horas de diferença. Seis da manhã em São Paulo, dez no Porto. Ainda no escuro do quarto, entrou na internet e procurou o telefone do Lar de Santa Ana. Digitou zero, zero, e mais três, cinco, um, o código internacional de Portugal. O coração disparou. A mão tremeu como nunca antes. Nove... dois... três... sete números. No visor do celular, o pisca-pisca do cursor ao final da linha de caracteres, que, pela última vez a separava de Heitor, marcava o ritmo da decisão a tomar: *ligo, não ligo, ligo, não ligo... Ele vai me odiar pra sempre! Segurou a mão por um instante entre o "send" e o "end".* Um pequeno "s" capaz de redimir todos os seus erros ou gerar consequências imprevisíveis. Subitamente, lembrou-se que não tinha ensaiado o discurso. Posicionou o celular na diagonal da fraca luz que saía da tela do computador. Em suas mãos, um espelho se formou. Sussurrou: — Oi, meu nome é Marina e eu queria te dizer que você foi enganado esse tempo todo. Eu sou uma insensível, sem noção, que não está nem aí pro sentimento dos outros. Me desculpa por tudo e... — Ela começou a chorar.

E, por fim, pressionou o botão...

56

No final deste dia, Dona Jane entrou em contato.

"Porto, 15 de outubro de 2012.

Minha Amada M,

Achei-te muito misteriosa e enigmática na última carta. Falavas em destino, reviravoltas, surpresas, coincidências, em "não ser a hora"... Há algo que queiras me contar?

Se achares melhor que não nos falemos mais, entenderei. Deixo a decisão nas tuas mãos. Minha vida já foi transformada por ti, o resto não importa mais.

Heitor".

Vinte e três dias para receber uma carta tão lacônica. A primeira que não trouxe pétala. A menor de todas. A única que não terminou com o "*certo de tua resposta breve*". Não mais "H", de novo "Heitor". Algo nele havia sido despertado. Definitivamente, a história chegava numa encruzilhada. Ele jogou a hipótese de acabarem com tudo, a chance que ela precisava. Bastava uma simples carta, sem muitas explicações.

Mas preferiu, mais uma vez, não contar tudo. As consequências ela teria de estar muito mais bem preparada para assumir.

57

Novembro era o mês em que a pequena São Pedro da Serra ficava grande. A tradicional Festa do Figo trazia muita gente da capital e das cidades próximas, durante os finais de semana do mês. Marina não perdia por nada no mundo. Todos os anos corria lá para ajudar a mãe, que montava uma das barracas e vendia os doces mais aguardados da festa.

Daquela vez, convidou as amigas. Dois dias depois, as três solitárias rumaram para o interior.

— Vamos nos acabar no figo!

— Isso! Já que ninguém quer a gente, vamos engordar e voltar rolando!

No meio da noite, ela tomou coragem e chamou as duas no canto.

Francesca chegou animada, um copo de vinho quente na mão:

— Meu Deus, o que é tudo aquilo? Como é que você dispensa um gato como o Fabrízio, menina?

— Eu não te falei que ele era fofo?

— Eu viraria plantadora de tomate com o maior prazer do mundo! E ele me convidou pra vir aqui passar um final de semana com a família dele.

Marina sorriu, feliz pela amiga.

— E você vem?

— Minha filha, se ele quiser eu nem vou embora pra São Paulo! Mando minha mãe despachar a Ciça pra cá e já começo a colher os tomates amanhã.

As três deram risada.

— Você vai conhecer o Honório, o pai do Fabrízio. É uma figura! Vive brigando com meu pai, o melhor amigo dele.

— E quem é aquele Deus que acabou de chegar? — Perguntou Thaís.

— Onde? — Marina quis saber.

— Aquele ali, nossa senhora! — Thaís apontou para um rapaz de bota e chapéu de couro, camisa xadrez, alto, moreno, cabelos encaracolados e olhos verdes, parado na entrada do parque.

O rapaz veio na direção das três. Marina só olhou, quieta.

— Ai, ele tá vindo pra cá — Thaís se aprumou, sem saber onde colocar as mãos.

Ele chegou perto, ajoelhou-se aos pés da Marina e gritou:

— Me leva com você, por favor! Não me deixa! Eu preciso de você, meu amor! Me carrega desse fim de mundo! Eu preciso ser feliz!

Francesca e Thaís não entenderam nada. Entreolharam-se, franziram a testa e sussurraram, juntas:

— Sortuda!

Marina devolveu:

— Cachorro, sem vergonha, me larga! Volta praquela vagabunda!

Ele se levantou, bateu a mão nos joelhos, tirou a poeira, pegou-a no colo e rodaram. As duas, incrédulas, catatônicas.

— Meninas. Esse aqui é o Tiziano, meu irmão.

— Ufa! — Disse Thaís. E começou a piscar os olhos, oferecida.

— Olá, menina um e menina dois — beijou a mão de cada uma.

— Encantada! — Disse Thaís.

— Ah, desculpa. Thaís e Fran, minhas amigas de São Paulo.

— São Paulo? Hum... Sou louco pra morar em São Paulo, mas a amiga de vocês não me quer lá. Não conta pra ela não, mas eu sei que ela é uma bruxa! Por baixo daquela cara bonitinha, mora uma megera! — Sussurrou, com as mãos em forma de concha na boca.

— Nossa, que maldade! Leva seu irmão pra lá, tadinho! — Disse Thaís, embasbacada com a situação.

Marina olhou fundo nos olhos do Tiziano, como que dizendo "nem a pau, tira o olho da minha amiga!". E disse:

— Se ele se comportar, quem sabe um dia eu leve ele pra dar uma volta por lá.

— Bom, meninas, licença que vou ali pegar o doce de figo da minha mãe, que é o melhor do mundo, pra vocês provarem. Já volto. Não sumam, hein?

Thaís arregalou os olhos e sussurrou para as duas:

— Eu não sumo daqui por nada no mundo! Vou me acabar de comer esse doce.

Francesca e Marina começaram a gargalhar. E Thaís:

— Cachorra! Como você tem uma coisa do outro mundo assim na família e nunca contou pra gente? Custava ter dito que seu irmão era essa delícia? E que história é essa de não levar o menino pra São Paulo? Vai levar, sim! Ah, mas vai levar e não é pouco! Se não levar, eu sequestro ele e faço da minha casa o cativeiro.

— E há uma coisa pior, que eu nem contei ainda. Ele é gêmeo.

— E daí? Eu sou virgem.

— Não tô falando de signo, ô lerdessa.

— Ele tem um irmão gêmeo?

— Pois é. E que, por acaso, vem a ser meu irmão também.

— Nossa, em dose dupla? Aí, Fran. Esse tá pra você! Quer ser cunhada da Marina e minha cunhada também?

— Cunhada? — Espantou-se Marina. — Você nem conheceu o menino e já tá fazendo planos? E o outro, o Pedro, vai se casar no final do ano.

— Tudo bem, já tenho o meu preferido — Francesca olhou para Fabrício, que conversava com Tiziano e apontava para as duas.

— Conto com uma boa recomendação sua, amiga — Thaís pegou a mão da Marina e piscou várias vezes, com a cabeça de lado e um sorriso bobo.

— Pelo que conheço do meu irmão, sei que não vou precisar fazer nenhum tipo de recomendação. Aquele ali é fogo!

— Ok, eu topo! Se ele é fogo, eu sou gasolina!

— Marvada!

— Mardita!

Então, Marina emendou:

— Ai, amigas, eu preciso contar uma coisa pra vocês.

— O que foi? Assim você me deixa preocupada — Thaís arregalou os olhos e fechou o semblante.

— Não, pode ficar tranquila. Não é nada grave. Mas é algo que venho fazendo há um tempo.

— Ai, agora eu tô realmente preocupada.

— Bom... — Marina respirou fundo. — Deixa eu contar, então. Vocês se lembram daquele dia em que foram lá em casa almoçar e a Ciça pegou uma carta?

— Hum... Acho que lembro. Uma carta apaixonada e tal, que você trouxe lá do trabalho, né?

— Então, aquela carta era pra mim.

— Pra você?

— É. Quer dizer... Era e não era pra mim.

— Nossa, tô entendendo não! Suspende o doce de figo! Fala, criatura! Era ou não era? Quem mandou?

— Na verdade, não foi uma só. Aquela foi uma de muitas cartas.

— É alguém com quem você se corresponde, então?

— Ahã.

— Ótimo. E não vai apresentar pra gente?

— O problema é que eu não conheço ele.

— Ué, não conhece? E como é que se correspondem, então?

— Ai, gente, é uma longuíssima história — Marina coçou a cabeça e apertou os lábios. — O fato é que a carta caiu nas minhas mãos por acaso e eu resolvi responder, no lugar da pessoa a quem ele tinha enviado. Fiquei com pena, sei lá. Era uma carta tão linda e...

— Peraí — interrompeu Francesca. — Deixa eu ver se entendi direito. Você se corresponde com alguém que não sabe que você é você, e ainda por pena?

— É e não é. Ele sabe quem eu sou pelas coisas que eu falo, mas não faz ideia que eu seja outra pessoa. Ele acha que eu sou uma mulher que ele amou há muitos e muitos anos.

— Muitos e muitos anos? E qual a idade dele?

— Aí é que tá a questão...

— Já sei. Ele é mais velho que você e, de novo, isso é um problema. Tudo bem que o Luca era mais velho também e não deu certo, só que...

— Ele é muito mais velho.

— Muito mais velho que você?

— Sim. Muito mais velho que o Luca até.

— Sério? Amiga, mas como é que você tá fazendo isso? Me diz o que ele tem de tão bom que... Ei, quantos anos?

— Bom... — Marina hesitou por alguns segundos, e falou, baixinho: — Mais de setenta.

Francesca e Thaís ficaram em silêncio, boquiabertas.

— Como? Mais de setenta? Perto de oitenta? — Perguntou Francesca.

— Sei lá se é perto, se é longe. Ai, amigas, eu sei que é estranho, esquisito, complexo, que é...

— Muito foda! — Completou Thaís.

— Muito mais que muito foda! — Corrigiu Francesca. — Foda ao cubo!

— O que deu na sua cabeça oca? Um velho de setenta e tantos anos que nem sabe que você é você? Que ideia mais estúpida é essa? Suspende o doce de figo, tragam uma água com açúcar! — Indignou-se Francesca.

— Eu não sei como cheguei a esse ponto. Confesso que isso me deixa confusa, louca, sem noção. Não quero pensar nele, mas não consigo esquecer as coisas que ele diz e que...

— Só porque é alguém que escreve bem, isso não significa que seja homem pra você, entende? — Thaís deu um grande gole no vinho. — Eu conheço um professor de português que escreve lindamente e tem pelo menos uns quarenta anos a menos que esse aí. Ele mora onde?

— Em Portugal.

— Pirou de vez!

— Definitivamente.

— Ufa, pelo menos tá longe — Thaís olhou para o céu.

— Uma mulher linda que nem você, jovem, cheia de vida, com milhões de homens maravilhosos, inteligentes, da sua idade, que moram no mesmo País, loucos pra casar com você, e... e... ai, não acredito nisso! — Francesca estava realmente muito indignada.

— Nem eu — concordou Thaís. — Vem aqui que eu te apresento um caminhão desse tipo só nessa festa — e tentou puxá-la pelo braço.

— Gente, espera! Eu sei que é loucura, mas ao mesmo tempo é irresistível. A gente se conheceu por acaso, como se fosse obra do destino, e alguma coisa me empurra até ele. Não sei o que é. Acho que preciso conhecê-lo. Algo me diz que isso tem que acontecer, que preciso ir até lá.

— Você é muito romântica, Marina, Deus me livre! — Francesca matou o resto do vinho. — Vai acreditar no destino e ficar com um velho? Ou melhor, cuidar de um velho? Ele precisa é de alguém da idade dele, pra envelhecer junto. Mulher nova que ele precisa é uma enfermeira. Você é enfermeira, por acaso?

— Mas vocês nem o conhecem. Como podem dizer isso?

— E você conhece, por acaso? Não disse que nunca viu a figura? — Perguntou Francesca.

— Conheço o que ele pensa, como enxerga a vida.

— E você acha isso suficiente?

— Não sei, o que você acha?

— Claro que não, de jeito nenhum, nunca! E pior: se ele pensa que fala com outra pessoa, eu acho que você tá enganando ele. Que coisa mais absurda!

— E quando ele olhar pra você, uma menina maravilhosa, vai ter um enfarte e achar que chegou no céu! — Thaís deu uma risada irônica. Fingiu levar o gravador até a boca e completou: — Personagens: um velho solitário e uma jovem linda. Situação: ele enfarta de emoção ao olhar pra linda que se apaixonou por ele. Ela faz curso de enfermagem e joga sua promissora vida fora...

— Eu pensei que vocês iam me apoiar. Esperava pelo menos uma palavra de consolo, não de recriminação.

— Ah, mas tá muito difícil, vou te confessar. Me desculpa, amiga, mas não dá pra aceitar isso — Francesca andava em círculos. — Sou sua amiga, quero te ver feliz, e, se for sua decisão, pode contar comigo. Mas não posso deixar de registrar minha opinião de que isso é a coisa mais sem sentido que já ouvi.

- Bom, também pode contar comigo – interveio Thaís. - Mas concordo com a Fran: você se apaixonar por um homem cinquenta anos mais velho, que não te conhece e mora em outro país? Sinto te

dizer, mas acho que não tá em nenhum capítulo daquele manual do romance romântico.

— Não estou apaixonada, claro que não!

— Tem certeza? — Perguntou Thaís.

Neste momento, Fabrízio e Tiziano chamaram as duas para dançar ao som de canções típicas tocadas por um grupo local.

E Marina ficou sozinha. Restou observar a felicidade das amigas no meio da pista. Foi embora a pé para casa, sob o céu estrelado e o vento suave da madrugada no rosto. Não queria admitir que sentia algo por aquele estranho que nunca tinha visto, nunca tinha tocado. Mas não estava apenas apaixonada pelas palavras? Isso seria suficiente? A opinião das amigas plantou mais dúvidas em sua cabeça. Elas tinham razão? Ela era uma falsa, hipócrita, enganadora? Uma apaixonada, sem noção, a menina sonhadora tocada pelo sentimento do desconhecido? Apaixonada por alguém de carne e osso, ou por uma ideia traduzida por uma simples letra "H"? Era justo ela ter-se apropriado da história da Milena? Traição, o sentimento que abominava, tinha passado a fazer parte de sua vida?

Sentou no banco da praça, quase vazia. O céu estreladíssimo, o vento balançava levemente as árvores, o silêncio só quebrado pelo som que vinha, ao longe, da festa. A cidade inteira estava lá, e parecia que ela era a única pessoa infeliz por ali. Tinha tudo: família perfeita, amigas fiéis, era linda, gostosa, desejada. De malas prontas para Paris, para a vida que sempre sonhou. Aos olhos de outras pessoas, tudo muito fácil. Mas era um conto de fadas que faltava a parte mais importante: o verdadeiro amor. Heitor não era esse verdadeiro amor, não podia ser. Precisava se convencer disso. Impossível que, neste contexto tão perfeito, ele assumisse o lugar que seu coração oferecia.

Imaginou-o sentado lá, sozinho, sonhando com Milena. Não sabia se chorava por ele ou por ela mesma. Talvez fosse mesmo uma megera, hipócrita, insensível. Teve a melhor das intenções ao iniciar a correspondência, mas não podia prever que chegaria a sentir tamanho vazio na alma. Sentiu-se egoísta, por ter entrado de cabeça numa história que não lhe pertencia.

Convenceu-se, enfim, que terminaria tudo, por mais doloroso que fosse a ambas as partes.

Chega de errar.

58

Dentro do carro, na volta para São Paulo, as duas contaram como tinha sido a noite, empolgadas com o que parecia o início de dois namoros promissores. Thaís não parava de chamar Marina de "cunhadinha", e Francesca dizia que aprenderia tudo sobre tomates o mais rápido possível. Ninguém tocou no assunto "Heitor".

A semana foi de ajustes na vida que agora deixava para trás. Sua mãe foi a São Paulo ajudar a reorganizar tudo. Tiziano foi também, mas estava muito mais atrapalhando que ajudando. De tal forma que Marina mandou Thaís grudar nele e apresentar a cidade.

Encerrou o contrato de aluguel. Comprou um *laptop*, vendeu os últimos móveis que não teriam mais serventia. Doou o computador para o porteiro e seu pai pagou o caminhão de mudança que levaria o restante para a casa do interior. Pediu que o pai deixasse apenas o quadro do Caval Lusitano e das rosas pendurado na parede. O pai não entendeu, mas estava preocupado com o resto da mudança o suficiente para não se importar.

Otavinho ajudou a empacotar as coisas, visivelmente triste, e ela aceitou, enfim, que ele fizesse o café que a avó tinha ensinado.

— Vou sentir saudade das suas cantadas — ela disse.

— Eu também. É como diria Bob: "Saudade é um sentimento que, quando não cabe no coração, escorre pelos olhos".

— Dylan ou Esponja?

— Marley.

Ela sorriu.

— Você é uma figuraça, sabia? E como tá a namorada?

— Tá ótima. Tô apaixonado. Não é uma coroa linda que nem você, mas é da resposta.

— Você vai longe. Seu café é ótimo e você é muito engraçado.

— Você acha? — Ele forçou o tórax.

— Muito mesmo. Vou te contar um segredo pra vida: mulher gosta é de homem engraçado e romântico. Nunca perca essa veia e

você vai longe.

Então, beijou a mão e assoprou. Ele simulou uma ponte, agarrou o beijo e o colocou dentro da boca.

Marina instalou-se em um hotel, pelos poucos dias necessários para finalizar tudo e ir embora de vez. Passou na agência dos Correios para a festa de despedida preparada pelos colegas. Todos sabiam que perderam uma ótima funcionária, mas, ao mesmo tempo, torciam por seu sucesso. Dona Jane fez um discurso triste de despedida, e não conseguiu conter o choro. Marina também não conseguiu, e prometeu que os visitaria sempre que voltasse a São Paulo.

Saiu de lá e foi tomar seu último descafeinado com Seu Patrício. Obrigou-o a tirar o avental, passar para o lado oposto do balcão e sentar-se à mesa. Foi até a cozinha, pegou dois *croissants*, *montou* no prato e serviu. Contou a ele o que ele já sabia.

- Se algum dia resolver encontrar-se com ele... Boa sorte, minha menina! Você merece muito ser feliz!

Na noite deste mesmo dia, disse para a mãe que precisava espairecer e encontraria algumas amigas num bar. Foi ao lugar que tinha sido seu refúgio pelos últimos quase três anos. No apartamento vazio, ela tirou o único quadro da parede. Sentou-se no chão da sala e o colocou a seu lado, encostou-se na parede e começou a pensar sobre a carta definitiva. Abriu uma garrafa de vinho e tomou quase metade num gole só, no gargalo. O corpo estremeceu. Deixou-se olhar para o nada, o vazio e silêncio absolutos de seu outrora cantinho, com os olhos fixos.

Quando terminou de tomar a garrafa, lágrima nos olhos, pegou um papel e começou a escrever. A dor na mão era lancinante, mas ela suportou, em nome de resolver de uma vez por todas aquilo:

"São Paulo, 16 de novembro de 2012.

Amado H,

Inicio esta carta com a frase que resume nossa história: "Quero que saibas que ainda não te disse nada..."

Digo isso porque ela tem a ver com uma coisa que talvez você não vá entender, mas que preciso contar: EU é que ainda não te disse nada!

Protelei demais por medo, insegurança, por não saber como dizer. Ou talvez até porque quisesse viver um pouco mais de uma história que não me pertencia, mas que me envolveu de tal maneira que não consegui deixar de lado. Hoje, é uma história que, sim, me pertence!

A Milena nunca lhe escreveu carta alguma. Um parente seu contratou uma empresa (Isso mesmo, uma empresa!) para se corresponder com você como se fosse ela, talvez porque soubesse que você gostaria. Não sei quem foi e não me pergunte as razões, porque não tem nenhuma importância agora. O fato é que, por obra do destino, sua primeira resposta caiu em minhas mãos.

Meu nome é Marina Albertini, tenho vinte e cinco anos. Não quero que fique assustado, e tenho certeza que, neste momento, você vai me odiar por ter-lhe enganado todo esse tempo. Mas saiba que suas palavras de ternura pela Milena me prenderam, me levaram a fazer algo que jamais imaginei: passar-me por outra pessoa.

O fato de termos nos encontrado e nos correspondido por esse tempo teve um sentido muito mais forte que eu jamais poderia esperar. Conheci um homem maravilhoso, cheio de ternura, de paixão. A vida que você leva, por estar no lugar onde está, supostamente teria de ser difícil, sofrida, triste. Mas o que li neste tempo todo foi uma força impressionante, impulsionada pelo amor que você tem por uma mulher. Aprendi como o amor é capaz de morar no coração de uma pessoa. Com o tempo, o que me parecia era que não falávamos como se fôssemos Milena e Heitor. Parecia

que tínhamos acabado de nos conhecer, e não uma história que sobreviveu ao tempo. Eu, Marina, era e não era Milena.

Se ela soubesse de tudo o que você sente e já sentiu por ela, tenho certeza de que ficaria muito feliz, e se eu pudesse encontrá-la seria testemunha desse amor incondicional.

Só que hoje eu...

Parou. A dor absurda na mão inchada e a falta de convicção impediam que continuasse. Releu o que tinha acabado de escrever. Amassou, rasgou tudo. Picou em muitos pedaços. Não tinha escrito a carta para Heitor, mas para ela mesma. Eram coisas que precisava ouvir, precisava que alguém dissesse. Mas quem? Não podia escrever para ele, revelar tudo de forma tão fria. Decidiu olhar nos olhos de Heitor e contar tudo. Talvez ele sentisse que, mesmo tendo sido enganado, tinha conseguido, com suas singelas palavras de amor por alguém distante, conquistar o coração e o respeito de uma pessoa.

Deitou sobre o chão frio e, em pouco tempo, o sono venceu. Às três da manhã foi acordada pelo celular. Sua mãe queria saber se estava tudo bem.

Marina, então, pegou o quadro e foi embora. Deixou para trás, enfim, o que restava de sua vida em São Paulo.

59

No dia seguinte, foi cedo a um *cyber café* e, triste, postou o réquiem de seu blog. Matéria longa, sobre a mudança para Paris. Explicou às leitoras sobre a impossibilidade de continuar a manter tudo com qualidade. Colocou fotos da empresa, publicou o desenho que tinha mudado sua história. Deu por encerradas as atividades de seu "À Moda de Marina".

Por fim, decidiu iniciar sua nova vida sem qualquer tipo de pendência. Para tornar-se a Marina estilista famosa que conquistaria o mundo e conheceria o amor com quem compartilhar de seu sucesso, sem ser julgada por ninguém. Foi até a agência de turismo onde a Gus&John tinha marcado a passagem para Paris.

Antecipou o embarque e saiu de lá com o bilhete que mudaria para sempre sua vida: a passagem São Paulo/Lisboa/Porto/Paris.

60

No dia anterior ao voo, as duas amigas prepararam uma despedida surpresa. Na casa da Francesca, as três e a Ciça.

— Ciça, eu quero te dar um presente — Marina disse, o coração apertado.

Sentou no tapete e explicou para a Ciça como cuidar de um peixe Beta, lembrou que ela não devia bater no vidro. Nina ficaria em boas mãos, disse ela tinha certeza.

Prepararam risoto de tomate seco, rúcula e mussarela de búfala. Receita da internet. Primeira vez, mas ficou muito próximo do que seria um risoto de verdade. Abriram garrafas de espumante. *Petit gâteau* de sobremesa.

De madrugada, eram as três sentadas no tapete da sala, falando mil vezes a palavra, fazendo biquinho e se abrindo de rir:

— Petigatô!

— Deve ser algo como "pequeno gato". Isso é um sinal, amiga — profetizou a Thaís.

— Sinal de quê?

— De que você vai conhecer um petigatô lindo. Cadê meu gravador? Eu preciso gravar isso... Petigatô — Thaís rolou no chão de tanto rir. — Um brinde! — gritou.

— Pumba! — devolveu Francesca.

— Pumba! — gritaram as outras duas.

— Vocês são demais, mesmo! Não tenho como agradecer a amizade e tudo o que fizeram por mim esses anos todos.

— Tá achando que é assim? Só agradecer? — Francesca se fez de indignada. — Nem a pau! Assim que se instalar, vai preparar o cafofo lá e receber a gente pra umas férias. Ou você acha que vai pra Paris e deixar as pobres aqui?

— Que pobres o quê? Vocês duas tão encaminhadas. O Fabrizio e o Tiziano são dois homens lindos, e vocês é que são sortudas.

— Sortudas? Olha quem fala! Quer tomar um cascudo, por acaso? — Francesca fechou a mão e apontou para ela.

— Bom, eu não tenho meu amor ainda que nem vocês e...

— Opa, sem lamentações, por favor! Você agora é poderosa, contratada de grife francesa, minha filha!

— Ah, quem me dera fosse simples assim! Nem francês eu sei falar direito. As aulas que fiz dão pra me virar só no básico. Como é que vou cair na cantada de alguém?

— E, por acaso, cantada tem nacionalidade? Pelo olhar dá pra entender as intenções. Homem pensa tudo igual, no mundo inteiro. Pode ser cambojano, alemão ou chinês — filosofou Francesca.

— Tem razão, mas não quero pensar nisso agora. Tenho que me concentrar no trabalho e fazer direito as coisas. Senão, me mandam de volta pra cá em dois tempos.

— Ah, disso eu duvido! Você não volta nunca mais — gritou Thaís. — Agora é só de lá até mais pra lá ainda.

— Concordo! — Francesca aplaudiu.

Marina sabia que elas estavam certas.

Foi uma noite perfeita. Até que Marina decretou que era chegada a hora de ir.

— Amanhã é o dia. Ou melhor, hoje é o dia! Vou sentir saudade, amigas.

— Nós também, cunhadinha.

E as três se abraçaram, em meio às lágrimas.

— Meninas, não quero que vocês apareçam no aeroporto, tudo bem? Não quero mais choro.

As duas concordaram, resignadas.

Marina não queria que soubessem da escala que decidira fazer.

61

O pai, a mãe e os irmãos foram ao aeroporto. Marina de calça jeans, casaco de couro, mochila nas costas. Segurava o quadro do cavalo com as rosas, embalado em papel vegetal.

— Pra quê levar esse quadro? — Perguntou a mãe. — Tá indo pra Paris, a terra das artes. Lá você compra uma réplica da Mona Lisa, baratinho, filha.

— Vou dar de presente pra alguém.

Tiziano não perdeu a chance e transformou o saguão do aeroporto em palco, para desespero do Pedro:

— Me leva com você, por favor! Não me deixa! Eu preciso de você, meu amor! Me carrega desse fim de mundo! Eu preciso ser feliz na Europa!

— Deixa de ser tonto! Cuida da minha amiga, hein? Senão eu te encho de porrada quando voltar. E levanta do chão! — Marina devolveu.

— Deixa comigo — Tiziano se aprumou, limpou a calça e bateu continência.

— Se cuida, mana. Não vai confiar em todo mundo, viu? Quando chegar lá, ajeita logo o computador pra gente se falar sempre — aconselhou Pedro, muito mais sério.

— Pode deixar.

— E te espero pro meu casamento. Se você não vier, não vai ter. Eu mando cancelar tudo.

— Esse eu não perco por nada no mundo.

— Te amo.

— Eu também amo vocês, demais.

Quando chamaram o voo 1280, São Paulo/Lisboa, e Marina disse que era chegada a hora, os quatro se olharam, perdidos, sem entender nada.

— Pai, mãe, preciso resolver uma coisa em Portugal antes de seguir até Paris.

- *É? Ma che cosa, amore mio?* — Perguntou Seu Fortunato.
- Nada não, pai. Vai ficar tudo bem.
- Tem certeza, filha? Tá tudo bem? Não me deixa preocupada agora — a mãe disse, com o semblante fechado.
- Tenho, sim. Vai ficar tudo bem. Confiem em mim.

62

O voo atravessou o Atlântico e a noite, durante nove horas.

Nove horas para pensar em desistir, para construir na mente todo o roteiro do encontro com Heitor. Para morrer de medo do que ele poderia dizer, medo de magoá-lo. Morrer de medo de Paris, medo de fracassar, de sua nova vida não ser nada daquilo que sempre sonhou, de não corresponder às expectativas da Gus&John.

Mas também nove horas para sonhar, para se encher de coragem, para entender o que estava acontecendo na sua vida. Para desenhar o encontro com Heitor, contar a ele quem ela era, pedir desculpas por tudo. Ou dizer a ele todas as coisas que teve vontade e não disse. Para se tornar a Marina estilista que sempre sonhou em ser.

Durante nove horas, Marina releu todas as cartas que tinha recebido. Não queria deixar escapar detalhe algum da história.

Depois de aterrissar no Aeroporto da Portela, esperou uma hora pela conexão até a cidade do Porto. Depois de mais meia hora, enfim, ela chegou ao destino. Fechou os olhos e disse para si mesma: — Agora é só com você, Marina Albertini.

Comprou rosas na floricultura do aeroporto. Foi até a agência de aluguel de carros e pegou um Peugeot básico por trinta euros. Teria apenas duas horas até o horário de embarque para Paris, a conta exata para dizer tudo e voltar a tempo de não perder o voo.

Digitou, no GPS, o endereço do Lar de Santa Ana.

63

Quando o carro despontou no alto da estrada, na beira do vale onde ficava Santa Ana, Marina impressionou-se com a beleza do lugar. Fazia frio. Uma névoa fina cobria parte do cenário, e o sol fraco sob o céu azul iluminava tudo com uma luz suave e reconfortante. Uma casa grande, velha, de pedra, janelões virados para o norte. Parecia ter trezentos anos, mas resistente ao tempo e muito sólida.

Ao contrário da impressão que teve pelas fotos na internet, não achou um lugar tão triste. Tranquilizou-se, ao imaginar que a solidão ali poderia não ser tão cortante.

Parou o Peugeot na entrada da estradinha de cascalho que levava até o portão principal do lugar. Hesitou pela última vez. Se quisesse desistir, ali era o limite. Mordeu os lábios e acelerou o veículo. Se pensasse demais não conseguiria organizar as ideias corretas e enfrentar a situação.

Já cheguei até aqui, agora não volto mais.

Estacionou, pegou as flores, o quadro e a bolsa que continha todas as cartas. No trajeto, não viu nenhuma roseira das que Heitor tinha descrito, mas deixou para lá. Foi até a recepção, não havia ninguém no balcão. Sentou numa poltrona lateral, com o buquê nas mãos. Encolheu-se entre as pernas. A ansiedade parecia que ia desmontá-la, capaz de fazer o coração saltar pela boca. As mãos tremiam.

Após três minutos, apareceu uma senhora gorda e de bochechas rosadas. Marina se levantou.

— Bom dia — disse a senhora.

— Bom dia. Hum... Eu sou da parte da senhora Milena, do Brasil, e vim procurar uma pessoa que mora aqui.

— Tudo bem. Qual o nome do interno?

— Heitor de Alencastre.

— Heitor... Heitor... Deixe-me consultar aqui. Um minutinho só.

A senhora pegou uma lista e passou a examiná-la. Olhou para Marina, que batucava, impaciente, os dedos sobre o balcão. Voltou a olhar, levantou e abaixou as folhas. Até que falou:

— Olhe, o seu Heitor não está mais aqui.

— Não? Como não?

— Sinto muito, mas ele não reside mais aqui na casa de repouso.

— Tem certeza?

— Bom, desculpe-me dizer assim, mas o Sr. Heitor faleceu.

Marina arregalou os olhos.

— ãhn?

— Permita-me voltar a conferir, mas, ao que parece, está certo.

— Mas... Mas... Olha mais uma vez, por favor! Não é possível isso!

O coração disparou. A senhora continuou:

— Está aqui, veja — e mostrou a certidão de óbito.

Marina, então, com a certidão nas mãos, sentiu uma enorme tontura. Deixou cair o quadro e as flores, quando leu a data da morte...

64

— Bom dia.

— Bom dia.

— Hum... Deixe-me ver... Hoje acho que vou levar daquela amarela clara.

— Amarela... Felicidade... – A florista deu um sorriso. - Uma das últimas cores que o senhor não levou. A quantidade de sempre?

— Sim, apenas uma...

65

24 de fevereiro de 2012.

A data da morte de Heitor, estampada na certidão, foi capaz de inseri-la no meio de um filme louco, sem pé nem cabeça, fazendo dela a personagem que não entendia o roteiro, não compreendia as falas, não sabia onde começava nem em que momento terminava cada cena.

— Mas... Não é possível isso! Ele tá vivo, eu sei que tá.

Converso com ele, sei de tudo o que se passa aqui, e... e...

— Olhe, minha querida, sei que deve ser difícil receber este tipo de notícia, mas é a mais pura verdade.

Marina, então, pegou o maço de cartas e conferiu a data da primeira escrita por Heitor: 5 de março de 2012.

Nove dias... Entre a primeira carta e a morte.

Nove dias! Quem escreveu as outras? O que é tudo isso? Quem... O que... Como? Sentou no chão, encostou as costas no balcão, encolheu as pernas, voltou a olhar a certidão. Uma frase repetiu-se muitas vezes em sua mente: O que eu tô fazendo aqui, meu Deus?

— O que eu tô fazendo aqui? — Ela perguntou, chorando, para si mesma.

— Está tudo bem? — Perguntou a senhora.

— Tá... Quer dizer... Não tá.

— Quer um copo com água?

— Não! Eu quero saber alguma informação que...

Então, Marina passou a abrir freneticamente todas as cartas. Passava os olhos, amassava, jogava para o lado à procura de pistas. Uma pilha que constituía uma história tão incrível quanto frágil. Até que encontrou um nome: Lourenço. O único que Heitor, ou quem quer que fosse, tinha citado.

— A senhora conhece algum Lourenço?

— Lourenço... Lourenço...

— Me parece que é uma pessoa que vem aqui, que ajuda, sei lá
— Marina atropelava as palavras.

— Bom, tem um que vem às vezes. Pode ser quem você procura. Temos voluntários, pessoas que fazem trabalho social, conversam com os idosos, trazem conforto. Uns cantam, outros tocam, outros apenas conversam e...

— Isso, isso. Ele toca violão. Onde ele mora? Ele tá aqui hoje?

— Ah, não, minha querida. Ele vem só de vez em quando. Mas temos os endereços dos voluntários. Deixe-me dar uma olhada.

A senhora, então, escreveu o endereço num papel. O tempo era curto. Precisava correr.

Entrou no carro, digitou o endereço no GPS e saiu em disparada, levantando poeira.

66

O GPS indicava a distância de treze quilômetros entre Santa Ana e o endereço fornecido: Vila Nova de Gaia, à margem esquerda da foz do rio Douro. Separada da cidade do Porto apenas pela ponte Luís I.

O Peugeot atravessou a ponte à toda velocidade e percorreu um belíssimo cenário, diferente de tudo o que ela poderia ter visto até ali. Mas nem prestou atenção ao que estava à sua volta. Sentia tonturas, ofegante, confusa. Precisava descobrir o que tinha se passado, e Lourenço talvez fosse a única pessoa capaz de desvendar o mistério.

Quando o GPS indicou o fim do percurso, o carro passou sob um portal de madeira com o emblema de dois coelhos de perfil, em pé, um de frente para o outro, e o nome "Caves Souza & Porto". O lugar era lindo, e ela, enfim, começou a prestar atenção. Seguiu em frente, determinada a esclarecer tudo e voltar o mais depressa ao aeroporto.

Ao estacionar, foi recebida por um senhor gordo, de espesso bigode, garrafa de vinho do Porto nas mãos e um enorme sorriso, talvez pela presença de uma mulher tão bonita.

— Seja bem-vinda à Souza & Porto, senhora! Gomes, às suas ordens. Veio conhecer a nossa cave?

— Bom dia, senhor Gomes. Procuro uma pessoa. O nome dele é Lourenço. O senhor o conhece?

— Ah, o senhor Lourenço! Sempre atarefado! Acabou de chegar da cidade, e já foi dar uma olhadinha nas Malvasias.

— Malvasias?

— Uvas para o Porto Branco.

— Ah... Ele volta logo?

— Às vezes demora, às vezes aparece rápido. Sabe como é, não? Ele é o dono disto tudo aqui, é do tipo que, cuida mesmo dos negócios. Mas foi a cavalo e não deve demorar. Deseja experimentar

um cálice da nossa especialidade enquanto isso? Se quiser, mostro para a senhora o nosso galpão de pipas de carvalho.

Ela olhou para o relógio no pulso.

— Ähn... Tudo bem. Mas será que ele não demora mesmo?

— Homem imprevisível aquele. Muitas vezes desaparece.

— Eu sei, mas é que é importante e eu tenho um voo. Não tem como tentar pedir pra alguém chamá-lo.

O gordo Gomes bateu na barriga, coçou o bigode e olhou para ela firme. Gritou:

— Joaquim! Ó Joaquim!

O menino chegou correndo.

— Vai rápido até às Malvasias e chama o teu patrão. Parece-me que temos alguém aqui que precisa tirar o pai da força.

Marina agradeceu. Passou a bebericar o vinho e a olhar o belo lugar. Um enorme galpão, dentro uma série de fileiras de tonéis, pra mais de cinco metros de altura. Empregados rolavam pipas de um lado para o outro, outros provavam, olhavam o cálice contra a luz e anotavam as impressões em pranchetas. A temperatura fria servia para fermentar a uva na temperatura e sabor corretos, segundo as explicações de Gomes. Explicações que ela mal prestou atenção, até se impacientar. O tempo livre antes de voltar ao aeroporto estava quase no fim.

— Olha, Gomes. Acho que vou ter que ir embora. Meu voo é...

— Não demora nem um segundo. Está atrás da senhora.

Então, uma voz rouca e grave veio por trás de suas costas:

— Olá.

Quando Marina se virou, tomou um susto. Ficou tão impressionada com a beleza dele que as palavras não vieram. Ele se aproximou, segurava um cavalo pelo arreio. O Cavalo Lusitano, que ela tinha visto tantas vezes por foto.

Cabelos pretos, corte rente, sobrancelhas grossas, olhos castanhos claros. Mais alto que ela, camisa branca colada ao peito forte, muito bem desenhado, calça jeans dobrada na altura das canelas. Vestia bota de couro e trazia as mãos sujas. Limpou-as num pano branco. E disse:

— Desculpe-me os trajés, mas não esperava uma visita a esta hora. Muito prazer, Henrique de Lourenço! — Ele sorriu, olhou fundo em seus olhos por instantes que, para ela, duraram a eternidade. Estendeu a mão.

Tocaram-se.

O coração de Marina disparou.

Sentiu um choque no peito.

Ele segurou firme, mas com delicadeza, as mãos trêmulas dela.

— Meu nome é Marina Albertini, e venho do Brasil — ela desviou o olhar. — Da parte da senhora Milena, amiga do senhor Heitor, que vivia lá na Santa Ana. Sou amiga dela e...

— Milena?

— Sim.

Ele franziu a testa. Soltaram-se as mãos.

— Quer dar uma volta? — Sugeriu.

— Tudo bem.

Ele passou o cavalo para o Gomes, deu dois tapinhas no pescoço do animal e virou-se para ela. Os dois andaram até fora do galpão e um cenário lindíssimo se descortinou à frente da Marina. Um vale coberto de parreiras. O rio Douro ladeava as terras. Sentaram-se à mesa embaixo da oliveira que dava grande sombra. Gomes trouxe dois cálices de vinho. Marina tomou a palavra:

— Olha, eu não tenho muito tempo. Preciso pegar um avião pra Paris, e quero só tirar algumas dúvidas sobre algo que não estou entendendo.

— Sim, pode falar.

— A senhora Milena se correspondeu durante quase um ano com o Heitor e...

— Conhece-a bem?

— Posso dizer que sim. Eu estava em Portugal e, a pedido dela, vim trazer algumas palavras pro Heitor. Só que descobri, lá em Santa Ana, que ele morreu nove dias depois de escrever a primeira carta pra ela. Você sabe o que houve?

— E por que veio aqui me procurar?

— Ele, ou melhor, quem escreveu, mencionou o nome "Lourenço" em uma das cartas. Disse que eram amigos, que ia lá

ajudar, tocava violão e cantava pra ele. Não conheço nenhum outro nome que possa esclarecer. Uma senhora lá de Santa Ana disse que o único Lourenço que vai lá é você — Marina falava quase sem respirar entre as frases. — Queria só saber se você sabe quem responde as cartas.

Lourenço parecia assustado, desconfortável com tudo o que ela dizia. Levantou-se, ficou de costas, olhou para o vale, em silêncio por alguns segundos. Então, respirou fundo e disse:

— Fui eu quem escreveu as cartas.

Marina fechou os olhos, o mundo parecia ter aberto sob seus pés.

— Como?

Ele se virou.

— Ele me pediu que as escrevesse.

— Mas... Você? Como assim? Pediu por quê?

Marina sentiu uma forte tontura e um nó na garganta.

— O Heitor era meu amigo. Conhecemo-nos há alguns anos. Dei-lhe emprego aqui na cave. Mas uma doença no pulmão o impediu que continuasse a trabalhar. E estava muito doente quando recebeu a carta da Milena. Aquilo foi o sopro de vida no que ainda restava de alegria dentro dele. Os poucos parentes que ainda podiam visitá-lo nunca apareciam. E ele chamou-me ao hospital, mostrou-me a carta e pediu que eu escrevesse. Apenas escrevi o que ele ditou.

— Você assumiu o lugar dele pra falar com ela? Foi isso?

— O próprio Heitor pediu que nunca deixasse que ela soubesse que ele estava mal. E que, se ele morresse, não era para eu deixá-la saber disso, nunca. Perguntou-me se eu poderia dar continuidade à correspondência. Não contou para ninguém além de mim e... Eu imagino o que ele tenha sentido, porque também já perdi alguém. Minha mulher morreu há cinco anos. O período do meu luto já passou, mas minha solidão foi autoimposta. A dele, obrigada. Quando ele morreu, passei a responder. Aceitei a missão sem questionar.

— Quantos anos ele tinha?

— Oitenta e um.

Marina se assustou.

— Oitenta e um? E... Ele tinha parentes no Brasil, não?

— Apenas uma filha, que não conseguiu aparecer a tempo para o funeral. Muito triste. Poucos amigos apareceram.

Marina ouvia a tudo incrédula, o coração a mil. Uma lágrima escorreu de seus olhos. Lourenço estava de cabeça baixa. Ela enxugou o rosto e perguntou, desolada:

— E você escreveu esse tempo todo à Milena e não imaginou que pudesse magoá-la?

— Nunca imaginei nada. Apenas cumpri a promessa que fiz a um amigo. Eu nem imaginei que pudesse um dia ter contacto com alguma pessoa ligada a ela e...

— Mas... Mas... E as cartas? Como você fazia pra pegar as que ela mandava? — Zonza, perguntava sem bem ouvir o que ele respondia.

— Um funcionário de Santa Ana. Pago-lhe para ele separar e entregar-mas.

— Mas como você sabia tudo sobre a história dos dois? O que ele disse a respeito dela?

— Contou-me muita coisa, mas acho que não tudo. Disse-me que a Milena tinha sido o grande amor da sua vida, que era bem mais nova que ele. Mostrou-me a única carta que chegaram a trocar, que ele lia sempre. Ela dizia que ele seria para sempre o seu grande amor, mesmo diante da impossibilidade de terem ficado juntos.

— E por que os dois não ficaram juntos?

— Não sei detalhes. Apenas que ela foi para a Europa. O pai pagou-lhe os estudos, inseriu-a num outro mundo. Eles perderam o contacto, nunca mais se viram.

Com os olhos cheios, Marina ficou de costas, olhava para o vale. E continuou, desanimada:

— E as rosas que você mandava? Não eram de uma roseira de Santa Ana, pelo visto.

— Eu as comprava numa floricultura perto daqui.

Marina apertou os olhos, o nó na garganta apertou junto. Decepção, esta era a palavra. E Henrique continuou:

— Heitor disse-me que as rosas foram o motivo da separação entre os dois. Achei que talvez, agora, pudesse ser o motivo da união das suas almas.

— Você sabia o que significavam? Como mandava a pétala certa na hora certa?

— Tive que aprender, pela Milena.

Quero que saibas que ainda não te disse nada... A frase da canção, enfim, fez todo o sentido.

— Muito do que você disse nas cartas foi inventado, então... — Marina perguntou isso francamente decepcionada, enxugou as lágrimas e virou-se para ele.

— Eu não sabia tudo, mas não inventei nada. Ele queria que eu fosse carinhoso, que dissesse muitas palavras belas que a fizessem feliz. Era o seu último desejo, por ela tê-lo feito feliz na juventude e novamente ali, no final da vida.

— Suas palavras foram falsas? Você só disse as coisas que disse porque ele pediu? Decorou frases, escreveu friamente, então...

— Não. Quer dizer, no início, sim. Mas com o tempo passei a dizer o que eu mesmo pensava. Eram palavras minhas, não palavras do Heitor.

— Você passou a sentir alguma coisa pela Milena? Você se apaixonou por ela?

— Comecei a me encantar pelo jeito e pelas coisas que ela escrevia, as palavras, a doçura. Uma paixão tão bela, tão sincera! Uma pessoa que transborda sensibilidade como poucas que conheci. Acho muito bonito o jeito dela se expressar. Mas não sei o que é esse sentimento. E neguei todo o tempo por causa de Heitor. Pensei em desistir, mas algo dizia-me para continuar. Algo muito mais forte que a minha convicção de saber que estava enganando-a. Como se alguém, inconscientemente, dissesse-me para continuar, independentemente de tudo. Apostei no destino, só isso.

— Mas ela é uma senhora, mais velha do que você e...

— Eu sei que seria impensável, ninguém entenderia. Não contei a ninguém, não tive coragem, porque não queria ouvir coisas do tipo "tu estás maluco". E eu também não entendo, ainda, o que é o sentimento de se encantar pelas palavras de alguém. Sigo a minha

vida e continuo a gostar muito de ler o que ela escreve, porque é fascinante.

— Desculpa te perguntar, mas você chegou a tentar encontrá-la?

— Já pensei muito nisso. Mas não consegui.

— Por que não?

— Porque não queria magoá-la. Por tudo se tratar de uma mentira. Não tive coragem de acabar com uma história tão bela. Eu sabia que ela estava feliz por conversar com Heitor, e isso bastava.

— Você não contaria nunca?

— Não sei. Se ficasse insustentável, eu daria um jeito e teria o maior cuidado do mundo.

— E como conseguiria encontrá-la? Você acha que seria fácil?

— Sei que não. Mas não seria impossível. O Heitor disse-me o nome de solteira dela. Hoje em dia, há como achar qualquer pessoa no planeta, se assim se desejar. A Internet, o telefone da agência dos correios no Brasil, talvez. Não sei, estou confuso. Olhe, o Heitor estava a delirar quando me pediu tudo. E eu não podia perguntar a ela coisas que Heitor deveria saber. Ela perceberia que não era ele. Então passei apenas a cumprir meu papel.

— Foi um papel, então... — Marina não conseguiu esconder a tristeza e o desapontamento naquela pergunta.

— Não, jamais! Como lhe disse, foi um papel que no início representei, mas que passou a significar muito para mim. Hoje, não é mais um papel.

— E o que as palavras dela te diziam?

— Após um tempo, sem que eu forçasse a isso, as cartas deixaram de falar sobre a história de ambos, mas de uma história atual. Como se fosse minha e dela. E eu percebi na Milena uma mulher que tem um sentimento vivo, uma vida inteira de sonhos passados e ainda muitos pela frente. É uma mulher, um ser humano maravilhoso. Virou a minha confidente, eu o confidente dela.

— Por isso você passou a assinar como "H"? "H" de Henrique, e não de Heitor?

— Acho que sim, não sei. Ela mudou pra "M" e eu acompanhei. Eu quis isso e gostava de assinar com o "H" que fosse do verdadeiro

remetente, porque sentia que não estava enganando-a tanto. Estou confuso agora.

— E você pensou alguma vez que não era justo, quando lembrava que ela se correspondia com alguém que não existia?

— Por isso numa das cartas pedi para não nos encontrarmos pessoalmente.

— E se fosse com você? Se ela não existisse? Se você ficasse tanto tempo se correspondendo com alguém e depois descobrisse que tudo era mentira, o que acharia disso?

— Veja, eu sei que ela vai me odiar quando souber. Sei que falhei, mas eu me envolvi pela história e, quando percebi, era tarde demais. Mais dia, menos dia, eu contaria tudo.

Marina tinha feito exatamente a mesma coisa, mas estava muito atordoada para admitir. E perguntou, exaltada:

— Você acha justo mexer com o sentimento das pessoas?

— Bem sabes que não foi isso o que fiz.

— Tem certeza?

— Diga-me uma coisa... Desde quando generosidade é pecado? Apenas tive consideração...

— Ah, tá bom... Consideração! Parabéns! E pensou que seria fácil se esconder por tanto tempo?

— Cumpri o prometido, nada mais. Não o fiz por mal.

— Olha, saiba você que... — Ela se segurou para não chorar na frente dele. — Não vai mais ter carta nenhuma, de ninguém pra ninguém...

Henrique recuou, espantado.

— Compreendo, dou-lhe inteira razão, mas... Você tem o telefone de onde ela está? Não é justo que não seja eu a dizer o que aconteceu. Preciso de contar-lhe o que Heitor sentia, dizer os meus sentimentos, desculpar-me por tudo. Não posso fazer isto por carta, não seria justo. Por favor!

— Não posso fazer isso, infelizmente não tenho como.

— Por quê?

— Porque a Milena... Ela... Eu... Ela não é... Ah, esquece... — Não foi capaz de segurar as lágrimas. Não conseguiu coordenar as ideias, atordoada e decepcionada demais para contar a verdade.

— Isto não está certo. Você vem aqui, enche-me de perguntas e não me revela nada. Acha justo? Aliás, nas últimas cartas ela disse que tinha coisas a me contar, que tinha mudado e não era a mesma pessoa de antes. Falava em reviravoltas, surpresas e outras coisas. Algo aconteceu, eu sei.

— Você não faz ideia de como isso é impossível. Preciso ir embora agora, tenho um voo pra pegar.

— Mas...

— Adeus! Me desculpa...

Ele segurou a mão dela.

Ela parou, olhou triste em seus olhos. Soltou, abriu a bolsa, pegou todas as cartas e jogou aos pés de Henrique.

— Toma. Isto não pertence a mim, nem à Milena, nem a ninguém.

— Espera, por favor.

Ela se virou e correu em direção ao carro.

Ele tentou correr, mas desistiu, gritando, de longe:

— Ei, volte. Espere.

Mas ela não voltou.

E um pasmo Henrique não entendeu nada do que tinha acabado de acontecer.

67

Marina chorou até o aeroporto. E no primeiro terreno baldio parou e jogou fora o quadro que acabara de perder todo o sentido de ter sido pintado.

O aperto no peito era tão forte que ela mal conseguia organizar as ideias que atropelavam sua mente, num roteiro tão banal quanto impossível, tão confuso quanto vazio. Um filme que não tinha início nem final. O meio, uma tragédia patética em que os quatro personagens nunca se entenderam: Heitor não conheceu Marina; Marina nunca se correspondeu com Heitor; Milena não soube nada de nada; Henrique nunca falou com Milena. Heitor e Milena, dois inocentes. O que restou ela não percebeu que podia chamar, sim, de uma bela história: ela e Henrique. Ou melhor, ela como Milena e ele como Heitor.

Cyranos de Bergeracs modernos.

Marina jamais imaginaria que viveria tudo aquilo. E odiou Henrique, Julia, Heitor, Milena e qualquer coisa que a lembrasse de tudo.

Durante o voo, abriu seu *laptop*, criou uma *playlist* e deu o nome de "H". Acrescentou artistas com primeiras letras de nomes diferentes: Hinder, Adele, Travis, Evanescence, Yanni, Oasis, U2. As iniciais formavam "*Hate You*", o sentimento que atravessava seu peito. Adele cantou um lamento: "*Ao estar contigo, eu poderia ficar. Fecho meus olhos, sinto você aqui pra sempre. Você e eu juntos, nada é melhor. Mas há um lado de você que eu nunca conheci, nunca conheci. Tudo o que você diria nunca seria verdade, nunca é...*".³

Decidiu que, ao colocar o pé fora daquele avião, esqueceria tudo.

3

When laying with you I could stay there, close my eyes, feel you here forever. You and me together, nothing is better. 'Cause there's a

side to you that I never knew, never knew. All the things you'd say,
they were never true, never true..."

68

Foi recebida no Charles de Gaulle por um funcionário da Gus&John. A diretoria queria agilizar o início dos trâmites legais de sua admissão e apresentá-la aos novos colegas de trabalho.

Pros primeiros dois meses, reservaram um *flat* pequeno, mas aconchegante, dentro do *Triangle d'Or*, o Triângulo de Ouro, formado pelas avenidas *Champs Elysées*, *Georges V* e *Montaigne*, esta última onde ficava o estúdio. Tempo suficiente para ela procurar onde morar e iniciar a vida de cidadã parisiense.

O trajeto entre o aeroporto e o *flat* deixou-a extasiada. O som do carro tocava uma sequência de canções da ZAZ: "*Eu quero o amor, a alegria, o bom humor... botar a mão no peito... descobrir minha liberdade*"⁴. Marina balbuciou qualquer coisa em resposta às perguntas feitas pelo motorista, de boca aberta e olhos grudados na janela. Não queria perder detalhe algum. Paris era muito mais linda do que tinha imaginado. Muito mais viva, vibrante, charmosa. Muito mais romântica. Muito mais Paris.

Instalou-se e mudou de roupa, enquanto o funcionário a aguardava na recepção do prédio. Vestiu *tailleur preto*, salto alto, retocou a maquiagem. Prendeu os cabelos num coque com fios à solta. Queria impressionar logo na chegada. Olhou-se no espelho e percebeu que conseguiria sem dificuldade seu objetivo.

Quando chegou à Gus&John, a ansiedade chegava a dificultar a respiração. O estúdio ficava na rua mais chique de Paris, num grande e velho casarão de fachada preservada, mas modernamente reformado para acomodar seu batalhão de profissionais. Estilistas, modelistas, piloteiros, fotógrafos, departamento de *marketing*, vendas, análise de

4

Je Veux d'l'amour, d'la joie, de la bonne humeur... j'veux crever la main sur le coeur... découvrir ma liberté

mercado e tendências. Intimidante, mas não para ela. Agarraria a chance com unhas e dentes.

Marina Albertini, de novo, agora é só com você.

Colocou os pés pela primeira vez na aconchegante recepção rústico-chique, madeira e vidro, e sentiu-se em casa. Por um instante, admirou as paredes preenchidas por capas de revistas famosas sobre a marca, algumas das quais ela já tinha folheado. A recepcionista olhou-a de cima abaixo, talvez por achar que fosse uma modelo à procura de emprego.

Marina utilizou o pouco que sabia de francês e conseguiu se apresentar. Aguardou um tempo curto, mas ficaria para sempre ali, naquele saguão, caso fosse preciso. Tinha esperado a vida toda por aquele momento.

René apareceu de chinelo de dedo, cabelo preso num rabo de cavalo, camisa básica branca e calça de sarja camelo. Veio com um largo sorriso, no que ela se levantou e abriu um maior ainda.

Abraçaram-se e a primeira frase a ouvir sobre o trabalho, corroborado pelo jeito que ele se vestia, foi:

— *Jamais tailleur!* — Levantou o indicador e fechou os olhos.

Naquelas poucas palavras, Marina decifrou tudo o que deveria esperar dali em diante. Paris estava apenas no início, e ela poderia ser a Marina Albertini que um dia desistiu de ser padeira no interior para tentar chegar o mais longe que conseguisse.

— *Oui, jamais tailleur!* — Sorriu, tirou o paletó e soltou o palito que prendia o coque.

Foi apresentada como "*Marina, la brésilienne qui a des mains magiques*" ao grupo de estilistas com quem trabalharia: os franceses Anne Marie, Michelle, Dominique, Jean Jacques e Henri; a colombiana Marta Jesus; o marroquino Yousef. Ela adorou o jeito deles a chamarem de "Marriná". René já tinha falado bastante sobre ela e todos a receberam com muita boa vontade, na recomendação de integrá-la o mais breve possível ao estilo Gus&John de ser e de trabalhar.

Conheceu seu novo mundo, seu canto, mesa, computador e o primeiro trabalho. Fariam, dali a duas semanas, um desfile de inverno só para imprensa e convidados. René passou a ela a tarefa

de criar um vestido, em três dias, inspirado no tema do desfile: *Passion et Lumières*. Paixão e Luzes, tudo em que ela não queria pensar. Por outro lado, o melhor momento para criar algo apaixonante e iluminado.

Tirou dúvidas com Anne Marie, a colega da mesa ao lado, com quase cinco anos de casa. Pediu croquis aprovados dos outros vestidos do desfile. Tentou decifrar o que eles queriam, perguntou quase tudo para Dominique, que também criava.

No canto da sala, a alternativa à criação de peças pelo computador: a sequência de novíssimas pranchetas, iluminadas por uma grande fileira de *spots*. O lugar onde foram concebidas muitas de maravilhosas criações que ela já tinha visto, agora também era seu lugar de criar. Em uma série de prateleiras laterais, todos os tipos de lápis de desenho, lápis de cera de todas as cores imagináveis. Papéis, borrachas, réguas. Tudo à mão. Escolheu o que precisava e sentou.

Posicionou o papel, segurou o lápis e fez o primeiro traço. Foi quando veio o forte choque no tendão do dedo médio da mão. O movimento em diagonal, sua marca registrada, saiu impreciso, frágil. A fratura mal curada cobrava novamente sua fatura. Sem deixar transparecer a dor, soltou o lápis e massageou a mão por debaixo da prancheta. Tentou mais uma vez. O traço também não veio.

Desesperou-se. Aquele era um momento crucial, seu primeiro trabalho, a hora de mostrar que era boa no que fazia. Não tinha desenhado desde o acidente, escondeu tudo de seus novos patrões. Movimentos corriqueiros há muito não eram mais problema, mas o pêndulo que a mão fazia para desenhar parecia uma faca entrando nas costas da mão.

Acalmou-se, voltou para sua mesa. Tentaria à noite, no flat, custasse a dor que fosse para custar. Dos seus problemas, este era o menor deles. O maior, a dor que não se restringia à mão. Lutava contra o fato de não parar de sentir pena de Heitor, e também de não conseguir deixar de pensar em tudo o que Henrique tinha dito ao longo daquele pouco menos de um ano.

"Quem é você?", ela escreveu num *post-it* e colou no alto da tela de seu computador. A pergunta sobre Henrique era, na verdade,

sobre ela mesma. Tentou decifrar a pergunta. Precisaria aumentar a quantidade de perguntas, se quisesse algum tipo de resposta convincente: "O que você quer?", "Quem você ama?", "Com quem gostaria de estar agora?", "O que significou tudo para você?".

Marina talvez soubesse suas próprias respostas. Gostaria de conhecer as respostas de Henrique, mas não sabia nem se ele gostaria de ser perguntado sobre aquilo. Não o conhecia, não sabia nada dele. Ou melhor, sabia sim. Sabia o mais importante, o sentido das palavras carregadas de paixão com que ele sempre escreveu. Definitivamente, os dois eram muito parecidos. Tinham vivido a mesma história. Todo o romantismo que Marina sempre procurou, encontrou nas palavras de um homem que escreveu sem saber o tanto que ela era linda. Que talvez nem se importasse com isso.

Amor à primeira leitura.

Tentou negar para si mesma que achou Henrique um homem belíssimo, interessante, atraente. Mas andava falhando nesta tentativa, porque havia pensado nele milhões de vezes desde que saiu da Souza & Porto. Procurou trazer a razão à frente de qualquer outro sentimento: *Estou em Paris, onde sempre sonhei. Minha vida é aqui, e tudo o que passou não volta mais. Não importa mais nada o que foi. O importante é o agora. Aquilo foi uma grande mentira.*

Ao final do dia, saiu e foi direto à farmácia. Comprou pomada analgésica e anti-inflamatória, correu para o *flat*. Gelo e massagem, intercalados com a bolinha de borracha. Apertou-a durante uma hora, até cansar. Mais gelo e pomada. Massagem. Bolinha. Às onze da noite, sentou e desenhou o tanto que conseguiu.

No dia seguinte cedo, foi direto à sala de René entregar o desenho. Ele pegou o croqui nas mãos, olhou de perto, afastou dos olhos, aproximou novamente, torceu o nariz, olhou para ela, virou a cabeça de lado.

— *Il y a des lumières, mais ça manque de passion* — devolveu a ela o desenho e voltou a trabalhar. — *Je vois pas ici les mains magiques que je suis sûr tu les a.*

René tinha razão: não estavam ali suas mãos mágicas... O desenho tinha luz, mas nenhuma paixão.

O prazo era curto, e ela precisava mostrar serviço. Ainda que uma tarefa desafiadora, não podia cobrar deles que fossem menos exigentes com o tempo. Aquilo era alta-costura. Altíssima! A paixão presa dentro de seu peito teria que ganhar vida, independentemente de sua mão querer ou não.

Durante o dia, estudou e folheou revistas na bela biblioteca de moda que a Gus&John mantinha numa sala de pé-direito duplo. Ao final da tarde, foi para casa com a missão autoimposta de voltar no dia seguinte com uma obra-prima.

69

Passou numa *boulangerie* e comprou *croissants* e suco de laranja em caixa. Chegou no *flat*, tirou a roupa e colocou água para encher a banheira. O frio em Paris beirava os oito graus, e a calefação sob o chão de madeira tornava o ambiente aconchegante. Pensar no vestido, a tarefa. Encantar, agora, não mais uma opção. Uma necessidade.

Entrou na banheira e lá ficou, olhar ao longe. Vestido, o dever. Henrique, o desejo.

Os pensamentos voaram para longe dali, ela passou a reconstituir a figura de Henrique. O jeito doce com que escreveu, as frases de carinho, a sensibilidade e o cuidado com as palavras, as lições de vida. O poder das palavras daquele homem, em sua viagem particular, capaz de tê-la feito sonhar muitas noites a ponto de negar um sentimento, agora não encontrava mais o empecilho da dúvida. Ele havia dito que, a partir de certo ponto, não falou mais como Heitor. Isso não saía de sua cabeça. Porque ela também, a partir de certo ponto, não havia mais falado como Milena. Na realidade, mesmo sem se conhecerem pessoalmente, tinham se apaixonado um pelas palavras do outro.

E, de dentro da sua banheira quente, em Paris, o lugar mais romântico do mundo, ela desejou Henrique. A pessoa real com quem tinha se correspondido durante tanto tempo agora tinha rosto, corpo, cheiro. Um homem belo, forte, diferente de todos os que ela conhecera. De olhos fechados, imaginou-os juntos, de corpos colados. Seu corpo estremeceu sob a água. Passou a mão no rosto, no peito, um na boca e outro no meio das pernas, por dentro das coxas, como se tocada pelas mãos fortes que o trabalho na cave havia talhado.

Contorcida e entregue, perdeu-se no tempo...

Ao sair da água, mole, exausta e satisfeita, colocou calcinha e blusa, selecionou em seu Ipod uma *playlist* de baladas da Indiana Nomma. Pegou a pomada, um balde de gelo, a bolinha de borracha. Colocou o fone, fechou os olhos e, conforme as canções invadiam sua mente, massageou a mão, mergulhou no gelo, tirou e apertou a bolinha por um minuto. Fez isso pelo tempo de nove canções.

Então, abriu os olhos e, calmamente, passou a colocar os traços no papel, subir e descer o grafite, delinear sombras, profundidade, para imprimir a luz e a paixão necessárias. Veio um choque nas costas da mão. Ela cerrou os dentes e continuou. Outro choque, mais forte. Ela não parou. A mão começou a tremer, e ela não se deu por vencida. A dor começou a subir pelo braço, uma lágrima escorreu. A canção dizia: "*Só peço que o destino seja bom e reserve a mim seu beijo. Não deixo que o silêncio acalme a vontade de ter no meu mundo imperfeito...*". Desenhava, agora, quase em câmara lenta. O lápis caminhou pelo papel, foi mais forte que a dor. A modelo não tinha olhos, boca, nariz. Nada mais que leves contornos de queixo, sobrelha e cabelos. Não tinha rosto, mas tinha alma. Tinha paixão.

Quando, enfim, deu por terminado, soltou o lápis no chão. A mão tremia. Ela mergulhou-a no balde de gelo, tomada pela dor. O vestido de noite era belíssimo.

Escaneou para dentro do computador, abriu em um *software* de *design* de moda e aplicou três estudos de cores. Imprimiu tudo. A escolha deixaria a critério de René. Para ela, bastava seu croqui em preto e branco. Tinha, nas mãos, a paixão por Henrique, completa, profunda, honesta, verdadeira. Nem um traço a mais, nem um a menos.

Por fim, assinou e escreveu, no canto direito do croqui, o nome *L'Amour de Gaia*.

70

O casarão chique onde aconteceria o desfile, apinhado de gente. Imprensa a postos, câmeras fotográficas e *tablets*, pronta para registrar um dos desfiles mais aguardados da estação em Paris. Editores do International Herald Tribune, do Daily Telegraph, das VOGUEs Itália e América. A nata da moda presente e ansiosa para ver o que a Gus&John apresentaria no seu *Passion et Lumières*.

Por muito tempo Marina esteve do lado oposto, à procura de informações, fotos, um depoimento para postar no blog. Daquela vez era diferente. Ela fazia parte do time das estrelas.

Então as luzes se apagaram e o fundo se acendeu, milhares de pequenas lâmpadas de *led* formaram um cenário mágico e o coração de Marina disparou. Era a primeira vez que colocava seu talento à prova. Estreia em altíssimo estilo. Sucesso, ali, significava sucesso mesmo. E fracasso, muito mais que seu significado puro e simples.

Uma a uma, as modelos vestiram as criações e atravessaram a passarela, sob *moving lights* que dançavam por entre a névoa artificial. Tudo sob o som ao vivo de um quarteto de cordas e um DJ tocando batidas lentas e densas.

O *L'Amour de Gaia*, costurado de forma brilhante pela equipe do estúdio, caiu preciso na linda modelo alemã escolhida para vesti-lo. Nem um centímetro a mais ou a menos sobrou em seu corpo esguio. Os aplausos calorosos e o abraço de Jean Jacques fizeram Marina ter certeza de que tinha acertado. René aplaudiu e olhou de longe, do outro lado do bastidor. Apontou o indicador para ela, trouxe a mão até o coração, deu dois tapinhas e sorriu.

Ao final do desfile, quando toda a equipe adentrou a passarela junto com a estilista-chefe Adrienne Bonnet, sob uma chuva de minúsculos papéis prateados e aplausos efusivos, Marina chorou e sorriu ao mesmo tempo. Tudo o que sempre sonhou para a vida profissional estava sob seus pés.

Na saída, a equipe resolveu comemorar em um dos bistrôs da beira da *rue des Abbesses*. O time perfeito: ela, seus novos amigos e Paris. Um violinista e um acordeonista rondaram a mesa com melodias típicas francesas. Eles brindaram ao sucesso do desfile, *beaujolais* e *foie gras*. Não queria que aquela noite terminasse nunca.

71

O amanhecer em Paris foi belíssimo. O céu aberto, entrecortado por rajadas de nuvens avermelhadas, era o início de um dia de folga no estúdio. Prêmio pelo sucesso alcançado na noite anterior. Passou num jornaleiro e comprou o *Le Figaro*. A matéria sobre o desfile era só de elogios pela simplicidade e beleza das criações. Uma das três fotos que estampavam a meia-página trazia a modelo alemã em seu vestido. Marina pulou e gritou em frente ao jornaleiro:

— Marina Albertini. Estilista famosa! — E deu gargalhadas.

Chegou à recepção do flat com os sapatos de salto alto numa das mãos e a bolsa na outra. Deu bom dia ao porteiro, entrou em casa e caiu na cama.

O pouco mais de duas semanas desde que desembarcara em Paris tinha sido de completo *stress*, pela obrigação imposta pela direção da Gus&John de que tudo saísse perfeito. Entendeu, na pele, o porquê de muita gente não aguentar a pressão do mundo da alta-costura.

E não conseguiu dormir.

Não estava feliz, não conseguia parar de pensar no Henrique.

Ninguém mais escreve cartas hoje em dia, ela se lembrou.

Ligou seu computador e digitou, no Google: "Caves Souza & Porto — Vila Nova de Gaia". No site da vinícola conheceu muito sobre a história de seu dono e herdeiro. Encantou-se ainda mais. Clicou em "Contato". O formulário abriu.

Sem medir as consequências de sua atitude, digitou:

"Henrique,

Aqui é a Marina, que esteve há pouco mais de duas semanas na Souza & Porto. Gostaria de me desculpar por ter aparecido e ido embora daquele jeito, mas eu estava confusa. Se puder, responda-me este contato com seu endereço de e-mail pessoal, para que eu lhe explique algumas coisas que têm a ver com você e comigo.

*Obrigada,
Marina Albertini".*

Clicou no "enviar" antes de se arrepender. E caiu na cama, vencida, enfim, pelo sono.

72

Dormiu o dia inteiro.

Acordou com a noite sobre Paris.

Foi direto ligar o computador e conferir o e-mail.

Henrique tinha respondido há algumas horas. E ela abriu a mensagem, mãos trêmulas e coração apertado.

"Marina,

Desculpe-me, mas realmente não entendi nada. Você apareceu aqui, perguntou sobre a Milena e o Heitor. Quando lhe disse o que aconteceu, você foi embora sem dar-me uma hipótese de explicar melhor o que fiz.

Se tem algo a me contar, gostaria muito de saber.

Saiba que, mandei esta semana uma carta para a Milena e contei tudo, mesmo imaginando que você já o tivesse feito. Eu precisava deixar clara a minha versão dos factos. Como você bem disse, acho que ela não vai mesmo responder. E hoje sei que tudo foi um engano. Se puder, diga-lhe que sinto muito.

E para que você saiba, eu não fui frio, insensível, incorreto com os sentimentos da Milena. Na verdade, havia algo que me mandava seguir em frente. Algo muito mais forte que o medo de errar.

No início, fiz o que o Heitor pediu. Se fui além, foi de coração. Não há porque me arrepender. Um dia ainda entenderei tudo.

Cordiais saudações,

Henrique de Lourenço"

Marina tinha esperado que ele perguntasse quais eram as tais coisas que teriam a ver com os dois. A cortante frieza da resposta foi um balde de água fria, e ela ficou sem reação.

Sabia exatamente o que andava com vontade de dizer a ele. Coisas que não tinham nada a ver com Milena e Heitor.

Faltava-lhe coragem.

Mas precisava contar a ele que a Milena não ia mesmo nunca responder aquela e nenhuma outra carta que ele mandasse.

Antes de continuar, telefonou para Dona Jane no Brasil e pediu que picotasse as correspondências de Heitor, Henrique ou qualquer outra que não fosse para o novo dono da caixa 787. A amiga perguntou o motivo, mas Marina só disse:

— Porque a Milena, a partir de agora, não existe mais. Clicou em "Responder" e digitou:

"Henrique,

Preciso lhe contar algo muito difícil para mim, e sei que será para você também ao saber. Desde que saí correndo da sua frente, não me perdoei por não ter esclarecido tudo de uma vez por todas. Não fui justa com você, com o Heitor nem com a Milena. Acho que, no final das contas, nem comigo mesma. E estou aqui para te pedir perdão, ao mesmo tempo em que peço perdão todos os dias aos dois, por ter vivido o que não era meu direito viver.

Tirou as mãos suadas e trêmulas do teclado, olhos cheios, cuidado com as palavras. Mas não pararia até terminar e enviar o e-mail. E continuou:

A primeira carta que o Heitor recebeu não foi escrita pela Milena. Como também não foi nenhuma das cartas seguintes, nem será respondida esta última que você mandou.

E a explicação para isso é que uma pessoa foi contratada para se corresponder com ele. Alguém próximo, um familiar, isso não importa aqui, queria diminuir o sofrimento dele e pagou para que essa pessoa se fizesse passar pela Milena. Sabia que tinha sido o grande amor da vida de Heitor. Um grande amor que não faz a menor ideia de que falamos em seu nome. Que nem sei se está vivo ou não, onde mora, se tem outra pessoa ou se acharia justo que tudo isso tivesse acontecido sem seu consentimento.

Mas o fato é que uma série de acontecimentos e coincidências fez aquela primeira carta (a que ele ditou e você escreveu) cair em minhas mãos. Tive pena, achei que não merecia deixá-lo sem resposta. De tal forma que assumi o lugar da pessoa contratada, que tinha, por sua vez, assumido o lugar da Milena. Confuso, mas foi assim.

Eu não conheço a Milena!

Sei que para você será doloroso ler que ela nunca esteve presente nesta correspondência. Da mesma forma que, para mim, foi doloroso saber que Heitor esteve presente apenas na primeira carta. Sensação de ter sido enganada, de ter feito papel de tola por quase um ano? Se sim, fomos dois tolos. Ou será que o que deve ficar é a sensação de ter aprendido, crescido? Quem dirá? Imagino que seu sentimento agora, por confuso que pareça, seja o mesmo que tive quando descobri tudo.

Hoje, sei que o Heitor partiu com uma paz interior muito maior do que partiria se não tivesse lido aquela carta. Se era falsa? De que importa agora? Talvez toda a correspondência tenha sido falsa no início, mas tanto eu quanto você aos poucos nos envolvemos pela história deles e pelas palavras que escrevíamos, inspirados pelo amor que os dois tiveram na juventude.

Arrependo-me de ter saído correndo de Vila Nova de Gaia. Hoje, pergunto-me: "Por que não falei tudo, por que não contei que fizemos exatamente a mesma coisa?". Talvez tivéssemos dado risadas e, ali mesmo, teríamos nos apresentado de verdade, pela primeira vez. Acho que a reação de decepção foi muito mais por conta da expectativa que criei, e quando soube que você respondeu só por conta de uma promessa feita a Heitor, não quis admitir que fiz a mesma coisa ao responder por pena dele.

Hoje não sou capaz de dizer o que para mim significou ter vivido isto. Só sei que também não me arrependo. Eu sabia que eu não era a Milena, da mesma forma que você sabia que você não era o Heitor. Eu também não sabia que o Heitor era você, nem você que a Milena era eu. Talvez estivéssemos cumprindo algo que o destino nos confiou. Você disse aquele dia em Vila Nova de Gaia: "Apostei no destino". Isso jamais saiu da minha cabeça, porque foi

exatamente o que fiz: apostei no destino. Talvez estivéssemos refazendo os passos dos dois. Do Cavalo Lusitano e das rosas. Independentemente das razões, ninguém fez nada por mal. Disso eu tenho certeza.

Heitor e Milena, Henrique e Marina, "H" e "M"...

Rezo todos os dias pelos dois, estejam onde estiverem, e agradeço a Deus ter partilhado do amor que tiveram na juventude...

Marina Albertini"

Ela acabava de jogar aos pés de Henrique a declaração de amor que jamais havia feito antes a alguém. Subverteu a ordem, não esperou pela declaração dele. Os dois foram enganadores e enganados ao mesmo tempo, mas o destino faz das suas e, em se tratando de destino, nada é certo, nada é errado. Apenas é, não há explicação.

A decisão, agora, estava nas mãos de Henrique.

73

Mas ele não respondeu o e-mail.

Como ela poderia ter previsto...

Mas não previu, porque quis muito a resposta. Que ele dissesse que sentia por ela tanto desejo quanto ela por ele. Que passasse a encarar da mesma forma: Heitor e Milena tinham sido os verdadeiros anjos carteiros. Que, mesmo sem saber, foram os responsáveis pelo encontro dos dois.

Marina percebeu que agiu como todas as pessoas que recebiam as "falsas" cartas, nas palavras de Julia: " [...] *as pessoas pra quem escrevo querem que tudo seja verdade. Não é questão de ser ou não verdade. A verdade mora em cada um que acredita [...]*". E lembrou-se de todos os sinais que Henrique havia dado. Como não pôde desconfiar de algo que esteve o tempo todo diante de seus olhos? A letra firme e arredondada, o pedido que não se encontrassem, os trechos em que ele dizia ter coisas a revelar. O claríssimo "quero que saibas que ainda não te disse nada". Henrique falou o tempo todo de si, não de Heitor: a mulher falecida há cinco anos, o Cavalo Lusitano, os vinhos. Citou o próprio nome: Lourenço.

Se tivesse telefonado para Santa Ana, procurado Heitor, teria evitado tudo. Por outro lado, não ter ligado também fez com que conhecesse a verdadeira essência de Henrique, cheia de sensibilidade, carinho e respeito pelo sentimento de outra pessoa. Ela sabia, no íntimo, que tinha sido feliz por ter feito parte daquilo.

Mas não estava mais feliz.

A tristeza caiu sobre as costas de Marina. Roteiro mais banal impossível: a conquista do sonho profissional e a desilusão amorosa. Desilusão amorosa por uma pessoa que ela viu por nada mais que poucos minutos. Mas que tinha escrito coisas que embalaram seu sono e fizeram parte de seus melhores sonhos durante o ano que chegava ao fim.

Marina era grata a Heitor, mas não conseguia mais visualizar a imagem que criara dele. Ela já tinha substituído integralmente pela figura de Henrique, e associado todas as cartas ao homem que conhecera em Vila Nova de Gaia. Heitor não existia mais, a não ser na frágil lembrança do rosto que ela inventou.

Todo o romantismo que sempre esteve presente em suas convicções estava ali, traduzido na forma sincera como ela tinha amado as palavras de Henrique. Ele também tinha amado suas palavras, foi isso o que disse. E por que motivo não a procurava? Medo? Raiva? Desistiu de tentar criar teorias. Se não procurou, isso ia além da vontade dela. Só lhe restava aceitar.

Selecionou a lista chamada "H", que tinha criado no voo entre Porto e Paris. Excluiu os três primeiros artistas: Hinder, Adele e Travis. Trocou por Lifehouse, OneRepublic, Van Halen...

No dia 14 de dezembro, Marina voltou ao Brasil para o baile de formatura. Prometeu retornar a Paris com ideias para a coleção de primavera, em março, que já estavam começando a desenhar. René apostava nela como uma das estrelas capazes de fazer a diferença.

— *Le Printemps de Marriná!* — Ele decretou, sorrindo.

E autorizou que ela confeccionasse o *Jardim de Santa Ana* para sua primavera particular. Quando provou o vestido, foi a transposição perfeita do papel para a realidade. A modelo que ela tinha desenhado, e impressionado a Gus&John a ponto de contratá-la, era ela própria. Quando as amigas Dominique e Jesus a viram vestida, só tiveram uma palavra:

— *Fantastique!*

Thaís e Francesca foram recebê-la no aeroporto, e a gritaria foi generalizada quando ela despontou no desembarque. Foram direto para um bar. As amigas já sabiam de quase tudo de Paris, porque viviam trocando e-mails, *skype*, MSN. Mas queriam ouvir tudo de novo, tim tim por tim tim. Sobre lugares, desfiles, trabalho, o *glamour* do mundo da moda parisiense. E cada uma contou como andavam as coisas: Francesca e Fabrízio apaixonados; e Thaís já podia chamar Marina de cunhadinha com razão.

— Amiga, consegui terminar o livro! Já tá na gráfica.

— Que maravilha! Pelo visto o Tiziano tá te fazendo muito bem.

— Ele é maravilhoso, divertido, não canso de dar risadas.

— Eu sabia que as bobearas dele um dia serviriam pra alguma coisa — Marina levantou as mãos para o céu. — Mas vou dar uns conselhos pra ele cuidar direitinho de você, senão o pau vai comer.

— Valeu! E... Eu queria te contar uma coisa.

— O que? Tá grávida?

— Que grávida o que, ô! Calma! Não é nada disso.

— Ufa!

— É que eu criei uma personagem no livro inspirada em você. A menina que vai pra Paris, encontra o grande amor por lá. Coloquei seu nome, contei um pouco da sua história ali. Espero que não fique brava, mas fiz de coração.

— Ô, amiga. Obrigada. Que presente mais legal esse!

— Você merece, afinal de contas me ajudou a terminar o livro, mesmo que indiretamente, né? — E piscou um olho.

— Você quase acertou na personagem. Só em relação ao grande amor é que, por enquanto, não bate.

Marina, então, contou todos os detalhes sobre Henrique. E confessou às duas que tinha se apaixonado por ele. As duas não se impressionaram.

— Amiga, deixa isso pra lá... — Disse Francesca, com cara de quem não deu a mínima.

— É, cunhadinha, esse Henrique, pelo visto, não é nada disso.

— Ah, ele é sim. Ô se é! Bonito demais! Sabe o Luca?

— Melhor?

— Mil vezes mais bonito... E é romântico, toca violão, é sensível...

— Quem sabe ele não aparece quando você menos esperar? — Provocou Francesca.

— Disso eu duvido! É caso passado já...

75

Quando Marina despontou no salão, acompanhada pelos pais, a festa quase parou. A mulher mais linda do lugar. O mundo da alta-costura tinha sido ótimo professor da arte de se vestir bem, de saber impressionar. Ela, enfim, tinha conseguido tudo o que desejara na infância: provocar admiração com seu bom gosto; usar o tom certo sobre o tecido certo; entender a importância do detalhe bem colocado num trecho de roupa, que todos ao redor notariam em poucos segundos.

Estava iluminada. Luz e paixão, a menina de Paris. Vestia seu *Jardim de Santa Ana*, deslumbrante, sobre um salto alto. Os longos cabelos loiros ganharam cachos soltos nas costas. A maquiagem leve e o batom vermelho claro deixaram-na parecida com um anjo. Francesca, de mãos dadas com Fabrício, e Thaís, agarrada no braço do Tiziano, vieram recebê-los. A banda tocava músicas de Ray Conniff, Frank Sinatra, Nat King Cole, a pista apinhada de casais dançando colados.

Marina se segurou pra não chorar ao reencontrar tantos amigos, muitos dos quais sabia que não veria mais por longo tempo. No trajeto até o grupo de mesas reservadas a ela, viu Luca ao lado da nova namorada. Desviou. Ela estava muito feliz para lhe desejar algo de ruim. Não sentiu nada por ele, mas pena da menina.

Ao chegar, encontrou Seu Patrício sentado entre Dona Jane e outra senhora que ela nunca tinha visto. Conversavam animados. Cabelos levemente grisalhos, muito bonita, olhos castanhos, sorriso no rosto, dava risadas de coisas que ele falava. Não a conhecia, e achou muito legal que Seu Patrício estivesse acompanhado. Mas Dona Ângela, então, apressou-se em apresentá-la:

— Filha, quero que conheça uma pessoa.

Marina sorriu, e disse:

— Muito prazer, seja bem-vinda. Se é amiga do Seu Patrício, então é minha amiga também. Espero que goste da festa.

— Muito prazer, minha filha. Milena Carvalho. Não sou amiga dele. Conheci há alguns minutos, e ele é uma graça! — Deu uma piscadinha, abriu um lindo sorriso e colocou uma rosa vermelha na mão da Marina.

As pernas de Marina bambearam. Levantou uma das sobancelhas, desconfiada.

— Milena? A Milena que... A Milena do...

— Sim, essa mesma. Aquela que você foi durante este ano que passou.

Marina começou a sorrir, calada.

— E eu só tenho a te agradecer por tudo o que fez por mim e pelo grande amor que tive pelo Heitor. Tenho orgulho de ter sido representada por uma menina tão linda e encantadora como você.

— Mas... Mas... Como? Meu Deus! Eu... Nossa! — Abraçaram-se por um longo tempo. Milena estava com os olhos cheios e o brilho no olhar. E disse:

— Eu já sei de tudo, pode ficar tranquila. Sobre o anjo carteiro, sobre as cartas que você mandou como se fosse eu. Li cada uma delas com calma, e saboreei suas palavras como se eu mesma tivesse escrito. Você escreveu com a mesma paixão que eu escreveria. E a primeira carta, aquela que foi ditada por ele, ficou comigo para sempre.

Marina ouvia a tudo encantada. E perguntou:

— Posso te perguntar o que aconteceu entre você e o Heitor?

— Claro! O Heitor era bem mais velho que eu. Eu tinha dezenove e ele trinta e quatro.

A exata diferença de idade entre mim e ele.

Milena continuou:

— Ele sempre achou que fui embora por causa dos estudos e o esqueci. Mas meus pais nunca admitiram que pudéssemos ficar juntos, por ele ser bem mais velho, ainda mais àquela época. Me mandaram para a Europa. Perdi contato, tentei achá-lo, mas ele não estava mais no Brasil. Nunca o esqueci, não tinha como. E depois de ler a carta que ele escreveu, sei que nunca saí de seu coração, do mesmo jeito que ele nunca saiu do meu. Um dia sei que vamos nos reencontrar.

Os olhos de Marina brilharam.

— E agora é minha vez de retribuir e aceitar a missão que o destino ofereceu a mim e ao Heitor. Quero te entregar esta outra carta aqui, de uma pessoa que descobriu que te ama de verdade — Milena colocou um envelope nas mãos da Marina e ficou segurando-a. — Divirta-se, hoje, seu dia, e depois leia com todo o amor que há dentro de você. Não faça como eu fiz. Não deixe de ir atrás de quem você ama até encontrá-lo. Não abra mão da coisa mais importante que você pode dedicar a alguém: o amor verdadeiro. Seja feliz, porque você merece!

Marina riu e chorou ao mesmo tempo, cuidando para não borrar a bela maquiagem sob os olhos.

— Mas... Como é que ele... Que você... — Então olhou para Dona Jane, que sorria, e entendeu tudo. — Obrigada, amiga! — Disse isso com o coração tomado pela felicidade.

Foi quando algo chamou sua atenção sobre a mesa. Dois coelhos de perfil, em pé, um de frente para o outro, estampados numa bela garrafa de vinho do Porto.

Olhou para trás e o sorriso aberto da Francesca e da Thaís, paradas próximas às pessoas dançando no salão, indicava que elas também já sabiam de tudo. As três não contiveram as lágrimas.

— Você merece muito mais, amiga! — Marina pôde ler os lábios de Francesca.

— Muito! — Thaís gritou e jogou um beijo.

Então, segurando a carta sobre o peito, Marina teve certeza de que faria novamente uma escala entre São Paulo e Paris...

Uma semana depois...

O primeiro dia do inverno aquele ano foi ameno na Península Ibérica. O cenário, em diferentes tons de bege e marrom, sob a leve névoa da manhã, desenhava o clima nostálgico e misterioso de um momento único.

Marina vestia o *Jardim de Santa Ana*, sandália de dedo, os cabelos soltos nas costas voavam com o vento que envolvia seu corpo. Parada sob a mesma oliveira em que esteve quando conheceu Henrique, admirava uma roseira que jazia no início da queda do terreno.

E foi que, durante um tempo impreciso, o dedilhado de um violão invadiu seus ouvidos, fez o corpo estremecer e o coração bater mais forte. Fechou os olhos, sorriu, apenas deixou a grave voz cantar- lhe a mágica história.

"... Largo a espera e sigo o sul. Fica forte, sê amada. Quero que saibas que ainda não te disse nada... Pede-me a paz, dou-te o mundo..."

Então, Marina se virou.

Créditos das citações

- **Habanera** (*O amor é um pássaro rebelde*) – Georges Bizet, adaptada da canção "El Arreglito", por Sebastián Iradier;
- **Lento** – Julieta Venegas, no álbum "Sí!" – 2003 – BMG Entertainment Mexico, SA;
- **O anjo mais velho** – Fernando Anitelli – O Teatro Mágico, no álbum "Entrada para Raros" - 2003;
- **Se eu fosse um dia o teu olhar** – Pedro Abrunhosa, no álbum "Tempo" – 1996;
- **Set fire to the rain** – Adele, no álbum "21" – 2011;
- **Je Veux** – ZAZ, no álbum "ZAZ" – 2010;
- **O meu lugar** – Maurício Gomyde, interpretado por Indiana Nomma, no álbum "Nove Canções" – 2012.

